

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –

Campus de São José do Rio Preto

AMANDA TREMURA DA SILVA

**A EXPRESSÃO DO SABER E DO DEVER DO FALANTE POR MEIO DE
CONSTRUÇÕES MODALIZADORAS EM OBRAS DE AUTOAJUDA EM
ESPAÑHOL PARA MULHERES**

São José do Rio Preto

2025

AMANDA TREMURA DA SILVA

**A EXPRESSÃO DO SABER E DO DEVER DO FALANTE POR MEIO DE
CONSTRUÇÕES MODALIZADORAS EM OBRAS DE AUTOAJUDA EM
ESPANHOL PARA MULHERES**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Denise Gasparini Bastos

São José do Rio Preto

2025

S586e Silva, Amanda Tremura da
A expressão do saber e do dever do falante por meio de construções modalizadoras em obras de autoajuda em espanhol para mulheres / Amanda Tremura da Silva. -- São José do Rio Preto, 2025
129 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Sandra Denise Gasparini Bastos

1. Linguística. 2. Funcionalismo. 3. Modalidade (Linguística). 4. Autoajuda. 5. Mulheres. I. Título.

AMANDA TREMURA DA SILVA

**A EXPRESSÃO DO SABER E DO DEVER DO FALANTE POR MEIO DE
CONSTRUÇÕES MODALIZADORAS EM OBRAS DE AUTOAJUDA EM
ESPANHOL PARA MULHERES**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Data da defesa: 13/12/2024

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - *Campus* de São José do Rio Preto

Prof^ª. Dr^ª. Anna Flora Brunelli
UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Campus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
UEM - Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Campus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A Deus, por me guiar.

À minha família, por me ensinar os valores da vida e me incentivar em todos os meus sonhos. Ela foi a luz que me guiou até aqui. Agradeço à minha mãe, Cláudia, por ter feito o que podia e, até mesmo, o que não podia para me ver feliz. Agradeço, também, à Palmira, a melhor avó que eu poderia ter e que sempre esteve ao meu lado para tudo o que precisei, uma segunda mãe. Não poderia esquecer, jamais, meus tios, Carlota e José Rubens, os quais foram como pais, dando-me todo o amor que precisei. Agradeço aos meus primos, Ana Paula e José Ricardo, por serem os irmãos que nunca tive e me acompanharem nesta jornada.

À minha orientadora, Sandra Denise Gasparini Bastos por me acolher e me guiar na jornada acadêmica, desde a Iniciação Científica à pós-graduação. Obrigada por acreditar na minha capacidade, por dedicar sua confiança em mim, por ser paciente e por seu carinho. Estes últimos anos não foram fáceis, mas nos reinventamos e continuamos aqui. Nela, além de uma ótima orientadora, eu encontrei uma amiga. Se hoje sou uma linguista melhor, devo a ela.

Ao Ibilce, por ser a minha segunda casa durante todos os anos de graduação e pós-graduação. Durante estes anos, conheci pessoas que sempre estarão comigo em meu coração.

Aos meus amigos, em especial à Ketilin, Brenda, Giovana, Emily, Isabelle e Cris, que compartilharam comigo maravilhosos momentos.

“Não precisamos que nos deixem em paz.
Precisamos realmente ser incomodados de vez
em quando.”

(Fahrenheit, 2020, p. 74).

RESUMO

A partir de uma perspectiva funcional da linguagem (Dik 1997a; 1997b), este trabalho tem por objetivo descrever e analisar os elementos modalizadores presentes em duas obras de autoajuda de autoria feminina, escritas em língua espanhola e voltadas ao público feminino, a fim de verificar como tais elementos atuam na qualificação do saber e do dever da falante/escritora em sua estratégia de convencimento da ouvinte/leitora. Para este propósito, é adotada a classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004), que serve de referência para o tratamento das modalidades na Gramática Discursivo-Funcional (GDF). A modalidade, enquanto categoria semântica, insere-se dentro do Nível Representacional da GDF, incidindo sobre diferentes unidades neste nível. Esta pesquisa considera quatro dos subtipos modais propostos por Hengeveld (2004): a modalidade facultativa (relacionada a capacidades e habilidades), a modalidade deôntica (relacionada a obrigações e permissões), a modalidade epistêmica (relacionada aos conhecimentos e crenças) e a modalidade volitiva (relacionada à expressão dos desejos). Considera, ainda, os alvos possíveis da avaliação modal (participante, evento ou proposição). Além do objetivo geral, a pesquisa compreende os seguintes objetivos específicos: a) verificar como os modalizadores epistêmicos indicadores de certeza contribuem para a expressão do saber e da convicção da falante/escritora; b) verificar de que maneira os modalizadores deônticos contribuem para a expressão do dever e para a construção da autoridade da falante; c) verificar como a orientação da modalidade (participante, evento, proposição) pode interferir no (des)comprometimento da falante com relação ao conteúdo veiculado; d) verificar os efeitos de sentido provocados pela coocorrência de elementos modalizadores de domínios semânticos iguais ou diferentes. Para alcançar os objetivos propostos, são selecionados os seguintes critérios de análise: a classe gramatical a que o modalizador pertence; a pessoa gramatical e a referência do sujeito; o alvo da avaliação modal; as unidades do Nível Representacional, no modelo da GDF, que estão sob o escopo dos modalizadores; as possibilidades de coocorrência de elementos modalizadores. Os resultados obtidos no levantamento feito nas duas obras mostram que a modalidade epistêmica é a mais frequente, seguida das modalidades facultativa, deôntica e volitiva. Na análise de cada obra individualmente, os valores modais permanecem com a mesma frequência, porém com diferenças em relação aos demais critérios de análise. Na obra *La mujer interior: ¿eres consciente del poder que tienes?*, a maior frequência da modalidade epistêmica orientada para o evento mostra o descomprometimento da falante e o seu distanciamento, não comprometendo a sua qualificação; na obra *A mi amada*, o emprego de modalizadores epistêmicos orientados para a proposição é mais recorrente, acentuando o comprometimento da falante com o valor de verdade de seus enunciados. Pode-se entender esses resultados com base em duas cenografias diferentes, respectivamente: uma mãe aconselhando a filha e uma amiga conversando com outra amiga. Em relação à coocorrência modal, foi possível observar o reforço da convicção ou o reforço da dúvida (coocorrência de epistêmicos), o reforço da autoridade (coocorrência de deônticos) e a construção da convicção da falante para destacar a capacidade do ouvinte (coocorrência de epistêmicos e facultativos).

Palavras-chave: funcionalismo; modalidade; expressão do saber; expressão do dever; autoajuda; língua espanhola.

ABSTRACT

Grounded in a functional approach to language (Dik, 1997a; 1997b), this study aims to describe and analyze the modal elements identified in two Spanish-language self-help books, written by women and aimed at a female audience. Our objective is to investigate how these elements shape the speaker's (writer's) expressions of “knowledge” and “obligation” in their strategy to persuade the addressee (reader). To this end, we adopt the classification of modality types proposed by Hengeveld (2004), which serves as a reference for addressing modality within Functional Discourse Grammar (FDG). In FDG, modality is treated as a semantic category at the Representational Level, with the potential to scope over different units within it. In this study, we focus on four modality types classified by Hengeveld (2004): facultative modality (related to capacities and abilities), deontic modality (related to obligations and permissions), epistemic modality (related to knowledge and beliefs), and volitive modality (related to the expression of desires). We also consider participants, events, and propositions as the potential targets of modal evaluation. Our specific objectives are: a) to analyze how epistemic modal markers expressing certainty contribute to the speaker's expressions of knowledge and conviction; b) to investigate how deontic modal markers contribute to the expression of obligation and to the construction of the speaker's authority; c) to evaluate how modality oriented towards participants, events, or propositions affects the speaker's level of (un)commitment; d) to determine the effects of meaning arising from the co-occurrence of modal elements from the same or different domains. To achieve the objectives of this study, the following analysis criteria are considered: the grammatical class of the modal marker; the grammatical person and the reference of the subject; the target of modal evaluation; the units of the Representational Level in FDG scoped by modal markers; and the co-occurrence patterns of modal elements. The results indicate that epistemic modality is the most frequently employed in both books, followed by facultative, deontic, and volitive modalities. When examining each book individually, the frequency of modal values remains the same; however, differences emerge in all other criteria. In *La mujer interior: ¿eres consciente del poder que tienes?*, the predominance of event-oriented epistemic modality indicates the speaker's detachment and non-commitment. In contrast, *A mi amada* presents a higher frequency of proposition-oriented modal markers, reflecting the speaker's high commitment to the truth of the proposition. These findings suggest two distinct enunciation scenes: one resembling a mother offering advice to her daughter and the other resembling a friend engaging in dialogue with another friend. We also found that the co-occurrence of modal elements indicates different strategies: reinforcement of certainty or uncertainty (through co-occurrence of epistemic elements); reinforcement of authority (through co-occurrence of deontic elements); and construction of the speaker's conviction to emphasize the listener's capacities (through co-occurrence of epistemic and facultative elements).

Keywords: functionalism; modality; expression of knowledge; expression of obligation; self-help; Spanish.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Continuum</i> entre o certo e o possível	31
Figura 2 – Valores sêmicos da modalidade deôntica	35
Figura 3 – Arquitetura geral da GDF	43

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Relação entre o alvo da avaliação e o domínio semântico	30
Quadro 2 – Relação entre as camadas da Gramática Discursivo-Funcional e as modalidades	48
Quadro 3 – Relação entre as camadas da GDF e as modalidades deôntica e epistêmica	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de modalizadores identificados no <i>corpus</i>	68
Tabela 2 – Modalizadores epistêmicos e classes gramaticais	70
Tabela 3 – Relação entre domínio semântico epistêmico e pessoa gramatical do sujeito	72
Tabela 4 – Modalidade epistêmica e alvo da avaliação modal	74
Tabela 5 – Certeza e dúvida em <i>LMI</i>	76
Tabela 6 – Certeza e dúvida em <i>AMA</i>	79
Tabela 7 – Modalidade epistêmica e as unidades do Nível Representacional	82
Tabela 8 – Modalizadores facultativos e classes gramaticais	86
Tabela 9 – Relação entre domínio semântico facultativo e pessoa gramatical do sujeito	87
Tabela 10 – Modalidade facultativa e alvo da avaliação modal	89
Tabela 11 – Modalidade facultativa e as unidades do Nível Representacional	91
Tabela 12 – A modalidade deôntica e as classes gramaticais	92
Tabela 13 – Relação entre domínio semântico deôntico e pessoa gramatical do sujeito	95
Tabela 14 – Modalidade deôntica e alvo da avaliação modal	98
Tabela 15 – Modalidade deôntica e as unidades do Nível Representacional	101
Tabela 16 – Modalizadores volitivos e classes gramaticais	102
Tabela 17 – Relação entre domínio semântico volitivo e pessoa gramatical do sujeito	103
Tabela 18 – Modalidade volitiva e alvo da avaliação modal	105
Tabela 19 – Modalidade volitiva e as unidades do Nível Representacional	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMA	A mi amada
C	Controle
D	Evento
(e)	Estado de Coisas
(ep)	Episódio
(f)	Propriedade Configuracional
F	Força
GDF	Gramática Discursivo-Funcional
GF	Gramática Funcional
L	Referência temporal
LMI	La mujer interior: ¿eres consciente del poder que tienes?
NR	Nível Representacional
P	Factualidade do evento
(p)	Conteúdo Proposicional
(x)	Indivíduo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	MODALIDADE E FUNCIONALISMO.....	18
2.1	A modalidade e seu percurso: da lógica à linguística.....	18
2.2	Formas de expressão da modalidade.....	23
2.3	Classificação das modalidades segundo Hengeveld (2004).....	25
2.3.1	Alvo da avaliação modal.....	26
2.3.2	Domínio semântico da modalidade.....	28
2.4	A modalidade epistêmica e a qualificação do saber.....	30
2.5	A modalidade deôntica e a expressão da autoridade.....	33
2.6	A Gramática Discursivo-Funcional (GDF).....	41
2.6.1	O Nível Representacional e as modalidades.....	44
2.6.1.1	Conteúdo Proposicional (p).....	46
2.6.1.2	Estado de Coisas (e).....	46
2.6.1.3	Propriedade Configuracional (f).....	48
2.7	Ethos discursivo e cenas da enunciação.....	48
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
3.1	Sobre o <i>corpus</i> de pesquisa.....	52
3.2	Critérios de análise.....	57
3.2.1	As classes gramaticais.....	57
3.2.2	A pessoa gramatical.....	59
3.2.3	O alvo da avaliação modal.....	63
3.2.4	As unidades do Nível Representacional da GDF.....	64
3.2.5	A coocorrência de modalizadores.....	66
3.2.6	Ethos discursivo e cenas de enunciação.....	66
4	A EXPRESSÃO DO SABER E DO DEVER DO FALANTE.....	68
4.1	Modalidade epistêmica.....	69
4.2	Modalidade facultativa.....	85
4.3	Modalidade deôntica.....	91
4.4	Modalidade volitiva.....	102
4.5	A coocorrência de modalizadores.....	106
4.6	Ethos discursivo e cenas de enunciação.....	110

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
	REFERÊNCIAS.....	124

1 INTRODUÇÃO

A partir de uma visão funcionalista da linguagem, a modalidade pode ser entendida como uma forma de manifestação da subjetividade do falante em relação aquilo que ele enuncia, ou seja, a sua atitude perante o enunciado produzido.

A modalidade é tema de estudos em diferentes línguas e sob diferentes perspectivas teóricas (Lyons, 1977; Perkins, 1983; Palmer, 1986; Heine, 1995; Silva-Corvalán, 1995; dentre outros) que contribuem para a expansão do tema e como ponto de partida para outras investigações. Em língua portuguesa, os estudos de Neves (1996, 2000a, 2021, dentre outros) servem de referência a muitos trabalhos sobre o tema (Dall’aglio-Hattnher, 1996; Casseb-Galvão, 1999; Castilho, 2000; Prata; Nogueira, 2017; Oliveira, 2020). Também em língua espanhola, língua analisada neste trabalho, a modalidade tem sido objeto de investigação a partir de uma perspectiva funcionalista da linguagem, como mostram os trabalhos de Ferrari (2009), Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), Rinaldi (2015), Durigon (2015), Olbertz e Dall’Aglio-Hattnher (2018), Oliveira, Nogueira e Prata (2017), dentre outros.

Alguns trabalhos mostram a análise de elementos modais servindo como base para investigações em outros referenciais teóricos, como por exemplo a Análise do Discurso de linha francesa, o que pode ser observado no trabalho de Brunelli (2004). Nesse mesmo cenário, insere-se o trabalho de Brunelli e Dall’Aglio-Hattnher (2009) e outros semelhantes, voltados tanto para a descrição de elementos modalizadores do português (Brunelli; Gasparini-Bastos, 2008; Verni; Brunelli; Gasparini-Bastos, 2019), como do espanhol (Brunelli; Gasparini-Bastos, 2011, 2012; Gasparini-Bastos; Brunelli, 2019).

O que todos esses últimos trabalhos comentados têm em comum é o fato de analisarem elementos modalizadores extraídos de obras de autoajuda, escritas tanto em português como em espanhol, comprovando que as obras de autoajuda se configuram como um material rico para a análise de ocorrências da modalidade.

O nosso interesse pelo estudo de elementos modalizadores teve início em Estágio realizado em nível de Iniciação Científica, que se voltou para a análise de casos de coocorrência de verbos, adjetivos e advérbios modais em uma obra de autoajuda espanhola dirigida ao público esportista.¹ O alto número de modalizadores presentes na obra fez-nos, posteriormente, seguir com o interesse pela investigação de elementos modais em obras de autoajuda escritas em língua espanhola, resultando na presente investigação, que se volta para

¹*Entrénate para la vida*, de Patricia Ramírez (2012).

a análise de duas obras de autoajuda em espanhol.

Diferente do público-alvo da pesquisa desenvolvida em Estágio de Iniciação Científica, na presente pesquisa, preferimos nos ater ao público mais específico, o público feminino. A escolha de um *corpus* mais específico, justifica-se nos diferentes papéis que os elementos modalizadores podem apresentar em um contexto específico, no caso, a autoajuda para mulheres. Quando analisamos discursos específicos, observamos comportamentos distintos de discurso para discurso. Sendo assim, a análise de produções específicas também apresenta a sua importância.

O interesse pelo trabalho com autoajuda dirigida a mulheres também teve como ponto de partida o trabalho de Verni (2019)², realizado sob perspectiva da Análise do Discurso. Em sua pesquisa, Verni (2019) observou, em seu *corpus*, o caráter autoritário do enunciador, criando, assim, uma atmosfera intimidadora e conservando estereótipos femininos presentes na sociedade. A partir dos resultados de sua pesquisa, decidimos voltar o olhar a obras em língua espanhola dirigidas ao público feminino para verificar se é possível encontrar elementos que se assemelhem aos dados descritos por Verni (2019).

Assim, este trabalho tem por objetivo analisar os elementos modalizadores presentes em duas obras de autoajuda espanholas dirigidas ao público feminino, *A mi amada*, de autoria de María M. Vásquez, e *La mujer interior: ¿Eres consciente del poder que tienes?*, de autoria de Zulma Reyó Martínez, a fim de verificar de que maneira se dá a qualificação do saber e do dever do falante/escritor, ou seja, de que maneira o falante (escritor) emprega elementos modalizadores para formular seus aconselhamentos destinados ao seu ouvinte (leitor). Tal objetivo principal desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- a) verificar como os modalizadores epistêmicos indicadores de certeza contribuem para a expressão do saber e da convicção do falante;
- b) verificar de que maneira os modalizadores deônticos contribuem para a expressão do dever e para a construção da autoridade do falante;
- c) verificar como a orientação da modalidade (para o participante, para o evento ou para a proposição) pode interferir no (des)comprometimento do falante com relação ao conteúdo por ele veiculado;

² O trabalho de Verni (2019) teve como objetivo descrever o ethos discursivo de obras de autoajuda para mulheres, voltadas especificamente para finanças. Para isso, analisou as diferentes formas de expressão da modalidade presentes nessas obras e como elas contribuíram para construir o ethos da mulher no mundo dos negócios.

- d) verificar os efeitos de sentido provocados pela coocorrência de elementos modalizadores de domínios semânticos iguais ou diferentes.

O trabalho apoia-se no modelo teórico de orientação funcionalista da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), que contempla quatro níveis hierárquicos de análise: Nível Interpessoal (que abriga as relações pragmáticas), Nível Representacional (que abriga as relações semânticas), Nível Morfossintático e Nível Fonológico. Os quatro níveis de análise se organizam a partir de uma estrutura descendente (*top down*), que parte da intenção do falante em direção à articulação das formas linguísticas. As modalidades são descritas dentro do Nível Representacional, integrado por diferentes unidades de análise (Conteúdo Proposicional, Episódio, Estado de Coisas, Propriedade Configuracional).

O modelo incorpora a classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004), que relaciona dois parâmetros principais: o domínio semântico da avaliação modal, ou seja, os subtipos modais, e o alvo da avaliação modal, ou seja, a parte do enunciado modalizada. Com relação ao domínio semântico, são considerados, na análise, quatro dos cinco subtipos modais propostos pelo autor: modalidade facultativa, modalidade deontica, modalidade volitiva e modalidade epistêmica.³ Com relação à orientação da modalidade, considera-se a possibilidade de que a modalidade esteja orientada para o participante, para o evento ou para a proposição.

Para alcançar os objetivos propostos, adotamos alguns critérios de análise: a classe gramatical dos modalizadores (verbo, adjetivo em posição predicativa, advérbio/locução adverbial), pessoa gramatical e referência do sujeito (no caso dos verbos modais), alvo da avaliação modal, as unidades do Nível Representacional que os modalizadores tomam por escopo e a coocorrência de modalizadores.

Com vistas a ampliar nosso escopo de análise, buscamos apoio em outro referencial teórico, a Análise do Discurso, para que fosse possível associar a análise dos modalizadores a outros conceitos como *ethos* discursivo e cenas de enunciação, que também serão considerados na descrição e na análise dos dados.

Este trabalho é composto por 5 capítulos: no capítulo 1, presente introdução, apresentamos nosso objeto de análise e a justificativa de seu estudo. No Capítulo 2,

³ O quinto subtipo modal proposto por Hengeveld (2004) é a modalidade evidencial. Esse subtipo modal, tratado em trabalhos mais recentes como “evidencialidade”, é excluído da categoria da modalidade (Hengeveld e Hattner (2015)). Por isso, a evidencialidade, no presente trabalho, não é abordada.

apresentamos o conceito de modalidade, sua trajetória nos estudos lógicos e linguísticos, suas formas de expressão, bem como a classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004). Apresentamos a relação da modalidade epistêmica e a qualificação do saber do falante e a relação da modalidade deôntica e a autoridade do falante. Ainda no Capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), em especial as unidades que integram o Nível Representacional, no qual as modalidades podem ser localizadas. No Capítulo 3, abordamos os objetivos do trabalho, o *corpus* selecionado para o estudo e os critérios de análise que norteiam a pesquisa. O Capítulo 4 é destinado à análise dos dados coletados, que caracterizam a qualificação do saber e do dever do falante. Nas Conclusões, Capítulo 5, apresentamos os resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa. Por fim, relacionamos as referências bibliográficas que serviram como base para o trabalho.

2 MODALIDADE E FUNCIONALISMO

Neste capítulo, tratamos da modalidade na lógica clássica e na linguística contemporânea, apresentando, sobretudo, o ponto de vista funcional da linguagem, além de apresentarmos o aparato teórico utilizado neste estudo.

Em 2.1, apresentamos a modalidade nos estudos modais lógicos e dos estudos linguísticos, com ênfase em uma visão funcionalista. Na seção 2.2, abordamos as diferentes formas de expressão que as modalidades podem assumir. Em 2.3, apresentamos a classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004). Em seguida, discorremos sobre a modalidade epistêmica e a qualificação do saber do falante, em 2.4, e sobre a modalidade deôntica e a autoridade do falante, em 2.5. Em 2.6, descrevemos sucintamente o modelo teórico utilizado nesta pesquisa, a Gramática Discursivo-Funcional, com destaque para a classificação de modalidades de Hengeveld (2004) incorporada ao modelo. Em 2.7, apresentamos sucintamente dois conceitos da Análise do Discurso de linha francesa que serão incorporados à análise dos modalizadores: *ethos* discursivo e *cenas da enunciação*.

2.1 A modalidade e seu percurso: da lógica à linguística

A modalidade, de maneira geral, pode ser entendida como a manifestação da atitude do falante com relação a seu enunciado. Os primeiros estudos modais surgiram com a Lógica Clássica, a partir de um quadrado lógico pensado por Aristóteles, que reconheceu três modalidades: a modalidade alética (relacionada à verdade de uma proposição), a modalidade epistêmica (relacionada ao eixo do conhecimento) e a modalidade deôntica (relacionada ao eixo da conduta) (Neves, 2021). Dentre as três modalidades reconhecidas pela Lógica, a modalidade alética é considerada central frente às modalidades epistêmicas e deônticas, porque lida apenas com as condições de verdade de uma proposição, independentemente da intenção comunicativa do enunciador.

Mesmo lidando apenas com as noções de verdade ou falsidade das proposições, a modalidade alética não é considerada como tipo que se assenta em uma verdade absoluta localizada em um *continuum* que vai do necessário ao possível. Nem mesmo uma verdade universal científica, como em (1), pode ser considerada absolutamente verdadeira, pois, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1977, *apud* Coracini, 1991), ela só pode ser considerada verdade dentro de um universo de crenças de uma sociedade:

(1) A Terra gira ao redor do Sol.

Ao enunciar (1), o falante, mesmo que não faça o uso de marcadores modais em sua fala, está neutralizando a proposição e, por consequência, acaba por se comprometer com aquilo que enuncia (Kerbrat-Orecchioni, 1977, *apud* Coracini, 1991). Por essa razão, o enunciado abaixo não pode ser considerado “neutro”, mesmo não apresentando marcadores modais. Afirmar que a Terra gira ao redor do Sol significa que essa proposição provém de um conhecimento, de um saber.

Para Alexandrescu (1966, *apud* Koch, 1993) toda enunciação é subordinada à modalidade do *crer* e do *saber*. Sendo assim, as modalidades do *crer* e do *saber* sempre estão presentes nas proposições, pois todo ato de enunciação requer informação advinda do locutor e deve ser compatível com as suas outras enunciações (Koch, 1993).

A partir da modalidade alética, as modalidades epistêmica e deôntica são definidas. A modalidade epistêmica está localizada no eixo do conhecimento, e a deôntica no eixo da conduta (Neves, 2021). Como exemplos dessas duas classificações, é possível parafrasear a asserção dada em (1) das seguintes maneiras:

(1a) **É óbvio** que o planeta Terra gira em torno do Sol.

(1b) **Necessariamente** a Terra gira em torno do Sol.

Em ambas as paráfrases, tem-se a marcação explícita de elementos modais constituídos por um adjetivo epistêmico em posição predicativa (*é óbvio*) e um advérbio deôntico (*necessariamente*). Em (1a) a proposição expressa possibilidade/probabilidade em algum mundo real de que o planeta Terra gire ao redor do Sol; e em (1b), a obrigação de que em algum mundo a volta que o planeta Terra dá ao redor do Sol deve ser obrigatória.

Ao contrário dos estudos de natureza lógica, os estudos linguísticos consideram a intenção do enunciador e colocam as modalidades epistêmica e deôntica como mais relevantes do ponto de vista da comunicação. Conforme aponta Neves:

[...] a modalidade alética é dificilmente detectada nas línguas naturais, já que o comprometimento da modalização alética com a verdade relacionada a mundos possíveis torna pouco claros no discurso comum casos de sentenças que sejam apenas aleticamente modalizadas. É muito improvável que um conteúdo asseverado num ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e julgamento do falante. (Neves, 2021, p. 159-160)

A modalidade epistêmica – localizada no eixo da crença e do conhecimento – pode ser definida como a necessidade e a possibilidade de um acontecimento no mundo real e está relacionada com o conhecimento e as convicções de mundo do falante. Já a modalidade deôntica – localizada do eixo da conduta – está relacionada com a obrigação e permissão do falante.

Segundo Maingueneau (1990, *apud* Neves, 2002), mesmo que a conceitualização da modalidade na lógica e na linguística seja diferente, é importante destacar que os eixos da conduta e do conhecimento podem se relacionar com as funções básicas da linguística. Levando em consideração a linguística, é possível conceituar a modalidade como “a relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado” (Maingueneau, 1990, p. 8, *apud* Neves, 2002, p. 172) e que apresenta a dicotomia *dictum/modus*, na qual *dictum* está relacionado ao conteúdo do pensamento do falante e o *modus* à atitude do falante em relação ao *dictum*. De acordo com Ilari e Basso (2008), ao explicar a dicotomia, o *modus* está relacionado à maneira como a informação dada está disposta dentro de uma sentença, que, dependendo da intenção comunicativa do falante, pode ser organizada de diferentes modos. Já o *dictum* diz respeito ao conteúdo proposicional, ou seja, a mensagem passada pelo falante, que não se altera, independentemente da organização no interior da sentença.

As modalidades, por estarem relacionadas à intenção comunicativa do falante, são facilmente identificadas em contextos reais de uso da língua. Por essa razão, estudos voltados para a modalidade encontram respaldo na abordagem teórica funcionalista, que investiga os fenômenos linguísticos a partir do funcionamento da língua.

O conceito de modalidade, de acordo com Neves (2021), varia a depender da orientação teórica, dos significados das expressões modalizadoras e do sentido que expressam em um domínio conceptual.

A partir de um ponto de vista pragmático da linguagem, Koch (1993) considera as modalidades como atos de fala ilocucionários, pois carregam a atitude comunicativa do falante, ou seja,

[...] elas constituem, segundo Parret (1976), atos ilocucionários constitutivos da significação dos enunciados, sendo motivadas pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções do falante e, como os demais atos de linguagem, classificáveis e convencionalizadas. (Koch, 1993, p. 75)

Em relação à marcação modal dos enunciados, Koch (1993) afirma que não há enunciados neutros, pois todo enunciado apresenta uma opinião e que a não marcação é

devida a uma “retórica do neutro” (Koch, 1993, p. 84), na qual o locutor oculta a sua enunciação para convencer o seu interlocutor daquilo que diz ser verdade.

Coracini (1991), ao estudar a modalidade nos discursos científicos, afirma que ela faz parte da subjetividade do enunciador, ou seja, de seu ponto de vista. De acordo com a autora, a modalidade pode estar implícita, quando o enunciador não utiliza marcas modais, ou explícita, quando o enunciador faz uso de modalizadores. Quando implícita, a modalidade acaba por contribuir com uma maior força argumentativa daquilo que enuncia, e quando explícita, diminui a força argumentativa do enunciador. Coracini (1991) também afirma que a situação discursiva deve ser levada em consideração para a melhor compreensão do valor semântico que a expressão modal utilizada pelo enunciador pode significar.

Palmer (1986) considera que a modalidade está relacionada ao julgamento e à atitude do falante, estando associada à semântica e à gramática. O autor subdivide a modalidade em modalidade proposicional e modalidade de evento. A modalidade proposicional diz respeito ao julgamento do falante, enquanto a modalidade de evento diz respeito a eventos que têm um potencial de ocorrer. Sendo assim, a modalidade epistêmica, que se refere ao julgamento do falante diante da verdade enunciada na proposição, está alocada na modalidade proposicional, e a modalidade deôntica, que diz respeito aos fatores que são externos ao falante, como, por exemplo, obrigações e permissões, está alocada na modalidade de evento (Palmer, 1986).

Dentre as várias formas de expressão de modalidade, grande parte dos estudos privilegiam os verbos auxiliares *dever* e *poder*, pela carga polissêmica modal que lhes é intrínseca. Silva-Corvalán (1995), ao investigar os verbos *poder* e *deber* em espanhol, afirma que tais verbos são monossemânticos e, para isso, leva em consideração que ambos têm um significado “puro” quando atuam sozinhos, porém, ao serem inseridos em determinados contextos, assumem diferentes significações, como, por exemplo, permissão, habilidade, mitigação, possibilidade, necessidade e obrigação.

Neves (2000a), com base no trabalho de Silva-Corvalán (1995), reafirma a polissemia dos verbos modais em português, sobretudo dos verbos *poder* e *dever*. Para a autora, tais verbos são polissêmicos e, por isso, dependem de fatores intra e extralinguísticos para a sua interpretação. A autora afirma, ainda, que uma proposição pode ter uma leitura preferível, ou seja, em um enunciado há a possibilidade de leitura de dois ou mais valores semânticos distintos, os quais são propiciados pelo contexto. Observemos um exemplo com o verbo *poder*:

(2) Augusto **pode** cozinhar.

No exemplo, o verbo *poder*, a depender da situação comunicativa em que é empregado – por quem e para quem –, pode ter significados distintos. É possível parafrasear o exemplo dado anteriormente das seguintes maneiras:

- (2a) Augusto tem a capacidade/habilidade para cozinhar.
- (2b) Augusto tem a permissão para cozinhar.
- (2c) É possível que Augusto cozinhe.

Em (2a), o enunciado diz respeito a um valor semântico de capacidade adquirida pelo falante e associada a conhecimentos culinários. Em (2b), tem-se o valor semântico de permissão, sendo que para que isso ocorra é necessário admitir um falante que tenha autoridade perante o ouvinte para proferir tal enunciado. Já em (2c), tem-se um valor semântico de possibilidade de algum fato acontecer, levando em consideração aquilo que é conhecido pelo falante.

Outro ponto que também se considera ser importante para a conceituação da modalidade é a distinção entre *modalidade de frase* e *modalidade*. Cervoni (1989) propõe que as modalidades de frases sejam excluídas da categoria da modalidade. Elas seriam sempre a máxima dos enunciados que fazem parte do ilocutório, ou seja, as modalidades de frase, para o autor, seriam atos de linguagem.

Hengeveld (2004), com base em uma visão funcionalista da linguagem, define as noções de *modo*, *ilocução* e *modalidade*. Para o autor, o termo *modo* vem sendo usado em semântica como um termo amplo, e comporta uma divisão em *ilocução* – relacionada com as modalidades de frases – e *modalidade* – relacionada com a modificação de atos de fala.

Expandindo a conceituação de ilocução, Hengeveld (2004) apresenta de que maneira ela está presente nas línguas. A ilocução está relacionada à modalidade da frase, ou seja, ao tipo de sentença, como, por exemplo, declarativa (asserção), interrogativa (questão) e imperativa (comando):

- (3) I will have it.
‘Eu vou tê-lo.’(Hengeveld, 2004, p. 1191, tradução nossa)
- (4) Did they see us?
‘Eles nos viram?’(Hengeveld, 2004, p. 1191, tradução nossa)
- (5) Eat!

‘Coma!’ (Hengeveld, 2004, p. 1191, tradução nossa)

O exemplo (3) representa a modalidade de frase declarativa, a qual está associada à asserção; o exemplo (4) representa uma modalidade de frase interrogativa, associada a uma pergunta; e o exemplo (5) representa a modalidade imperativa, associada ao comando.

Em razão de as línguas terem uma determinada organização, a ilocução também leva em consideração a ordem dos elementos que compõem os enunciados, os marcadores morfológicos e a entonação.

Ainda em relação à ilocução, Hengeveld (2004) também esclarece a distinção entre declarativo *versus* indicativo. Segundo o autor, a modalidade de frase declarativa pode operar junto com marcadores modais. Já o indicativo é um modo, ou seja, ele pode ser usado em conjunto com orações subordinadas, mas pode causar um conflito ao lados dos marcadores modais (Hengeveld, 2004). Como exemplo, temos:

(6) Maybe he’s there.

‘Talvez ele esteja lá.’ (Hengeveld, 2004, p. 1191, tradução nossa)

No exemplo (6), tem-se a modalidade de frase declarativa operando ao lado de um marcador modal, mais precisamente um advérbio epistêmico de dúvida (*talvez*), que expressa a atitude do falante. Aqui observamos o emprego de uma ilocução declarativa para expressar a dúvida do falante. A declaração feita pelo falante não está relacionada à verdade propriamente dita (Hengeveld, 2004).

Nesta pesquisa, assumimos a modalidade como expressão da atitude e da subjetividade do falante perante o enunciado por ele produzido. Assumimos, também, que todos os enunciados, explícita ou implicitamente, apresentam a intenção comunicativa do falante, sendo que a preferência por omitir ou não um determinado modalizador acaba por ser um recurso utilizado para expressar aquilo que se defende e se acredita, havendo ou não comprometimento por parte do falante, a depender da maneira como foi enunciada a proposição. Além disso, consideramos que o contexto e informações extra contextuais são fundamentais para desfazer a ambiguidade de determinados valores modais.

2.2 Formas de expressão da modalidade

Neves (2021), ao estudar a manifestação da modalidade em língua portuguesa, explica que ela pode acontecer por meio de substantivos, adjetivos em posição predicativa, advérbios, verbos plenos e verbos auxiliares modais, além de categorias gramaticais, que podem expressar diferentes significados semânticos, como apresentados, respectivamente, nos exemplos abaixo, fornecidos pela autora:

- (7) O homem não deve pensar muito, esta é minha **opinião**. (Neves, 2021, p. 168)
- (8) **É impossível que** o Brasil tome conhecimento de outra aberração. (Neves, 2021, p. 167)
- (9) Esse exame propicia a visualização de vários dados, que devem ser **obrigatoriamente** pesquisados. (Neves, 2021, p. 167)
- (10) **Acho que** por humilhação maior jamais passaram. (Neves, 2021, p. 167)
- (11) Esse casarão **deve** ser ideal para o reumatismo de minha tia Margherita. (Neves, 2021, p. 167)
- (12) E a discussão **ficaria** nisso. (Neves, 2021, p. 167)

O substantivo *opinião* (7) e o adjetivo em posição predicativa (*é impossível (que)* (8) expressam um valor semântico epistêmico de certeza e de incerteza, respectivamente, que dá ao enunciador uma maior convicção sobre aquilo que enuncia (7) ou o seu descomprometimento (8). Em (9), tem-se o advérbio *obrigatoriamente* servindo à expressão da modalidade deôntica, relacionada ao que é necessário. Já o verbo pleno *achar* (10) expressa o valor semântico modal epistêmico de dúvida⁴, assim como o verbo auxiliar *dever* em (11). Em (12), tem-se o futuro do pretérito do verbo *ficar* indicando uma possibilidade.

Especificamente com relação aos advérbios, Castilho (2000) afirma que os advérbios que servem à expressão da modalidade estão no grupo dos chamados advérbios predicativos, capazes de modificar uma proposição (em oposição ao grupo que o autor chama de não-predicativos). Para Castilho (2014), com base na classificação que propõe, os advérbios modalizadores podem ser classificados em (i) epistêmicos, quando relacionados à certeza (chamados pelo autor de asseverativos) (como em (13)) ou à incerteza (denominados de quase-asseverativos) (como em (14)); (ii) deônticos, quando relacionados à permissão e à

⁴ O verbo *achar* pode apresentar valores que variam entre modalidade epistêmica e evidencialidade, conforme mostram alguns trabalhos de natureza funcionalista, como o de Casseb-Galvão (1999) e Parreira (2014).

obrigação (como em (15)); e (iii) pragmáticos, quando relacionados ao sentimento do enunciador (como em (16)):⁵

(13) eu tenho vontade de ir lá [...] porque **realmente** é um espetáculo bonito. (Castilho, 2014, p. 287)

(14) agora outro tipo de escola que **talvez** não tenha esse objetivo. (Castilho, 2014, p. 293)

(15) toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar **necessariamente** ligada a esta preocupação vital. (Castilho, 2014, p. 295)

(16) **felizmente** ainda não começaram [aquela fase mais difícil]. (Castilho, 2014, p. 296)

Como apontado por Neves (2002), a unipessoalização e a apassivação, recursos sintáticos, também podem ser consideradas formas de modalidade. A unipessoalização está relacionada com o distanciamento e o não comprometimento do falante, como, por exemplo, o que ocorre no emprego de adjetivos em posição predicativa. Já a apassivação está relacionada com a construção interna de sentenças. A autora lembra, ainda, que os recursos prosódicos, como, por exemplo, a entonação durante a conversação, também são formas de indicar a modalidade.

Os mesmos recursos expressivos sugeridos por Neves (2021) para a expressão da modalidade em português podem ser identificados também em espanhol. Dentre as diversas formas de expressão da modalidade nos restringimos à análise de algumas expressões linguísticas lexicalizadas em espanhol: verbos auxiliares modais (como *poder* e *deber*, por exemplo), os verbos modais plenos (como *saber*, *pensar* e *creer*), os adjetivos em posição predicativa (como *es necesario que*, *es posible que*) e os advérbios modais (como *posiblemente*, *ciertamente*, *probablemente*, *necesariamente*).

2.3 Classificação das modalidades segundo Hengeveld (2004)

Uma vez que as modalidades estão diretamente relacionadas às intenções do falante, é importante que elas sejam analisadas em contextos reais de produção linguística. Desse modo,

⁵ A inclusão de elementos como *felizmente* e *infelizmente* na categoria dos advérbios modalizadores deve-se à definição mais abrangente de modalidade proposta por Castilho (2000, 2014).

a abordagem funcionalista se mostra perfeitamente adequada para os estudos sobre modalidade.

A classificação das modalidades adotada neste trabalho segue a proposta de Hengeveld (2004), que é a base para a classificação de modalidade prevista no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), vertente teórica que nasceu a partir do modelo de Gramática Funcional proposta por Dik (1997a, 1997b).

Hengeveld (2004) propõe uma classificação baseada em dois parâmetros: o *alvo da avaliação modal*, que diz respeito à parte do enunciado que é modalizada, e o *domínio semântico*, que diz respeito ao valor semântico do subtipo modal. O alvo da avaliação permite a distinção entre *modalidade orientada para o participante*, *modalidade orientada para o evento* e *modalidade orientada para a proposição*. O domínio semântico classifica as modalidades em *modalidade facultativa*, *modalidade deôntica*, *modalidade volitiva*, *modalidade epistêmica* e *modalidade evidencial*.

Embora a classificação se mostre bastante adequada, faz-se necessário uma ressalva: os estudos sobre evidencialidade mais atuais, feitos no aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional, como Hengeveld (2011), Hengeveld e Hattner (2015), excluem a evidencialidade da categoria da modalidade. Dessa forma, adotamos a classificação de Hengeveld apenas para tratar dos outros quatro subtipos modais: modalidade facultativa, modalidade deôntica, modalidade volitiva e modalidade epistêmica.

A seguir, explicamos e exemplificamos os dois parâmetros de análise propostos pelo autor.

2.3.1 Alvo da avaliação modal

Como mencionado anteriormente, Hengeveld (2004) propõe três alvos de avaliação para a modalidade: participante, evento e proposição.

A **modalidade orientada para o participante** consiste na relação entre o participante do evento e a potencial realização desse evento (Hengeveld, 2004), como mostrado em (17):

- (17) ‘John quer ser jovem de novo.’
John **wants** to be young again. (Hengeveld, 2004, p. 1194, tradução nossa)

- (18) ‘John tem que nadar.’
John **has to** swim. (Hengeveld, 2004, p. 1193, tradução nossa)

Nos exemplos em (17) e (18), o verbo *wants* (*querer*) e o verbo *has to* (*ter que*) expressam um tipo de modalidade orientada para o participante. Em (17), observa-se o desejo do participante no evento de “voltar a ser jovem”, e em (18), observa-se a obrigação do participante no evento de “nadar”.

A **modalidade orientada para o evento** afeta a descrição do evento no enunciado, fazendo com que a força modal seja interpretada como algo genérico (Hengeveld, 2004), como se pode observar em (19) e em (20):

- (19) ‘Eu não pude terminar de ler o livro porque ficou muito escuro.’
I **couldn’t** finish reading the book because it got too dark. (Hengeveld, 2004, p. 1195, tradução nossa)

- (20) ‘Implorar é proibido.’
Begging **prohibited**. (Hengeveld, 2004, p. 1195, tradução nossa)

No exemplo (19), o verbo *couldn’t* (*poder*) diz respeito à impossibilidade de se realizar a ação de ler por conta de circunstâncias externas ao falante, no caso “porque ficou muito escuro”. No exemplo (20), tem-se a proibição deôntica para ocorrência de um evento, porém a orientação não recai sobre um participante específico, mas sobre o próprio evento “implorar”, pois se trata de uma orientação geral, ou seja, “ninguém pode implorar”.

A **modalidade orientada para a proposição** afeta o conteúdo proposicional (aquele que apresenta os pontos de vista e as crenças do falante) da sentença e a especificação do grau de comprometimento do falante com relação à proposição que ele está apresentando (Hengeveld, 2004):

- (21) ‘Nós provavelmente morreremos por falta de água.’
We’ll **probably** die for lack of water. (Hengeveld, 2004, p. 1196, tradução nossa)

- (22) ‘Certamente ele deve ter esquecido.’
Certainly he may have forgotten. (Hengeveld, 2004, p. 1194, tradução nossa)

Em (21), o advérbio modal *probably* (*provavelmente*), que expressa a subjetividade do falante e seu comprometimento com a verdade do enunciado, está orientado para a proposição. No caso, em (21), o falante apresenta a sua incerteza acerca de “nós morreremos por falta de água”. No exemplo (22), o advérbio modal *certainly* (*certamente*) também

expressa a subjetividade do falante e o seu comprometimento com a verdade, mas, neste caso, expressando sua certeza.

2.3.2 Domínio semântico da modalidade

A classificação do domínio semântico proposta por Hengeveld (2004) é dividida em cinco subtipos modais (modalidade facultativa, modalidades deôntica, modalidade volitiva, modalidade epistêmica, modalidade evidencial), dos quais quatro são considerados neste trabalho: modalidade facultativa, modalidade deôntica, modalidade volitiva e modalidade epistêmica.

A **modalidade facultativa** diz respeito às capacidades do participante, que podem ser físicas ou intelectuais. Ela pode ser orientada para o participante (23) – quando o predicado designa o envolvimento do participante na ação –, ou para o evento (24) – caracterizando as condições circunstanciais ou físicas para a ocorrência desse evento (Hengeveld, 2004):

(23) ‘Eu não sou capaz de trabalhar.’

I am **not able** to work. (HENGEVELD, 2004, p. 1194, tradução nossa)

(24) ‘Pode levar três horas para chegar lá.’

It **can** take three hours to get there. (HENGEVELD, 2004, p. 1195, tradução nossa)

Em (23), a modalidade facultativa orientada para o participante, por meio do adjetivo em posição predicativa *able* (*capaz*), expressa uma incapacidade física ou intelectual do próprio falante para a realização de um evento. Já em (24), o verbo *can* (*pode*), um caso de modalidade facultativa orientada para o evento, não diz respeito às capacidades do participante, mas sim às condições circunstanciais ou físicas para que o evento ocorra.

A **modalidade deôntica** refere-se às obrigações, permissões e necessidades legais, sociais ou morais do participante. Ela pode estar orientada para o participante (25) – quando expressa as obrigações ou permissões do participante –, ou para o evento (26) – quando expressa uma obrigação ou permissão de ações dentro de um conjunto de regras ou de leis (Hengeveld, 2004):

(25) ‘Eu devo comer.’

I **must** eat. (HENGEVELD, 2004, p. 1194, tradução nossa)

(26) ‘Alguém tem que tirar os sapatos dele daqui.’

One **has to** take off his shoes here. (HENGEVELD, 2004, p. 1195, tradução nossa)

Em (25), o verbo auxiliar modal *must* (*devo*) expressa uma obrigação orientada para o participante, pois ela recai sobre um participante específico, no caso *I* (*eu*). Já em (26), a expressão *has to* (*tem que*) se configura como um caso de modalidade deôntica orientada para o evento, pois a obrigação não recai sobre nenhum participante específico, mas tem caráter geral. De acordo com Dall’Aglio Hattner (2009), o uso da modalidade deôntica voltada para o evento não atribui a responsabilidade de ordens, leis ou obrigações a determinados indivíduos, o que acaba por proteger a face do falante.

Palmer (1986) explica que a modalidade deôntica está relacionada a eventos futuros, ou seja, a eventos que no momento da enunciação ainda não ocorreram, mas que têm um grande potencial de acontecer, como se pode ver nos exemplos anteriores. Além disso, o autor relaciona a modalidade deôntica à autoridade do falante: para que a permissão/obrigação possa existir, deve-se haver uma hierarquia entre o falante e o ouvinte, assumindo-se, assim, uma diferença de poderes entre ambos.

A **modalidade volitiva** diz respeito ao que é desejável. Ela pode ser orientada para o participante, quando expressa a vontade ou o desejo do participante engajado no predicado (cf. 27), ou para o evento, quando expressa desejos e vontades caracterizados pelo próprio evento (cf. 28):

(27) ‘Nós queremos ir embora.’

We **want** to leave. (HENGEVELD, 2004, p. 1194, tradução nossa)

(28) ‘Seria ruim se eu quebrasse isso.’

It **would** be bad if I broke it. (HENGEVELD, 2004, p. 1195, tradução nossa)

Em (27), o desejo do participante é expresso na sentença pelo verbo pleno *want* (*queremos*). Em (28), tem-se o auxiliar *would* (*seria ruim*) servindo à expressão da modalidade volitiva orientada para o evento e a inexistência de um participante específico.

Hengeveld (2004) também propõe a modalidade volitiva orientada para a proposição, existência eventualmente questionável nas línguas naturais, conforme apontado por Olbertz e Gasparini-Bastos (2013).

A **modalidade epistêmica** refere-se à possibilidade de ocorrência de um evento no mundo. Ela pode ser orientada para o evento (29) – quando a possibilidade está relacionada com o que se sabe sobre o mundo – ou para a proposição (30) – quando o falante se compromete com o que disse (Hengeveld, 2004):

(29) ‘Pode chover.’

It **may** rain (HENGEVELD, 2004, p. 1196, tradução nossa)

(30) ‘Provavelmente morreremos por falta de água.’

We’ll **probably** die for lack of water (HENGEVELD, 2004, p. 1196, tradução nossa)

Quando a modalidade epistêmica é orientada para o evento, ela pode ser considerada modalidade epistêmica objetiva (Palmer, 1986), pois o participante expressa possibilidades ou dúvidas sem se comprometer com a responsabilidade do que é dito, como em (29), em que o verbo *may* (*pode*) expressa a possibilidade de um fato acontecer em um mundo possível. Já quando orientada para a proposição, é considerada como modalidade epistêmica subjetiva, pois o falante expõe explicitamente a sua atitude comunicativa, expressando o seu ponto de vista, como no exemplo (30), em que a modalidade epistêmica está expressa pelo advérbio de dúvida *probably* (*provavelmente*), que acaba por expor a incerteza do falante (Hengeveld, 2004).

Considerando a relação entre domínio semântico e orientação da modalidade, Hengeveld (2004) propõe o seguinte quadro, que mostra a combinação dos dois parâmetros:

Quadro 1 – Relação entre o alvo da avaliação e o domínio semântico

Domínio semântico	Participante	Evento	Proposição
Facultativo	+	+	-
Deôntico	+	+	-
Volitivo	+	+	+
Epistêmico	-	+	+

Fonte: Adaptado de Hengeveld (2004)

As possibilidades combinatórias previstas pelo autor correspondem aos valores modais possíveis de serem encontrados nas línguas naturais.

2.4 A modalidade epistêmica e a qualificação do saber

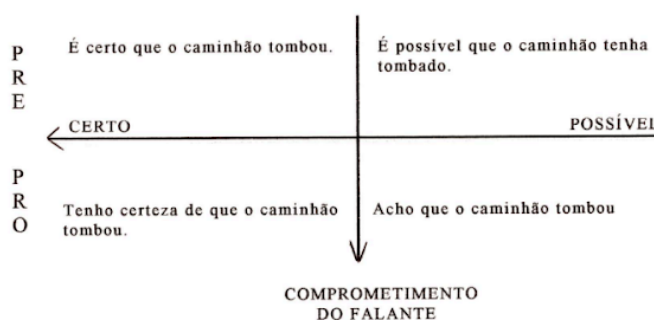
Segundo Nuyts (2001), todo julgamento feito pelo falante é baseado em uma evidência. Quando a evidência é baseada nas crenças e conhecimentos do falante, tem-se a modalidade epistêmica. A depender da intenção comunicativa, o falante pode apresentar a evidência na qual se baseou, sendo ele a própria fonte de informação, ou pode omiti-la (Dall’Aglio-Hattnher, 1996).

Ao se apresentar como a própria fonte da informação, o falante assume a responsabilidade sobre aquilo que proferiu e pode ser questionado pelo seu ouvinte. A essa descrição, associa-se a modalidade epistêmica subjetiva, relacionada ao julgamento do falante. Quando opta por omitir a fonte de informação, o falante não assume a responsabilidade pelo que diz, criando um distanciamento. A essa descrição, associa-se a modalidade epistêmica objetiva, relacionada à possibilidade da ocorrência de um Estado de Coisas acontecer dentro de um mundo possível.

Neves (2021) apresenta os valores semânticos que a modalidade epistêmica, como um todo, engloba e diz que dentro de um *continuum* esse valor modal se estende de um ponto do possível a um ponto da certeza, transitando entre a possibilidade, probabilidade e dúvida. Ainda de acordo com a autora, os epistêmicos localizados no extremo da certeza manifestam a certeza do falante, ou seja, tem-se o “enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo de seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem relativização” (Neves, 2021, p. 172), enquanto os epistêmicos localizados no extremo da possibilidade expressam a imprecisão, a falta de conhecimento do falante.

Ao estudar os modalizadores epistêmicos e a qualificação do saber nos discursos do ex-presidente Fernando Collor de Mello, Dall’aglio-Hattnher (1995) reitera que não há uma divisão severa no que diz respeito aos modalizadores epistêmicos de certeza e de dúvida. A autora faz o cruzamento dos valores semânticos da modalidade epistêmica (objetiva e subjetiva) com o comprometimento do falante, apresentando o *continuum* do possível ao certo, conforme figura abaixo:

Figura 1 – *Continuum* entre o certo e o possível



Fonte: Dall'aglio-Hattnher, 1995, p. 93.

O esquema, baseado na Gramática Funcional de Simon Dik (1997a; 1997b), apresenta, em sua linha horizontal, os diferentes graus manifestados pela modalidade epistêmica, e em

sua linha vertical, de cima para baixo, o comprometimento do falante de uma maneira crescente. Nos quadrantes superiores, tem-se a objetividade (modalidade orientada para o evento) e nos quadrantes inferiores, a subjetividade (modalidade orientada para a proposição) (Dall’aglio Hattnher, 1995). Tanto a modalidade epistêmica objetiva (orientada para o evento) quanto a modalidade epistêmica subjetiva (orientada para a proposição) estão relacionadas à qualificação do saber e podem expressar, a depender da intenção comunicativa do falante, certeza, dúvida, incerteza, possibilidade ou probabilidade.

Dall’aglio-Hattnher (1995) observa, nos dados investigados referentes aos discursos do ex-presidente Collor, uma alta frequência de elementos ligados à possibilidade. Em princípio, tais elementos poderiam indicar insegurança do presidente sobre suas afirmações, mas na verdade eles servem para criar um distanciamento com a verdade expressa, transformando-se em uma estratégia comunicativa, na qual o falante se furta de sua responsabilidade.

A estratégia comunicativa vista por Dall’aglio Hattnher (1995) também foi identificada por Nagamura (2011), ao estudar a expressão da modalidade em obras de autoajuda genérica e em obras de autoajuda voltadas para a área da saúde. O autor constatou que no discurso de autoajuda da área de saúde, o uso de epistêmicos objetivos de possibilidade, orientados para o evento, foi bastante frequente em seu *corpus*, o que não seria esperado, pois como explica Brunelli (2004), a presença de modalizadores epistêmicos de possibilidade, probabilidade e dúvida não apresentam uma grande representação na autoajuda em comparação com os elementos de certeza, dado que o enunciador do discurso de autoajuda não costuma manifestar dúvidas. Ao empregar tais elementos de possibilidade, o falante “furta-se de responsabilidade sobre essas avaliações, indicando apenas que, de acordo com o conhecimento de mundo disponível, algo é possível ou não.” (Nagamura, 2011, p. 63). Observamos os exemplos oferecidos pelo autor:

- (31) Em momentos que requeiram decisões, essa pessoa **pode** facilmente entrar em depressão. (Nagamura, 2011, p. 59)
- (32) É o caso de uma pessoa comunicativa passar a censurar sua expressão, tornando-se calada. Isso **pode** causar doenças na garganta. O mesmo acontece com as crianças que são constantemente repreendidas na expressão verbal; geralmente elas apresentam inflamações na garganta. (Nagamura, 2011, p. 60)

No exemplo (31), ao utilizar o modalizador epistêmico *pode*, tem-se a descrição de algo que pode acontecer em um mundo possível, no caso, a pessoa entrar em depressão. No

exemplo (32), o mesmo modalizador, *pode*, tem o valor de possibilidade de que um Estado de Coisas aconteça, no caso uma doença (Nagamura, 2011).

Além disso, Nagamura (2011, p. 60) afirma que o falante, ao evitar o comprometimento com a avaliação, seja ela de possibilidade ou de certeza, “torna-se menos parcial, fazendo com que seu discurso se aproxime mais do discurso científico, no qual a parcialidade é uma característica rejeitada.”

De acordo com Nuyts (1993) e conforme exemplificado por Nagamura (2011), a modalidade epistêmica subjetiva tem graus diferentes de subjetividade, independentemente de os modalizadores expressarem certeza ou dúvida por parte do falante. O uso de advérbios e locuções adverbiais, por mais que estejam relacionadas ao julgamento do falante, acabam por ocultar a subjetividade (cf. exemplos (33) e (34)), pois não apresentam marcas de pessoa como no caso dos verbos, que quando conjugados na 1ª pessoa denotam maior subjetividade (cf. (35)):

- (33) **Certamente** nós conseguiremos alcançar a meta deste mês. (de nossa própria autoria)
- (34) **Provavelmente** ele não tirou uma boa nota na prova. (de nossa própria autoria)
- (35) **Acho** que se nós só pensarmos em coisas negativas, sempre vamos atraí-las. (de nossa própria autoria)

Ao fazer uso dos advérbios *certamente* e *provavelmente*, tem-se um disfarce da subjetividade do falante, enquanto o emprego do verbo *acho*, em 1ª pessoa do singular, mostra maior subjetividade do falante.

2.5 A modalidade deôntica e a expressão da autoridade

Austin (1990), em seus estudos da Teoria dos Atos de Fala, a partir de uma visão pragmática da linguagem, faz a distinção entre enunciados constativos, aqueles que descrevem o acontecimento de algum evento, e enunciados performativos, que têm o poder de realizar ações apenas por serem ditos. A partir disso, Austin (1990) divide os enunciados em três diferentes níveis de ação linguística: (i) atos locucionários; (ii) atos ilocucionários; e (iii) atos perlocucionários. Os atos locucionários estão relacionados à ação do dizer. Os atos ilocucionários estão relacionados à intenção comunicativa sobre aquilo que foi dito, refletindo o posicionamento do falante. Já os atos perlocucionários estão relacionados às consequências

causadas pelo ato ilocucionário no ouvinte. Ainda de acordo com o autor, os atos ilocucionários performativos estão relacionados a *condições de felicidade*, ou seja, tais enunciados performativos não podem ser avaliados em termos de verdade.

Como exemplo de um ato ilocucionário performativo está o rito do casamento, no qual apenas um juiz pode enunciar a clássica frase “eu vos declaro marido e mulher” e concretizar o casamento. Isso significa dizer que não é o valor de verdade do enunciado que está sendo considerado, mas sim a autoridade do falante de alterar uma realidade ao enunciar “eu vos declaro marido e mulher”. Se o mesmo enunciado for proferido por qualquer outra pessoa, o matrimônio não poderia ser validado, resultando em um ato performativo sem eficácia, por não atender uma *condição de felicidade*.

Uma das maneiras de persuadir o ouvinte e ao mesmo tempo expressar autoridade é o emprego de elementos modalizadores (Gonçalves, 2011). Diferentemente da modalidade epistêmica, na qual o falante tenta persuadir o ouvinte a partir do seu próprio ponto de vista, como visto na seção anterior, a modalidade deôntica apresenta um maior domínio do falante sobre o ouvinte.

De acordo com Palmer (1986), para que uma modalização deôntica seja eficaz é necessário assumir a existência de uma hierarquia entre o falante e o ouvinte, a qual diz respeito às condições de poder entre ambos, como, por exemplo, a relação entre pais e filhos, políticos e população, médico e paciente, entre outras. Para Lyons (1977), quando um indivíduo aceita a ordem que lhe foi dada é porque assume que alguém detém o poder de obrigá-lo ou de lhe permitir a fazer algo. Sendo assim, pode-se dizer que a modalidade deôntica está relacionada à autoridade.

Heine (1995), ao estudar a modalidade orientada para o agente⁶ e a modalidade epistêmica na língua alemã, elabora critérios que distinguem a modalidade orientada para o agente da modalidade epistêmica. São elas: força (F), controle (C), evento (D), referência temporal (L) e factualidade do evento (P) (Heine, 1995). Considere o exemplo do autor em (36):

- (36) ‘Ele tem que vir.’
He has to come. (Heine, 1995, p. 29, tradução nossa)

Em (36), o falante apresenta uma força (F). Para Heine (1995), a força de um enunciado está relacionada ao que é desejado ou não desejado pelo falante. Olbertz (2016),

⁶ Modalidade orientada para o agente pode ser entendida como modalidade deôntica.

em seu estudo de modalizadores não epistêmicos na língua espanhola, situa a modalidade deôntica dentro de um domínio volitivo, pois a ordem (permissão ou proibição) parte do desejo do falante de que alguém a cumpra. Com isso, podemos dizer que a ordem expressa em (36) está relacionada ao desejo do falante somado à sua autoridade diante do ouvinte.

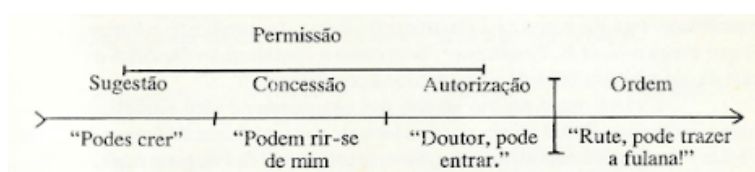
O controle (C) está relacionado à controlabilidade que o participante tem sobre o evento, ou seja, a sua capacidade/poder de realizar a ação expressa pelo verbo principal, que, conseqüentemente, está relacionado a eventos dinâmicos (D), ou seja, que envolvem a manipulação do participante (Heine, 1995). Neves (2000a), também assume que o controle está relacionado ao poder do agente sobre o Estado de Coisas descrito e também à dinamicidade do verbo principal. Ao enunciar (36), supõe-se que o falante está em um nível hierárquico mais elevado do que o ouvinte.

Com respeito à referência temporal (L) e à factualidade do evento (P), Heine (1995) associa a modalidade orientada para o agente a um evento futuro e a um evento não factual, como observado em (36), em que o evento ainda não aconteceu.

Dentre todos os critérios, o autor afirma que a força (F) e o controle (C) são decisivos para a distinção entre a modalidade orientada para o agente e a modalidade epistêmica, pois estariam relacionados à autoridade do falante. Para expressar essa autoridade, o falante pode fazer o uso de diferentes modalizadores.

Em seu estudo sobre a categoria da modalidade em português, Almeida (1986) atesta que a modalidade deôntica pode ser expressa pelos verbos *poder*, *dever*, *haver de/que* e *ter de/que*. Dentro do *continuum* da modalidade deôntica, o uso de um ou outro modalizador pode apresentar diferentes valores. Almeida (1986) propõe o esquema abaixo, que organiza diversos valores sêmicos expressos pela modalidade deôntica, mais especificamente pelo verbo *poder*:

Figura 2 –Valores sêmicos da modalidade deôntica



Fonte: Almeida, 1988, p. 21.

Os valores de sugestão, concessão e autorização estão situados dentro da permissão, ou seja, apresentam diferentes graus de permissão. A sugestão relaciona-se ao menor grau da

permissão, uma atenuação, enquanto a autorização está relacionada a um maior grau de permissão.

Carrascossi (2003), que estudou verbos modais em português, recorda que o verbo *poder* está associado ao valor de permissão deôntica e o verbo *dever* ao valor de necessidade deôntica, que pode ser interna ou externa. De acordo com a autora, a necessidade interna refere-se a questões da própria consciência humana. Já a necessidade externa refere-se a uma obrigação externa ao falante, ou seja, a uma fonte externa. Entre a necessidade interna e externa, a necessidade externa contribui com uma maior imposição (Carrascossi, 2003).

Os valores descritos para o português encontram também correspondência no espanhol. Ao estudar o verbo modal *poder* no espanhol, Rinaldi (2015) aponta a existência de um valor semântico de permissão (exemplo (37)) e um valor semântico de proibição (exemplo (38)) quando tal verbo serve à expressão da modalidade deôntica, como é possível observar nos exemplos discutidos pela autora:

- (37) No entiendo qué está haciendo el mechón de Moctezuma en el museo de Londres, o el Códice Vaticano en el Vaticano. ¿Por qué no lo regresan? ¿No hay un diplomático que lo **pueda** pedir? (Rinaldi, 2015, p. 101)
 ‘Não entendo o que a madeixa de Moctezuma está fazendo no museu de Londres, ou o Código Vaticano, no Vaticano. Por que não devolvem? Não há um diplomata que possa pedir?’
- (38) Noten, amigos y amigas, que si yo fuese un hombre no **podría** decir lo guapa que es mi entrevistada, porque ustedes me llamarían machista, pero al ser una mujer tengo barra libre. (Rinaldi, 2015, p. 113)
 ‘Percebam, amigos e amigas, que se eu fosse um homem não **poderia** dizer o quão bonita é minha entrevistada, porque os senhores me chamariam de machista, mas, ao ser uma mulher, tenho carta branca.’

Em (37), o verbo *poder* expressa a permissão que um diplomata tem para a solicitação de medidas relacionadas às questões culturais e sociais. Já em (38), tem-se uma proibição, a partir da negação anteposta ao verbo modal *podría*, imposta ao falante de mencionar a beleza da sua entrevistada se fosse homem.

Durigon (2015), ao estudar o verbo *deber* no espanhol, o associa, quando expressa a modalidade deôntica, a valores de necessidade (exemplo (49)), de obrigação (exemplo (40)) e de proibição (exemplo (41)):

- (39)
 I.: Y que todo esto, pues lógicamente, en los momentos necesarios, pues que te den la respuesta que aquello necesita
 E.: Uhum

I.: Además con la eficacia que **debe** tener

E.: Uhum. (Durigon, 2015, p. 98)

‘I.: Logicamente, nos momentos necessários, que te deem a resposta que aquilo necessita.

E.: Aham.

I.: Além disso, com a eficácia que **deve** ter.’

- (40) I.: Yo he dado muchos paseos por toda España ¡y lo sucios que somos los malagueños! Verdaderamente yo veo, en las ciudades, la gente tirando las cosas a las papeleras. ¡Yo no sé! Eso es una cosa que los malagueños **debíamos** de entonar un mea culpa porque, verdaderamente, la gente es sucia, porque se ve en las playas, que acabas de limpiar la playa, que han pasado la máquina que han pasado esto ¡y a los dos minutos, la mayoría de los plásticos que están en la en el agua son plásticos de gente que los ha tirado. (Durigon, 2015, p. 98-99)

‘Eu dei muitos passeios por toda a Espanha. E como nós malaguenhos somos sujos! Eu vejo, nas cidades, as pessoas jogando as coisas na lixeira. Eu não sei, isso é uma coisa que nós malaguenhos **devíamos** reconhecer a própria culpa porque as pessoas são sujas. Vê-se nas praias que acabam de limpá-la, que passam a máquina, que passam isto e, em dois minutos, a maioria dos plásticos que está na água são plásticos que as pessoas jogaram.’

- (41) I.: Una vez salimos, y ¡claro!, como yo estaba en la tienda y digo “¡bueno! ¡voy a arreglarme un poco!” mi padre “¡no **debes** de salir! porque ¡hay qué ver!”. (Durigon, 2015, p. 99)

‘Uma vez saímos, e, claro, como eu já estava na loja, disse “vou me arrumar um pouco” e meu pai “você não **deve** sair porque vai ver só”.’

De acordo com Durigon (2015), a necessidade expressa pelo verbo *deber* apresenta uma menor força da modalidade deôntica, pois está associada, na maioria dos casos, a participantes não específicos, genéricos. Com isso, o falante acaba por se eximir da responsabilidade, como em (39). A obrigação (40) está relacionada a uma maior autoridade do sujeito quando expressa aquilo que ele acredita ser obrigatório. Já a proibição, exemplificada em (41), como menciona Durigon (2015), apresenta uma maior imposição do falante, proibindo seu ouvinte de realizar alguma ação.

As perífrases verbais *tener que/tener de* e *haber que/de*, na língua espanhola, também podem servir à expressão da modalidade deôntica, mais especificamente com valores de obrigação (42) e de necessidade (43), como apontado por Nogueira (2019) e por Olbertz (2016):

- (42) le hice yo la pregunta y cuántos años tienes tú y me dijo veintiuno y le contesté ¡ah! [...] eres de mi eda(d) digo pues mira y mm la verda(d) es que no estoy de acuerdo contigo y tú lo único que **tienes que** hacer es limitarte a tu trabajo (Nogueira, 2019, p. 81, grifos da autora)

‘Eu fiz a pergunta a ele: ‘e quantos anos você tem?’. Ele me disse: ‘vinte e um’. E eu respondi: ‘ah, [...] você é da minha idade. Olha, a verdade é que eu não concordo com você e a única coisa que você **tem que** fazer é se limitar ao seu trabalho’

- (43) lo hicieron para el presente no para el futuro ¿sabes? que lo_que hay que mirar también es el futuro no es el presente/ **hay que** mirar el presente ¿me entiendes? pero también el futuro. (Olbertz, 2016, p. 10, grifos nossos)
 ‘Fizeram-no para o presente e não para o futuro, sabe? que o que se tem que olhar também é o futuro, não o presente, **tem que** olhar o presente, entende? mas também o futuro.’⁷

No exemplo (42), tem-se a modalidade deôntica expressando uma obrigação imposta pelo falante ao seu ouvinte. Neste caso, há o desejo do falante de que o ouvinte se atente apenas ao seu trabalho (Nogueira, 2019). Já em (43), tem-se uma necessidade deôntica de que se perceba e aprecie não apenas o futuro, mas também o presente no qual se vive (Olbertz, 2016).

A depender do contexto comunicativo, o falante pode optar por um ou outro elemento modalizador para expressar a sua autoridade perante o ouvinte. Com isso, o falante lança mão de estratégias comunicativas que irão contribuir para a persuasão que deseja. Essas estratégias comunicativas vão da escolha de um determinado modalizador à escolha de fatores internos, como, por exemplo, a pessoa gramatical do verbo, o tempo verbal, dentre outras possibilidades. Tais estratégias servem para atenuar ou fortalecer a ordem imposta pelo falante.

Como apontado por Neves (2021), a modalidade deôntica tende a ser encontrada frequentemente com sujeitos gramaticais de 1ª e 2ª pessoa, tanto no singular quanto no plural, e, assim, ser distinguida, na maioria dos casos, da modalidade epistêmica. Muitas vezes, a escolha entre 1ª e 2ª pessoa contribui para atenuar ou fortalecer uma ordem, permissão ou obrigação expressa pela modalidade deôntica. Observem-se os seguintes exemplos:

- (44) Você **deve** limpar seu quarto antes de sair.
 (45) Nós **devemos** gastar menos água neste mês.

Em (44), tem-se o verbo *dever* que, neste caso, expressa uma obrigação. O falante ordena a uma segunda pessoa (você) que *limpe o quarto antes de sua saída*. No exemplo (45), também tem-se o verbo *dever* servindo à modalidade deôntica que igualmente expressa o valor de obrigação, no caso, *gastar menos água durante o mês*.

Ambos os exemplos apresentam modalizadores deônticos que expressam a obrigação de se realizar uma ação, porém a intensidade da obrigação em (44) é fortalecida, enquanto em

⁷ Serão oferecidas traduções de própria autoria para os exemplos em língua espanhola, a fim de facilitar a compreensão do leitor não proficiente.

(45) é atenuada. A diferença dessa intensidade se deve à fonte. Em (44), a fonte da enunciação e o sujeito que deve realizar a ação de limpar o quarto são distintos. Já no exemplo (45), a fonte da enunciação e o sujeito que deve economizar água são os mesmos, ou seja, a fonte (falante) se inclui na obrigação imposta.

Ao estudar a modalidade deôntica em discursos de posse presidenciais, Dall’Aglio-Hattner (2009) conclui que ao se incluir em uma obrigação a partir do uso da 1ª pessoa do plural, o falante atenua a ordem dada, e que a junção da 1ª pessoa do plural e a atenuação “promovem uma diminuição natural da força da qualificação deôntica, na medida em que neutralizam momentaneamente a posição hierarquicamente superior da fonte deôntica” (Dall’Aglio-Hattner, 2009, p. 162).

Além disso, de acordo com Casimiro (2007), ao se fazer uso da 1ª pessoa do plural, o enunciador se descompromete com a qualificação deôntica e divide a responsabilidade com o seu ouvinte, o que se configura como uma estratégia comunicativa de diluição da responsabilidade.

Se por um lado há a divisão de responsabilidades ao se fazer uso da 1ª pessoa do plural, por outro há o reforço da obrigação e um aumento da autoridade e qualificação do falante ao se usar a 2ª pessoa do singular. Ela cria um maior distanciamento entre o falante e o ouvinte, aumentando, também, o nível hierárquico entre ambos, no qual o falante se encontra em uma posição superior à do ouvinte.

Outra maneira de atenuação da modalidade deôntica é a indeterminação do sujeito, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(46) Na cultura oriental, **deve-se** colocar os sapatos na porta antes de entrar dentro de casa.

(47) **É necessário que** ocorra a preservação do planeta Terra.

A impessoalização em (46) foi expressa por um verbo modal que não apresenta um sujeito explícito, e em (47), por um adjetivo em posição predicativa com cópula “ser” conjugada na 3ª pessoa do singular. Em ambos os casos, a impessoalização do sujeito contribui para a não atribuição de responsabilidades de ordens, leis ou obrigações ao falante, protegendo sua face e, ao mesmo tempo, fortalecendo a sua ordem (Dall’Aglio-Hattner, 2009).⁸

⁸Esses casos correspondem aos casos descritos por Hengeveld (2004) como casos de orientação para o evento.

A determinação do sujeito, em contraste com a indeterminação, causa um efeito de autoridade maior ao falante, pois tem-se a fonte que se dirige a um participante específico, diferente do que ocorre com a impessoalização.

A escolha de um determinado tempo verbal também pode ser uma estratégia do falante, como o futuro do pretérito do indicativo. O futuro do pretérito pode fazer uma referência a um acontecimento passado ou a um acontecimento futuro (valor hipotético). O seu uso contribui para a atenuação de ordens, obrigações, permissões impostas pelo falante e, ao mesmo tempo, protege sua face (Carrascossi, 2003):⁹

- (48) eu acho que nós somos muito ricos nesse material do a/ do ator...direções ótimas...mas às vezes textos indigentes...apelativos...então eu fiquei muito tempo sem ir ao teatro...ah::ultimamente de coisas boas que eu tenho visto...ah::...deixa eu ver...eu (não)...quer dizer eu não **poderia** dizer assim a rigor porque muitos espetáculos me escaparam...um deles que eu gostei...mas que não é um espetáculo brasileiro...porque::...foi todo adapTAdo do...do musical...americano...foi o 'Dom Quixote'...com a Bibi Ferreira... (Carrascossi, 2003, p. 64)

Os elementos modalizadores deônticos podem ter o valor de obrigação reforçado pela ocorrência com formas do modo imperativo, que enquanto modalidade de frase está associado a obrigações. Nesse caso, o enunciador deve estar em um posto de autoridade mais alto do que o de seu ouvinte.

Ueda (2014), que investigou o efeito dos elementos modalizadores em obras de autoajuda dirigidas para a terceira idade, mostra que o enunciador desse tipo de texto é comumente alguém conhecedor e detentor de saberes em relação ao enunciatário. Nos dados analisados pela autora, as ocorrências de imperativo junto aos modalizadores deônticos ajudam a reforçar o tom de autoridade. Observemos um exemplo:

- (49) Você **deve** praticar algum tipo de exercício físico, seja uma simples caminhada ou um treino de karatê, a depender do seu estado de saúde. Faça o que seu corpo aguentar, mas mantenha-se ativo. (UEDA, 2014, p. 77, grifos nossos)

No exemplo (49), a presença dos verbos no modo imperativo (*faça, mantenha-se*) junto ao modalizador deôntico *deve*, reforça a obrigação imposta pelo falante de que o ouvinte pratique algum tipo de atividade física.

Por outro lado, a coocorrência de modalizadores deônticos com modalizadores epistêmicos pode causar a passagem de um valor modal a outro, conforme observado por

⁹ As observações feitas sobre o emprego dos tempos verbais em português também se aplicam ao espanhol.

Gasparini-Bastos e Brunelli (2019), em obras de autoajuda no português. Vejamos o exemplo oferecido pelas autoras:

- (50) E, pior, o isolamento **pode** se transformar em depressão e, **definitivamente**, você **não precisa** de mais uma questão para lidar. (Gasparini-Bastos; Brunelli, 2019, p. 269, grifos dos autores)

Em (50), há a presença de um modalizador epistêmico de dúvida (*pode*) seguido de um modalizador epistêmico de certeza (*definitivamente*) e de um modalizador deôntico (*não precisa*). Conforme apontam as autoras, na ocorrência, a “proximidade desses elementos revela o ‘deslizar’ de uma modalidade a outra e a construção de um tom de convicção” (Gasparini-Bastos; Brunelli, 2019).

Como podemos observar, o falante lança mão de estratégias comunicativas para ora reforçar ora atenuar sua ordem, permissão, proibição, protegendo a sua face e se descomprometendo ou não com o que foi dito.

2.6 A Gramática Discursivo-Funcional (GDF)

A classificação de modalidade adotada para a presente investigação (Hengeveld, 2004) insere-se dentro do quadro teórico da Gramática Discursivo-Funcional, modelo teórico proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), representante do Funcionalismo de linha holandesa. Por essa razão, e também considerando que alguns critérios de análise associam-se às unidades que integram a arquitetura do modelo, faz-se necessário apresentá-lo, ainda que sucintamente.

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), é um modelo teórico estrutural-funcional: estrutural por apresentar uma organização *top down* descendente, e funcional por analisar os elementos linguísticos a partir da interação entre os falantes e entender a língua como uma instrumento de interação social.

Dentro do *continuum* dos tipos de funcionalismo linguístico, a GDF é considerada uma teoria moderada, o que significa dizer que se encontra no centro desse *continuum* funcional, diferenciando-se de uma teoria funcional radical que nega “a realidade da estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas.” (Neves, 1997, p. 56) e de uma teoria funcional conservadora, que aponta “a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura.”

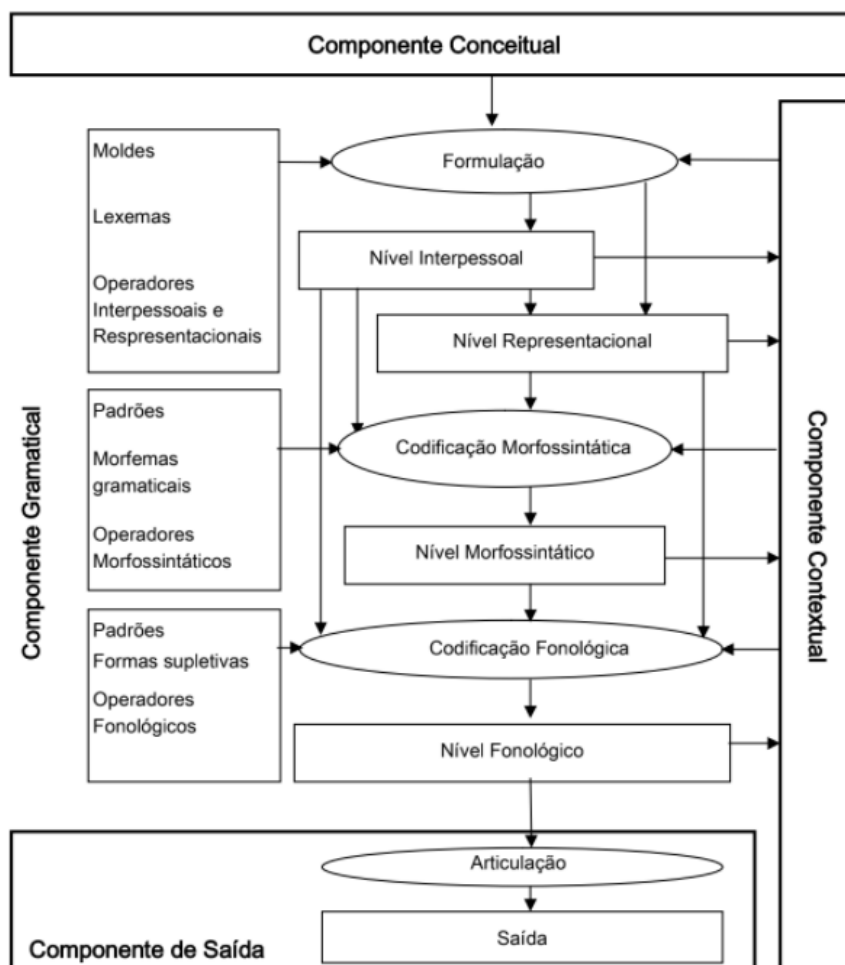
(Neves, 1997, p. 55). A GDF, além de mostrar a inadequação presente no formalismo linguístico, propõe “uma análise funcionalista da estrutura.” (Neves, 1997, p. 55).

A Gramática Funcional (doravante GF), proposta por Dik (1997a; 1997b) foi a base para a criação da GDF. Assim como a sua sucessora, a GF apresenta uma organização da oração em níveis estruturais associados a tipos de entidades linguísticas (ato de fala, fato possível, estado de coisas, indivíduo, propriedade) (Dik, 1997a). Tais níveis e entidades apresentam uma hierarquia entre si e fazem parte da *clause* (oração), objeto de análise da GF.

A principal diferença entre a GF e a GDF são os seus objetos de análise básica. Enquanto o objeto de análise da GF é a *clause*, o da GDF é o *Ato Discursivo*. Por mais que a GF de Dik tenha contribuído para os estudos linguísticos, o seu objeto de análise não contemplava unidades importantes de análise maiores ou menores que a oração. Hengeveld e Mackenzie (2008), mantendo a ideia de estruturação em camadas prevista no modelo de Dik, apresentam um modelo teórico que tem como unidade básica de análise o *Ato Discursivo*, que pode se constituir de unidades menores que a oração, como vocativos, respostas a perguntas, ou frases convencionalizadas, ou até mesmo de unidades maiores que a oração, nas quais o contexto discursivo deve ser levado em consideração para que tais unidades consigam ser explicadas (Keizer, 2015).

A estrutura descendente do modelo teórico da GDF é composta por componentes pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos, que estão organizados hierarquicamente em níveis e camadas, como podemos observar na figura 3:

Figura 3 – Arquitetura geral da GDF



Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 13.

O modelo é composto por quatro componentes: Componente Conceitual, Componente Gramatical, Componente de Saída e Componente Contextual. O componente Conceitual está relacionado à intenção comunicativa do falante a partir de contextos extralinguísticos formulados em sua mente, que, por esses motivos, constitui-se como o componente responsável pela força motriz do Componente Gramatical. O Componente Gramatical é responsável pela gramática da língua e é considerado a própria GDF. O Componente de Saída realiza as representações acústicas ou escritas advindas do Componente Gramatical. O Componente Contextual é uma descrição do conteúdo, ou seja, do contexto comunicativo, que traz informações relacionadas às relações sociais entre os participantes de um evento (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

Os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída são não-gramaticais e interagem com o Componente Gramatical através dos processos de Formulação e de Codificação, como é possível verificar na figura anterior. Além da interação com os componentes da GDF, os

processos de Formulação e de Codificação também interagem com os níveis de análise do modelo teórico, que estão representados no Componente Gramatical. São eles: Nível Interpessoal, Nível Representacional, Nível Morfossintático e Nível Fonológico.

O processo de Formulação interage com os Níveis Interpessoal e Representacional através das “regras que determinam aquilo que constitui representações semânticas e pragmáticas subjacentes válidas em uma língua.” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 44). Já o processo de Codificação interage com os Níveis Morfossintático e Fonológico, através de “regras que convertem essas representações semânticas e pragmáticas em representações fonológicas e morfossintáticas.”. (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 44).

O Nível Interpessoal tem relação com a pragmática, sendo responsável pelas estratégias mentais do falante antes de formular enunciados. O Nível Representacional, por sua vez, é um nível semântico encarregado da codificação do que é processado no Nível Interpessoal, oferecendo às representações uma roupagem para as suas designações no mundo real. Já o Nível Morfossintático é responsável pelas estruturas e formas de uma unidade linguística. O último nível, o Nível Fonológico, é responsável por todos os aspectos de codificação não englobados pelo Nível Morfossintático, recebendo, também, o *input* dos outros três níveis para o Componente de Saída (Hengeveld; Mackenzie, 2008). Os dois últimos níveis juntos (Nível Morfossintático e Nível Fonológico) cuidam da codificação das distinções interpessoais e representacionais.

Considerando que o interesse do presente trabalho é a análise de elementos modais, que na arquitetura do modelo se alojam no Nível Representacional, apresentamos, na sequência, um detalhamento apenas deste nível.

2.6.1 O Nível Representacional e as modalidades

A GDF assume a classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004), porém com alguns ajustes necessários ao modelo teórico, levando em consideração a organização hierárquica das camadas.

As modalidades, dentro da GDF, por se configurarem como uma categoria semântica, atuam no Nível Representacional (NR). Nas palavras de Keizer (2015), o Nível Representacional é o responsável por preencher com um conteúdo semântico o que advém do Nível Interpessoal, ou seja, “com descrições de entidades que ocorrem em algum mundo não-linguístico” (Keizer, 2015, p. 103)¹⁰.

¹⁰ No texto original: [...] *with descriptions of entities as they occur in some non-linguistic world.*

As entidades do NR podem pertencer a diferentes categorias ontológicas, como, por exemplo, objetos (contáveis e incontáveis), eventos (ação e estado), propriedades, lugares e tempo (Keizer, 2015). As quatro categorias semânticas mais importantes para a análise de elementos no NR são: Conteúdo Proposicional (p), Estado de Coisas (e), Propriedade Configuracional (f) e Indivíduo (x). Tais categorias são classificadas como “ordens de entidades” (Lyons, 1997, p. 442-77 *apud* Keizer, 2015, p. 105).

O NR é composto pelas seguintes camadas: Conteúdo Proposicional (p), Episódio (ep), Estados de Coisas (e) e a Propriedade Configuracional (f), composta por Indivíduos (x) – objetos concretos, localizados no tempo e espaço – e pelas Propriedades Lexicais (f) – avaliadas em termos de aplicabilidade, não tendo uma existência independente. (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

O Conteúdo Proposicional (p), unidade mais alta do Nível Representacional, é definido como um construto mental, tais como crenças, desejos ou conhecimentos do falante (Hengeveld; Mackenzie, 2008), não podendo ser tocado, ouvido ou visto, apenas avaliado em termos de verdade, sendo considerado uma entidade de terceira ordem. Os Conteúdos Proposicionais podem ser classificados como factuais – relacionados a conhecimentos, crenças ou desejos sobre o mundo real – ou não-factuais – relacionados a desejos e crenças de um mundo imaginário. Eles, ainda, podem ser classificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, descrença e dúvida) e/ou em termos de sua fonte ou origem (evidências sensoriais, inferências e conhecimentos de mundo compartilhados) (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

O Episódio (ep), que é formado por um conjunto de Estados de Coisas (e), é a segunda camada do Nível Representacional (Hengeveld; Mackenzie, 2008). De acordo com Keizer (2015) o Episódio “pode ser definido como um conjunto semanticamente coerente de Estado de Coisas” (Keizer, 2015, p. 106).¹¹

Os Estados de Coisas (e) podem ser localizados no espaço e no tempo e ser avaliados em termos de realidade, indicando a possibilidade lógica de algo no mundo acontecer ou não. Uma diferença entre a camada do Episódio e a do Estado de Coisas é o tempo: a camada do Episódio tem como característica o tempo absoluto, enquanto a camada do Estado de Coisas tem como característica um tempo relativo.

Os Estados de Coisas são compostos por uma Propriedade Configuracional (f), de uma natureza composicional. As Propriedades Configuracionais mantêm relações semânticas entre si, sem que se tornem hierárquicas. Essas categorias semânticas incluem Indivíduos (x) –

¹¹ No texto original: [...] *may be defined as a semantically coherent set of SoAs.*

classificados como objetos concretos, podendo ser vistos, tocados e localizados em um tempo e espaço – e as Propriedades Lexicais (f) (Keizer, 2015).

Na sequência, apresentamos a relação das camadas que compõem o NR com a classificação proposta por Hengeveld (2004), realocando os dois parâmetros de análise (alvo da avaliação e domínio semântico) a partir dos valores de cada camada.

2.6.1.1 Conteúdo Proposicional (p)

Como já mencionado, a camada do Conteúdo Proposicional é a mais alta do NR. Por estar relacionada a crenças, desejos, conhecimentos de mundo do falante e atitudes proposicionais, ela acaba por agregar a modalidade epistêmica orientada para a proposição (subjativa), como exemplificado em (51):

- (51) I'll certainly go broke.
'Eu certamente vou à falência.' (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 154, tradução nossa)

Através do modalizador epistêmico *certamente*, no exemplo, o falante expressa a sua atitude com relação ao conteúdo da proposição. Para Castilho (2000), pelo emprego do advérbio *certamente*, o falante apresenta o seu ponto de vista como “certo” e atribui uma confiabilidade ao que foi dito, reduzindo a dúvida.

Além de advérbios, a expressão da modalidade na camada do Conteúdo Proposicional pode se dar por meio de verbos modais plenos, como em (52):

- (52) John thinks Sheila is ill but that isn't true.
'John acha que Sheila está doente, mas isso não é verdade'. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 145)

Em (52), por meio do modalizador *think* (*acho*), o participante manifesta a sua opinião de que John “acha/pensa que Sheila está doente”. Ao utilizar o verbo modal, o falante adianta que John não sabe se realmente Sheila está bem, pois *thinks* não está associado à certeza, mas sim à incerteza.

2.6.1.2 Estado de Coisas (e)

Os Estados de Coisas (e) podem ser localizados no espaço e no tempo e ser avaliados em termos de realidade e, por isso, a modalidade epistêmica orientada para o evento (objetiva) se localiza nessa camada.¹² Diferentemente da *modalidade epistêmica subjetiva*, a modalidade objetiva indica a possibilidade lógica de um acontecimento no mundo sem envolver o julgamento do falante (Keizer, 2015), como exemplificado em (53):

- (53) He may come.
 ‘Ele pode vir.’ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 175, tradução nossa)

Em (53), o verbo *may* expressa a possibilidade da ocorrência de um evento no mundo, ou seja a possibilidade da vinda. Além da modalidade epistêmica, a camada do Estado de Coisas aloca também as modalidades deôntica (54), facultativa (55) e volitiva (56) orientadas para o evento:

- (54) One has to take off one’s shoes here.
 ‘Tem que tirar os sapatos daqui.’ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 176, tradução nossa)
- (55) It can take three hours to get there.
 ‘Pode levar três horas para chegar lá.’ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 176, tradução nossa)
- (56) It would be bad if I broke it
 ‘Seria ruim se eu quebrasse isso.’ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 176, tradução nossa)

Em (54), *has to* expressa a modalidade deôntica orientada para o evento por não haver um participante específico que tenha como obrigação “ter que tirar os sapatos daqui”, tornando-se, assim, uma obrigação geral. O exemplo (55) ilustra a modalidade facultativa orientada para o evento, em que o modalizador *can* não expressa as capacidades físicas ou intelectuais do participante, mas sim as circunstâncias de “poder demorar três horas para chegar”. Já no exemplo (56), a modalidade volitiva orientada para o evento, por meio do modalizador *would*, expressa o que é (in)desejável em um evento, no caso “quebrar o objeto”.

¹² Hengeveld e Hattnher (2015), Keizer (2015) e Olbertz e Dall’aglio Hattnher (2018) consideram que a *modalidade epistêmica* pode também estar localizada na camada do Episódio. Neste trabalho, em contrapartida ao que foi proposto pelos autores citados acima, optamos por seguir o que foi proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008) e considerar que a modalidade epistêmica objetiva está localizada na camada do Estado de Coisas, pois em algumas línguas a caracterização da camada do Episódio ainda não é muito definida.

2.6.1.3 Propriedade Configuracional (f)

Na camada da Propriedade Configuracional (f) encontram-se as modalidades deôntica, facultativa e volitiva orientadas para o participante. A diferença entre as modalidades orientadas para o participante (camada da Propriedade Configuracional) e as modalidades orientadas para o evento (camada do Estado de Coisas) é que ao serem orientadas para o participante apresentam participantes específicos, como se pode ver nos exemplos seguintes:

- (57) I must eat.
‘Eu devo comer’ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 213)
- (58) I am not able to work.
‘Eu não posso trabalhar.’ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 212)
- (59) ‘We want to leave.
‘Nós queremos ir embora.’ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 213)

Em (57), tem-se o modalizador *must* expressando a modalidade deôntica orientada para o participante e o alvo da obrigação é um participante em específico (primeira pessoa do singular). Em (58), o modalizador *able to* expressa a modalidade facultativa também orientada a um participante específico e diz respeito a uma capacidade física ou intelectual sua. Já em (59), *want* expressa o desejo de um participante específico de ir embora.

A classificação das modalidades proposta por Hengeveld (2004) e a alocação das modalidades nas camadas do NR podem ser sintetizadas de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 2 – Relação entre as camadas da Gramática Discursivo-Funcional e as modalidades

CAMADAS	MODALIDADES
Conteúdo Proposicional (p)	Modalidade epistêmica orientada para a proposição
Estado de Coisas (e)	Modalidade deôntica orientada para o evento Modalidade epistêmica orientada para o evento Modalidade facultativa orientada para o evento Modalidade volitiva orientada para o evento
Propriedade Configuracional (f)	Modalidade deôntica orientada para o participante Modalidade facultativa orientada para o participante Modalidade volitiva orientada para o participante

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

2.7 Ethos discursivo e cenas da enunciação

Como visto no item anterior, o modelo teórico que adotamos para análise, a GDF, oferece condições para o entendimento das modalidades sob uma abordagem funcionalista, mostrando o lugar que as modalidades ocupam nas camadas que integram o Nível Representacional. Entretanto, os elementos modalizadores, altamente associados à presença da subjetividade na linguagem, possibilitam que seu estudo seja feito também sob outras perspectivas teóricas, sendo uma delas a Análise do Discurso. Assim, optamos por incluir na análise os conceitos de *ethos discursivo*¹³ e de *cenos da enunciação*, com o propósito de ampliar o escopo de análise e enriquecer os resultados da investigação.

Ressaltamos que esses conceitos não são abarcados por modelos funcionalistas, visto que tais modelos se amparam em evidências gramaticais nem sempre reconhecíveis em determinadas interpretações discursivas.

A associação entre Funcionalismo e Análise do Discurso, a partir da análise da modalidade em obras de autoajuda, resultou em trabalhos que nos serviram como referência, tais como Brunelli e Dall’Aglia-Hattnher (2009), Brunelli e Gasparini-Bastos (2011, 2012); Gasparini-Bastos e Brunelli (2019), Verni, Brunelli e Gasparini-Bastos (2019). Assim, propomos que a análise dos modalizadores seja complementada com os conceitos de *ethos discursivo* e de *cenos da enunciação*, que julgamos adequados para a interpretação de alguns contextos em que os modalizadores são empregados.

Como dito por Possenti (2002) “[...] o discurso é entendido [...] como um tipo de sentido - um efeito de sentido, uma posição, uma ideologia - que se materializa na língua, embora não mantenha uma relação biunívoca com recursos de expressão da língua” (Possenti, 2002, p. 18). Toda enunciação, oral ou escrita, apresenta um sujeito enunciador, uma voz. Através da enunciação o sujeito enunciador mostra a sua personalidade, que Maingueneau (2008) define como *ethos discursivo*.

Os estudos do *ethos* nos termos pragmáticos e discursivos, de acordo com Maingueneau (2008), intensificaram-se na França a partir de 1984 relacionado às questões publicitárias. Apesar de seu apogeu na década de 1980, a noção de *ethos*, de acordo com o autor, já era denominada por Aristóteles em sua Retórica.

A principal diferença estabelecida entre o *ethos retórico* e o *ethos discursivo* é que o *ethos retórico* se constitui apenas no discurso. Para Maingueneau (2008), o *ethos* vai além das questões discursivas, desde a imagem construída pelos ouvintes/leitores do enunciador antes

¹³A análise do *ethos discursivo* aqui realizada consiste em um esboço, que poderá ser desenvolvido em trabalhos posteriores.

mesmo do início de sua fala, até a incorporação que o ouvinte/leitor faz do enunciador. De acordo com o autor, o ethos do sujeito enunciador não deve ser relacionado ao sujeito “real”, mas sim relacionado “ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso (...)” (Maingueneau, 1995, p. 138), ao que está sendo enunciado, ou seja, diferenciar a imagem do enunciador do ser enunciador (empírico).

A personalidade do enunciador se constitui de três aspectos: tom, caráter e corporalidade (Maingueneau, 2008). Por tom, deve-se compreender a voz do texto. É por essa voz que o ouvinte/leitor cria a imagem do enunciador, chamado de fiador,¹⁴ que, por consequência, está associado a um caráter e a uma corporalidade (Maingueneau, 2008). O caráter está relacionado a traços psicológicos, enquanto a corporalidade está relacionada à aparência do sujeito enunciador, à maneira de se portar e, até mesmo, às suas vestimentas. No texto escrito, o corpo do sujeito enunciador “não é uma presença plena, mas uma espécie de fantasma induzido pelo destinatário como correlato da leitura.” (Maingueneau, 1997, p. 47).

Ainda como disserta o autor, “O universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo ethos como pelas ‘ideias’ que transmite; na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser* [...]” (MAINGUENEAU, 2000, p. 99, grifos do autor). Portanto, a maneira de enunciar de um sujeito é fundamental, pois é o enunciar que contribui para a construção do corpo do enunciador pelo destinatário, e, dessa maneira, contribui para a eficácia da persuasão.

Exemplificando o ethos discursivo a partir da análise do discurso de autoajuda, Brunelli (2004) mostra que é um discurso que apresenta um tom de otimismo, causado pelos elementos modalizadores epistêmicos de certeza e facultativos, reforçando a ideia principal da autoajuda: a mudança a partir de um poder interior.

O ethos, ainda, se constituiu de um elemento da cena da enunciação. A cena da enunciação está relacionada ao contexto cultural, histórico e social do fiador e que o ajuda em sua estratégia de persuasão (Maingueneau, 2005).

A cena da enunciação é composta por três elementos fundamentais: cena englobante, cena genérica e cenografia (Maingueneau, 2005). A cena englobante está relacionada ao tipo de discurso (literário, científico, publicitário, etc.), enquanto a cena genérica diz respeito ao gênero discursivo (guia turístico, consulta médica, etc.). A cenografia é uma cena constituída pelo próprio texto e independe do gênero discursivo. Como exemplo, o autor cita o sermão, que pode ser enunciado de uma maneira professoral. É através da cenografia que o fiador se coloca em um determinado lugar de fala para, assim, persuadir o seu ouvinte/leitor.

¹⁴O fiador é um termo usado para se referir ao enunciador.

Com base no referencial teórico apresentado, no próximo capítulo descrevemos os procedimentos metodológicos que orientam a presente pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que norteiam a pesquisa. A seção 3.1 é destinada ao *corpus* da pesquisa, na qual são abordadas informações técnicas (como ano de publicação e público-alvo, por exemplo), a organização adotada para o estudo das expressões modalizadoras e alguns pontos históricos e sociais que caracterizam a autoajuda como tal. A seção 3.2 é destinada aos critérios de análise utilizados, que permitem uma classificação mais precisa para a análise dos modalizadores presentes no *corpus*, como será feito no próximo capítulo.

3.1 Sobre o *corpus* de pesquisa

A composição do *corpus* desta pesquisa se deu, primeiramente, pela escolha de obras que se incluem dentro do gênero da autoajuda. Para essa escolha, foram levados em consideração alguns pontos cruciais, como, por exemplo, o título dos livros, a sinopse disponível nas capas e uma característica em comum nesse tipo de literatura que, segundo Rüdiger (2016), é a apresentação do poder que cada indivíduo tem dentro de si (auto suficiente) para mudar a sua vida, necessitando apenas acreditar em si mesmo.

Com base nesses critérios, foram selecionadas duas obras de autoajuda escritas em língua espanhola, intituladas *A mi amada*, de autoria de María M. Vásquez, publicada no ano de 2016 pela editora espanhola Equipo Difusor del Libro (identificada como AMA), e *La mujer interior: ¿Eres consciente del poder que tienes?*, de autoria de Zulma Reyo Martínez, publicada no ano de 2011, pela editora espanhola Luciérnaga (identificada como LMI).

Dado o público-alvo cada vez mais amplo das obras de autoajuda, foram selecionadas duas obras que se voltam especialmente para o público feminino e que foram escritas por mulheres, buscando, com isso, tornar o *corpus* mais homogêneo e eventualmente encontrar alguma evidência que pudesse caracterizar a relação entre o público-alvo e os tipos de elementos modalizadores empregados.¹⁵

As duas obras selecionadas para a pesquisa apresentam juntas 450 páginas.¹⁶ No levantamento prévio de dados, os dois livros apresentaram uma alta frequência de modalizadores, totalizando, aproximadamente, duas mil ocorrências dos diferentes tipos

¹⁵ A ideia de especificar o *corpus* foi também inspirada no trabalho de Verni (2019), que analisou modalizadores em obras de autoajuda dirigidas ao público feminino, porém com foco no mundo dos negócios.

¹⁶ *A mi amada*, 247 páginas; *La mujer interior: ¿Eres consciente del poder que tienes?*, 203 páginas.

modais previstos (verbos, adjetivos em posição predicativa e advérbios). Em razão desse alto número de modalizadores encontrados nesse primeiro levantamento, decidimos organizar um recorte formado a partir das 100 primeiras páginas de cada livro, como forma de criar uma amostragem representativa e que permitisse uma análise exequível e mais precisa.

Como afirma Rüdiger (2010), a autoajuda baseia-se no uso da mente, da fé interior, de que todo o indivíduo possui para mudar sua vida; nas palavras do autor: “o princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os nossos problemas” (Rüdiger, 2010, p. 18-19). É possível verificar que este pensamento também está presente no *corpus* selecionado, como mostram os exemplos abaixo, que fazem referência ao leitor como alguém capaz de realizar as mudanças necessárias para uma vida melhor:

- (1) Yo pongo las palabras, pero el espíritu y la apasionada intensidad es algo nuestro, tuyo y mío, es nuestra canción de vida. (LMI, 2011, p. 16)
 ‘Eu coloco as palavras, mas o espírito e a intensidade apaixonante é algo nosso, seu e meu, é nossa canção da vida.’
- (2) Sin embargo, son escasas las fuentes que te darán lo que yo te puedo dar. Muy pocas te llevarán a lo que tú eres y te harán despertar ante ti misma como una mujer real, algo que ya eres en los niveles internos. Solo esto te va a permitir vincular lo que sientes con sus posibles expresiones, lo que sabes con lo que es probable. (LMI, 2011, p. 33)
 ‘Entretanto, são escassas as fontes que darão o que eu posso lhe dar. Muito poucas levarão ao que você é e farão você despertar diante de si mesma como uma mulher real, algo que já é nos níveis internos. Só isto vai permitir a você vincular o que sente com suas possíveis expressões, o que você sabe com o que é provável.’
- (3) (...) tenemos todo el derecho a ser felices, pero que ese es un derecho que necesitamos aprender a ejercer, y si eso es lo que queremos de verdad, pues parece que es un proceso muy «personal», que radica sobre todo en la relación y el diálogo constante que mantenemos con nosotras mismas, ya que no depende de nada externo a nosotras, depende sólo y exclusivamente de nosotras mismas, ¡ese es nuestro verdadero poder!. (AMA, 2016, p. 10)
 ‘(...) temos todo o direito de ser felizes, mas que esse é um direito que precisamos aprender a exercer, e se isso é o que queremos de verdade, parece que é um processo muito “pessoal”, que radica principalmente na relação e no diálogo constante que mantemos conosco, já que não depende de nada externo a nós, depende só e exclusivamente de nós mesmas, esse é o nosso verdadeiro poder!’

Apesar de estar enraizado na sociedade contemporânea, o conceito apresentado pela autoajuda de que é preciso fé e vontade para mudar de vida já existia na antiguidade. De acordo com Rüdiger (2010), o novo conceito de autoajuda como é conhecido hoje ocorre após a publicação do livro *Self-help*, de Samuel Smiles, em 1959. Samuel Smiles pregava, em seu livro, que o conceito chave de uma boa vida se baseia nos bons hábitos, como descreve Rüdiger (2010):

O conceito-chave não era realização ou prazer, mas caráter. A vida bem-sucedida que a doutrina da autoajuda pregava não se baseava na satisfação individual dos desejos mas confundia-se com a prática do trabalho e o cumprimento dos deveres estabelecidos pela sociedade. A felicidade individual e o sucesso, caso se queira empregar o termo, não eram conseguir qualquer coisa da vida mas formar um bom caráter (...). (Rüdiger, 2010, p. 37)

Outro ponto importante para esta visão foi a chegada da corrente do Novo Pensamento, a chegada da democracia e a chegada do capitalismo. A chegada do Novo pensamento traz o poder da mente e o pensamento positivo como forma de mudar de vida. De acordo com o autor as compulsões à ação de caráter, que até antes do século XX eram externas, passaram a ser individuais com o avanço da civilização.

Portanto, a autoajuda é um fenômeno que veio junto com a modernidade, assim como o capitalismo, e fez com que o individualismo conquistasse o seu lugar, levando o sujeito a se desprender de representações coletivas que acabavam por ditar suas questões de identidade; porém, ao mesmo tempo, colocou o indivíduo “a participar de sistemas de ação cada vez mais complexos, distintos e numerosos, que tendem a desintegrar profundamente a personalidade.” (Rüdiger, 2016, p. 12). Com isso, a autoajuda se tornou um meio para o enfrentamento dos desafios impostos pela modernidade aos que o sujeito é exposto.

As obras de autoajuda pós século XX são textos “guias” que têm o intuito de ensinar aos seus leitores métodos que os ajudem, por exemplo, a melhorar aspectos amorosos de suas vidas, conquistar melhores condições de trabalho, aprender a ganhar mais dinheiro, dentre vários outros temas.

Um dos pontos cruciais da autoajuda é a estrutura de seu texto. Para Brunelli (2004), a autoajuda é caracterizada pela assertividade. Os enunciados assertivos, de um ponto de vista pragmático, são enunciados modalizados implicitamente. Segundo Searle (1975), as asserções contribuem para a credibilidade, o conhecimento do enunciador diante daquilo que enuncia, fazendo que o enunciatário dê credibilidade ao enunciador. Com isso, o texto de autoajuda, por apresentar um enunciador que deseja transmitir ao seu enunciatário convicção e certeza daquilo que afirma, é representado, em sua maior parte, por enunciados assertivos. Observemos alguns fragmentos extraídos do *corpus* adotado na presente análise:

- (4) Nuestras maneras de expresarnos en el mundo a través de las relaciones son inequívocamente femeninas. La percepción que tenemos de la realidad se basa en un mecanismo de fusión y manipulación emocional. (LMI, 2011, p. 20)

‘Nossas maneiras de nos expressar no mundo através das relações são inequivocamente femininas. A percepção que temos da realidade se baseia em um mecanismo de fusão e de manipulação emocional.’

- (5) (...) porque cuando ya no nos juzgamos ni criticamos a nosotras mismas, tampoco lo hacemos con los demás, y eso es algo que el otro siempre siente e intuye, y sencillamente, porque al aceptarnos tal y como somos, tácitamente le estamos dando permiso a nuestros seres cercanos para hacerlo también, y entonces el amor y el reconocimiento son las consecuencias más neutras que aparecerán en todos los ámbitos de nuestra vida. (AMA, 2016, p. 40)

‘(...) porque quando já não nos julgamos nem criticamos a nós mesmas, também não o fazemos com os demais, e isso é algo que o outro sempre sente e intui, e simplesmente, porque ao nos aceitar como somos, implicitamente estamos dando permissão às pessoas ao nosso redor para fazer isso também, e então o amor e o reconhecimento são as consequências mais neutras que aparecerão em todos os âmbitos de nossa vida.’

Coracini (1991), ao estudar a modalidade em textos científicos, afirma que

“a modalidade implícita desempenha um duplo papel no discurso científico: a) o de convencer, pelas afirmações, da verdade que está sendo enunciada; e b) o de camuflar a ‘origem’ enunciativa: afinal, aparentemente, é o enunciado quem diz, o fato que se apresenta e não o sujeito-enunciador.” (p. 123)

O que é dito pela autora também se aplica aos textos de autoajuda, pois, segundo Brunelli (2004), a ausência de elementos modalizadores explícitos consiste em um recurso para conferir mais credibilidade aos enunciados, já que se pode pensar em uma independência do enunciador, o que confere uma maior aceitabilidade pelo enunciatário.

O enunciador desse tipo de texto deve possuir um saber sobre aquilo que enuncia, que, como aponta Brunelli (2004, p. 68), “ser sujeito-enunciador do discurso de autoajuda é assumir um lugar de saber, é colocar-se num lugar de enunciação que implica ter um conhecimento especial para ser transmitido.”

Para que a autoajuda seja validada, é preciso assumir a existência de um sujeito enunciador hierarquicamente superior ao enunciatário. De acordo com Brunelli e Dall’Aglio-Hattnher (2009), ao se aceitar a diferença hierárquica, na qual o enunciador tem o poder para dar ordens ao seu enunciatário, pode-se concluir que o sujeito enunciador é detentor de dois tipos de saber: o saber revelado e o saber pressuposto. O saber revelado “diz respeito ao saber que o sujeito enunciador demonstra ao oferecer, a seus enunciatários, orientações, conselhos, explicações e definições”. (Brunelli; Dall Aglio-Hattnher, 2009, p. 183). Já o saber pressuposto refere-se “ao saber que o autoriza a enunciar, isto é, aquele saber que ele, *enunciando como sujeito-enunciador do discurso de autoajuda, assume ter como legítimo*”. (Brunelli; Dall Aglio-Hattnher, 2009, p. 183, grifos das autoras).

O enunciatório da autoajuda também contribui para a legitimação do gênero e, consequentemente, a legitimação do poder do enunciador. Brunelli (2004) afirma que o destinatário da autoajuda é um indivíduo que está a procura de conselhos e de alguém que o ajude a mudar de vida. Ao se colocar nessa posição, assume que existe alguém em um nível hierárquico mais elevado que tem o poder de aconselhá-lo. Com isso, o destinatário se coloca em uma posição inferior e enaltece a figura de um enunciador detentor do poder, de que tudo sabe, legitimando a autoajuda.

As obras que selecionamos para análise inserem-se dentro de um tipo de autoajuda dirigida especificamente a mulheres. Como se sabe, a década de 1950 foi importante para que as mulheres começassem a garantir seus direitos dentro da sociedade moderna. Graças aos movimentos sociais durante os anos, hoje a mulher tem seus direitos e, a cada dia, conquista mais o seu lugar na sociedade. Todavia, na sociedade contemporânea, a mulher ainda é “marcada” por estereótipos, os quais se relacionam à fragilidade, sensibilidade, maternidade, etc.

Em relação aos estereótipos, muito relacionados à autoajuda, de acordo com Brunelli (2016), que estudou a autoajuda vinculada à “Teoria da Justificação do Sistema”, eles são alimentados dentro da sociedade, além de contribuírem para a conservação da desigualdade social e de gênero na sociedade.

Verni (2019), ao analisar obras inseridas dentro da temática de autoajuda para mulheres, mais especificamente para mulheres no mundo dos negócios, estudou o ethos discursivo e os estereótipos femininos. A autora observa que o estereótipo atribuído à mulher no mundo dos negócios, para que seja boa empresária, está relacionado ao estereótipo atribuído ao homem: a racionalidade. Para que a mulher tenha sucesso em sua vida profissional, deve ser racional, o que supostamente não é, moldando-se ao perfil masculino. Desse modo, há “uma imagem valorizada, que diz respeito ao comportamento que deve ser adotado pelas mulheres e uma imagem que o discurso condena, e que corresponde ao comportamento que deve ser evitado pelas mulheres” (Brunelli, 2016, p. 35-36).

Sendo assim,

“[...] o discurso de autoajuda se vale dessa imagem tradicional de mulher para se legitimar, porque, como um discurso que pretende passar um conhecimento específico às mulheres [...] é, nesses termos, um discurso que só tem validade se as mulheres realmente necessitarem desse tipo de conhecimento. Ou seja, sob a justificativa de auxiliar as mulheres a melhorarem a sua autoestima e a aprenderem a lidar com os homens, o discurso pressupõe que as mulheres precisam desse auxílio porque são,

supostamente, mais emocionais do que racionais, daí a caracterização das mulheres como pessoas inseguras, ansiosas, carentes, sem controle emocional, obcecadas, histéricas. (Brunelli, 2016, p. 39).

É nesse contexto de valorização dos sentimentos femininos e de apoio à figura feminina, eventualmente frágil, que as obras de autoajuda que integram nosso *corpus* de análise se inserem.

3.2 Critérios de análise

Os dados desta pesquisa serão analisados a partir de como se dá a qualificação do saber e do dever do falante, a partir dos modalizadores empregados nas duas obras de autoajuda que integram o *corpus*. Com o propósito de organizar a descrição dos dados, a análise será feita por cada domínio de avaliação identificado: modalidade epistêmica, modalidade facultativa, modalidade deôntica e modalidade volitiva. Em cada subtipo modal descrito, a análise será guiada pelos seguintes critérios:

- Classes gramaticais dos modalizadores;
- Pessoa gramatical e referência do sujeito (no caso dos verbos modais);
- O alvo da avaliação modal (participante, evento ou proposição);
- As unidades do Nível Representacional que a modalidade toma por escopo;
- A coocorrência de modalizadores;
- Ethos discursivo e cenas de enunciação.

O contexto foi de suma importância para a classificação dos elementos modais, visto que, como já observado, há valores modais previstos para serem identificados no contexto de autoajuda, já que a expressão da convicção e da certeza é esperada nesse tipo de texto.

3.2.1 As classes gramaticais

O primeiro parâmetro selecionado para o estudo dos modalizadores diz respeito às classes gramaticais. Neste trabalho, a análise foi restrita a elementos modalizadores lexicalizados, representados pelas seguintes classes gramaticais: i) verbos (auxiliares e plenos); ii) adjetivos em posição predicativa; e iii) advérbios e locuções adverbiais, conforme

mostram os exemplos:

- (6) **Deseo** de todo corazón **que** las notas de esta canción suavicen la aspereza de la vida para que pueda brotar ese brillo floreciente que, como la esperanza, es el Principio Femenino que habla a través de ti y de mí. (LMI, 2011, p. 16)
 ‘**Desejo** de todo coração **que** as notas dessa canção suavizem a aspereza da vida para que possa brotar esse brilho fluorescente que, como a esperança, é o Princípio Feminino que fala através de você e de mim.’
- (7) **Debes** desarrollar tu percepción, ya de por sí intuitiva, entrenándola en observación, discriminación y paciencia. (LMI, 2011, p. 48)
 ‘Você **deve** desenvolver sua percepção, por si mesmo intuitiva, treinando-a para observação, discriminação e paciência.’
- (8) En cuanto a los hombres, sé que lo que voy a decir no está muy de moda actualmente, pero los necesitas, igual que ellos te necesitan a ti, más allá del sexo. No es tanto una necesidad emocional o mental como funcional, una colaboración creativa. **Es imposible** vivir sin una polaridad. (LMI, 2011, p. 74)
 ‘Quanto aos homens, sei que o que vou dizer não está na moda atualmente, mas você precisa deles, assim como eles precisam de você, muito além do sexo. Não é tanto uma necessidade emocional ou mental, mas também funcional, uma colaboração criativa. **É impossível** viver sem uma polaridade.’
- (9) Como todos vemos a nuestro alrededor, y contrariamente a la creencia reinante mundialmente aceptada, lo que hace irresistible a una mujer no es su físico, este es sin duda también un complemento que en algunos casos ayuda pero no **necesariamente**, todos conocemos casos de mujeres guapísimas y espectaculares que no parecen haber sido demasiado felices (...). (AMA, 2016, p. 49)
 ‘Como todos vemos ao nosso redor, e contrariamente à crença reinante mundialmente aceita, o que faz uma mulher irresistível não é seu físico, este é sem dúvida também um complemento que em alguns casos ajuda, mas não **necessariamente**, todos conhecemos casos de mulheres lindíssimas e espetaculares que não parecem ter sido muito felizes (...).’
- (10) En tus relaciones con él, en la amistad o en pareja, equipara su poder y su fuerza con los tuyos, no en competencia, sino en totalidad, como otro hijo de Dios diferente e igual. **Por supuesto**, esto requiere dar valor a un sentimiento que carece de una cualidad determinada en un mundo en que el significado concreto se tiene en alta estima. (LMI, 2011, p. 79)
 ‘Em suas relações com ele, na amizade ou em casal, equipare o poder e a força dele com os seus, não em competição, mas sim em totalidade, como outro filho de Deus diferente e igual. **Com certeza**, isto requer dar valor a um sentimento que carece de uma qualidade determinada em um mundo em que o significado concreto se tem em alta estima.’

Em (6), tem-se o verbo pleno *desejar*, diferentemente de *deber*, em (7), que atua como verbo auxiliar modal. No exemplo (8), o adjetivo em posição predicativa *imposible* é o modalizador da proposição. Já nos exemplos (9) e (10), tem-se o modalizador *necesariamente* e o modalizador *por supuesto*, advérbio e locução adverbial, respectivamente.

Em relação às classes gramaticais definidas, pretendemos analisar quais delas são mais frequentes na expressão de determinado tipo modal. Considerando que a modalidade epistêmica tem mais formas de expressão do que os outros subtipos modais, conforme se pode observar em trabalhos sobre elementos modais, tanto em português como em espanhol (Neves, 1996, 2021; Rinaldi, 2015; Durigon, 2015, entre outros), esperamos encontrar formas de expressão da modalidade epistêmica distribuídas entre as três classes gramaticais previstas (verbos, adjetivos em posição predicativa e advérbios/locuções adverbiais).

Com relação à expressão das modalidades facultativa, deôntica e volitiva, o esperado é que sejam mais frequentes com verbos (auxiliares e plenos), já que no espanhol, assim como no português, a expressão das modalidades não epistêmicas é bastante recorrente por meio de verbos modais, como já mostrado por Durigon (2015), Rinaldi (2015), entre outros.

3.2.2 A pessoa gramatical

De acordo com Neves (2000a), o valor semântico de um verbo auxiliar modal está relacionado à pessoa gramatical. A autora defende, por exemplo, que a 3ª pessoa gramatical tende a uma leitura epistêmica, enquanto a 1ª e a 2ª pessoa gramatical favorecem leituras facultativa, deôntica e volitiva.

Além da pessoa gramatical determinada pelo verbo modal, será analisada a referência da pessoa gramatical (específica ou genérica). Esperamos, por esse critério, verificar a relação entre o domínio semântico modal e a pessoa gramatical, ou seja, analisar se os valores modais se associam mais diretamente a uma determinada pessoa gramatical. Com isso, será analisada a pessoa gramatical (1ª, 2ª, 3ª) e sua referência (genérica ou específica), além da análise de sujeitos indeterminados. Apresentamos, a seguir, exemplos de pessoas gramaticais e as referências de sujeitos possíveis de serem combinadas:

a) Referência específica

1ª pessoa gramatical com referência específica

- (11) (...) yo no tengo nada clara esta explicación (que por supuesto proviene de un hombre), pero sea por caballerosidad o por ancestral tendencia escapista, lo cierto es que la mayoría suelen hacer missing por el foro, pero bueno no **quiero** enrollarme mucho con esta conocida maniobra (...). (AMA, 2016, p. 16)
 ‘(...) eu não acho nada clara esta explicação (que com certeza provém de um homem), mas

seja por cavalheirismo ou por ancestral tendência escapista, o certo é que a maioria costuma sair de cena silenciosamente, mas não **quero** me enrolar muito com esta conhecida manobra (...)'

- (12) La excitación no es necesariamente sexual. Es un canto de pájaros, es alegría en la carne, es nuestro derecho a vivir plenos, contentos y felices porque sí. No necesitamos actuar sobre ella o ir en busca de los factores externos que la crearon. Como seres humanos y, más concretamente, como seres humanos del sexo femenino, **necesitamos** distinguir entre la química corporal y el condicionamiento mental, así como entre el disfrute y el logro. (LMI, 2011, p. 80-81)

‘A excitação não é necessariamente sexual. É uma canto de pássaros, é alegria na carne, é nosso direito de viver plenos, contentes e felizes porque sim. Não necessitamos agir sobre ela ou ir em busca dos fatores externos que a criaram. Como seres humanos e, mais concretamente, como seres humanos do sexo feminino, **precisamos** distinguir entre a química corporal e o condicionamento mental, assim como entre o prazer e a conquista.’

Em ambos os exemplos, há a presença de um sujeito de 1ª pessoa, *yo* e *nosotros*, respectivamente em (11) e em (12), nos quais o falante¹⁷ menciona apenas a si mesmo (11) e a si mesmo e o seu leitor (12).

2ª pessoa gramatical com referência específica

- (13) La mujer es responsable de las emanaciones que se proyectan en el corazón y que pueden originar tanto iluminación como su opuesto. Por esta razón **tienes que** aprender a discernir entre esencia y apariencia, y protegerte de las formas egoístas o negativas que dan poder. (LMI, 2011, p. 49)

‘A mulher é responsável pelas emanções que se projetam no coração e que podem originar tanto a iluminação como seu oposto. Por essa razão você **tem que** aprender a discernir entre essência e aparência, e se proteger das formas egoístas ou negativas que dão poder.’

- (14) ¡Por Dios, que agotador!!!!, aunque también es verdad que de tanto fingirlo y fingirlo... acabas creyéndotelo y haciéndolo verdad, y poco a poco comienzas a ver el mundo desde sus ojos, simplemente a mirar todo de otra manera, y muy poquito a poquito empiezas a ver que el problema no radicaba en desear ser amada, sino en necesitarlo, como si ahí radicara la llave de tu dicha, o al menos el punto fundamental de partida hacia la ansiada felicidad, y es entonces cuando empiezas a preguntarte ¿y si la llave no radica en eso?, entonces ...¿dónde la busco?, ¿y cómo la busco?... y como os **podéis** imaginar de eso va este libro, de esa búsqueda, de ese intentar comprender y diseccionar el proceso que conduzca a estar feliz y en paz contigo misma, a tomar todo nuestro increíble poder femenino, en una palabra, a empoderarnos (...). (AMA, 2016, p. 9-10)

‘Por Deus, que cansativo!!!!, embora também seja verdade que de tanto fingir e fingir... você

¹⁷ Optamos por empregar o termo falante para fazer referência ao escritor (na maioria das vezes as próprias autoras), em conformidade com a teoria da Gramática Discursivo-Funcional, que adota os termos Falante e Ouvinte para os participantes da interação, mesmo quando a relação se dá entre escritor e leitor. O emprego de outros termos como enunciador e locutor, por exemplo, são decorrentes das citações feitas a autores que não seguem a teoria, em especial os autores que serviram como referência para os conceitos extraídos da Análise do Discurso.

acaba acreditando nisso e fazendo ser verdade, e pouco a pouco você começa a ver o mundo a partir de seus olhos, simplesmente a olhar tudo de outra maneira, e muito pouco a pouco você começa a ver que o problema não estava em desejar ser amada, mas sim em precisar disso, como se ali estivesse a chave de sua felicidade, ou ao menos o ponto fundamental de partida até a ansiada felicidade, e é então quando você começa a se perguntar “e se a chave não está nisso?”, “então... onde a procuro?”, “e como a procuro?... e como vocês **podem** imaginar disso sai este livro, dessa busca, desse tentar compreender e dissecar o processo que levará você a estar feliz e em paz consigo mesma, a tomar todo nosso incrível poder feminino, em uma palavra, a nos empoderar (...).’

Em (13) e em (14), o falante direciona o que diz a um sujeito específico, no caso o seu ouvinte, a mulher (segunda pessoa do singular) ou as mulheres (segunda pessoa do plural).

3ª pessoa gramatical com referência específica

- (15) La guía de la Madre Universal emerge a través de la voz conjunta de dos arquetipos fundamentales del Principio Femenino: la Madre María y la Magdalena, aunque **podrían** perfectamente haber sido Isis, Durga, Hécate o Bona Dea. Su voz es el Principio Femenino detrás de la Vida. (LMI, 2011, p. 24)

‘O guia da mãe Universal emerge através da voz conjunta de dois arquétipos fundamentais do Princípio Feminino: a Mãe Maria e a Madalena, mesmo que **poderiam** perfeitamente ter sido Isis, Durga, Hécate ou Bona Dea. Sua voz é o Princípio Feminino depois da Vida.’

O exemplo em (15) apresenta sujeito de 3ª pessoa específica, (Isis, Durga, Hécate e Bona Dea), sobre o qual se comenta algo.

b) Referência genérica

1ª pessoa gramatical com referência genérica

- (16) Las relaciones son vida. Vivir como un ser humano en un cuerpo humano supone aprender a vivir, trabajar, incorporar, manejar y abrazar las diferencias, y esto solo lo **podemos** aprender cuando contemplamos, confrontamos, resistimos y, en general, cuando interactuamos con aquello que deseamos conocer, experimentando sus partes complementarias y opuestas. (LMI, 2011, p. 71)

‘As relações são vida. Viver como um ser humano em um corpo humano pressupõe aprender a viver, trabalhar, incorporar, gerenciar e abraçar diferenças, e isto só **podemos** aprender quando contemplamos, confrontamos, resistimos e, no geral, quando interagimos com aquilo que desejamos conhecer, experimentando suas partes complementares e opostas.’

Apesar do emprego da 1ª pessoa do plural, a ocorrência não apresenta um sujeito específico, pois o enunciado não está direcionado a um grupo em específico (o próprio

falante e seu ouvinte), mas sim às pessoas da sociedade de um modo geral.

2ª pessoa gramatical com referência genérica

- (17) (...) lo que es demostrar cada día que **puedes** ser tan eficiente y rendir tanto o más que un hombre, sin dejar de saber acariciar, de ser firme y suave como el fino y elástico junco, que tiene la fortaleza de saber resistir cualquier tormenta sin perder su gracia, su ternura, y su suavidad. Esta lista podría seguir y seguir con todo lo que podrían añadir a ella los millones y millones de mujeres increíbles, que cada día hacen esto y mil cosas más para salir adelante y para sacar también adelante a sus seres queridos. (AMA, 2016, p. 35)

‘(...) o que é demonstrar cada dia que se **pode** ser tão eficiente e render tanto ou mais que um homem, sem deixar de saber acariciar, de ser firme e suave como o fino e elástico junco, que tem a fortaleza de saber resistir a qualquer tempestade, sem perder sua graça, ternura e suavidade. Esta lista poderia continuar e continuar com tudo o que poderiam acrescentar a ela as milhões e milhões de mulheres incríveis, que cada dia fazem isto e mil coisas mais para sair na frente e para levar adiante também as pessoas queridas.’

O verbo *poder*, na 2ª pessoa do singular, em (17), não se refere ao ouvinte, mas sim a qualquer pessoa que possa passar pela mesma situação.

3ª pessoa gramatical com referência genérica

- (18) (...) solo quería creérmelo para que encajara en el rol que le adjudiqué inconscientemente, pero cada vez que nos veíamos sentía una ráfaga de rechazo que mi mente rápidamente acallaba con sus argumentos «de peso», o aquella amiga que me contaba de su última relación en la que por más enamorada que estaba, a diferencia de las anteriores jamás lograba llegar al orgasmo con él, y en la que como después descubrió, su cuerpo claramente le estaba diciendo que **no podía** relajarse y disfrutar con alguien que estaba casado y con intención de seguirlo estando (...). (AMA, 2016, p. 32-33)

‘(...) só queria que ele acreditasse em mim para que encaixasse no papel que lhe dei inconscientemente, mas cada vez que nos víamos sentia uma explosão de repulsa que minha mente rapidamente calava com seus argumentos ‘de peso’, ou aquela amiga que me contava de sua última relação na que por mais apaixonada que estava, diferentemente das anteriores jamais conseguia chegar ao orgasmo com ele, e na que, como depois descobriu, seu corpo claramente estava dizendo que ela **não podia** relaxar e desfrutar com alguém que estava casado e com intenção de continuar casado (...).’

O modalizador *poder*, em (18), não faz referência a uma mulher específica, mas a uma amiga genérica, que pode representar qualquer mulher.

Com relação a esse critério de análise, hipotetizamos que:

- a modalidade epistêmica esteja mais relacionada aos casos de sujeitos de 3ª pessoa,

no caso dos verbos auxiliares, e aos casos de referências genéricas, como uma estratégia de descomprometimento que o falante pode adotar;

- a modalidade facultativa esteja relacionada a sujeitos de 2ª pessoa de referência específica, por apresentar as capacidades e habilidades, as quais fazem referência ao ouvinte dentro do contexto de autoajuda;
- a modalidade deôntica esteja relacionada em maior frequência a sujeitos de 2ª pessoa de referência específica, por estar relacionada a ordens, proibições e permissões do falante para o ouvinte;
- a modalidade volitiva esteja relacionada principalmente à 1ª e à 2ª pessoa gramaticais, pois diz respeito aos desejos do falante (escritora) ou do ouvinte (no caso, o público alvo da obra de autoajuda, que nas obras analisadas são mulheres).

3.2.3 O alvo da avaliação modal

Como mencionado anteriormente, o alvo da avaliação modal pode ser o participante, o evento ou a proposição. No caso do *corpus* selecionado para análise (obras de autoajuda dirigidas ao público feminino), pretendemos verificar se o alvo é a própria mulher (participante), como no exemplo (19), um alvo coletivo (evento), como no exemplo (20), ou a própria proposição (exemplo 21)):

- (19) Cuando sientes su angustia, por supuesto que te gustaría poder evitársela. Pero **debes** entender la superficie engañosa de los sentimientos y concentrarte en la facultad que te permite sentir, que es lo que te permitirá ver de verdad. Saber es suficiente. No necesitas probarlo o que te sea probado. No necesitas actuar. (LMI, 2011, p. 86)
 ‘Quando você sente sua angústia, com certeza você gostaria de poder evitá-la. Mas você **deve** entender a superfície enganosa dos sentimentos e se concentrar na faculdade que lhe permite sentir, que é o que lhe permitirá ver de verdade. Saber é suficiente. Você não necessita provar nem que lhe seja provado. Você não necessita agir.’
- (20) El poder que tenemos como centros magnéticos de atracción es algo que **no se puede** conocer ni controlar, y ha hecho que a lo largo de los siglos los hombres nos hayan adorado y aborrecido por igual. (LMI, 2011, p. 54)
 ‘O poder que temos como centros magnéticos de atração é algo que **não se pode** conhecer nem controlar, e fez com que ao longo dos séculos os homens tenham nos adorado e odiado igualmente.’
- (21) Guión, que por supuesto nos llamamos como putas, y además, por supuesto nos cabraremos muchísimo con él si no lo capta y lo sigue. Pero bueno, esa es otra historia, volvamos al presente, que estábamos con los tipos de guiones que creamos, en lo que **por supuesto** hay infinidad de variaciones y permutaciones (...)(AMA,

2016, p. 15)

‘Roteiro, que com certeza nos calamos como putas, e além disso, com certeza nos irritamos muitíssimo com ele se não o captar e o seguir. Mas bom, essa é outra história, voltemos ao presente, que estávamos com os tipos de roteiros que criamos, no que **com certeza** há infinidade de variações e permutações’

Assumindo que as obras de autoajuda apresentam um maior comprometimento do falante, com enunciados mais assertivos e que expressam mais convicção, o mais provável é encontrar no *corpus* ocorrências de modalidade epistêmica que indicam certeza, em especial advérbios e locuções adverbiais que tomam por alvo a proposição.

Também é esperado que sejam identificadas ocorrências com a modalidade facultativa, com alvo especialmente voltado para o participante, visto que a autoajuda prega a capacidade que o leitor tem de alcançar os seus desejos a partir de seu poder interior.

Com relação à modalidade deôntica, ela se caracteriza, como já mencionado, por apresentar uma certa hierarquia entre falante e ouvinte (escritor e leitor), evidenciando, assim, a autoridade e o conhecimento do falante por meio do emprego de elementos modalizadores, transformando, por vezes, suas orientações e aconselhamentos em ordens, como identificado no trabalho de Verni (2019) na análise de obras escritas em português. A partir desses valores, o esperado é que as ocorrências de modalidade deôntica sejam voltadas para o participante, com instruções e orientações dirigidas ao público-alvo, embora a orientação para o evento, que pode ter um caráter menos impositivo, não esteja descartada.

Assim como as modalidades facultativa e deôntica, o esperado é que as ocorrências de modalidade volitiva, se identificadas, sejam voltadas para o participante, já que os desejos quase sempre estão associados à primeira pessoa (no caso, o falante/escritor).

3.2.4 As unidades do Nível Representacional da GDF

As modalidades estão localizadas em diferentes camadas do Nível Representacional (NR) da GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008), a depender do tipo modal que expressam. A modalidade epistêmica está localizada na camada do Estado de Coisas e na camada do Conteúdo Proposicional. As modalidades facultativa, deôntica e volitiva estão localizadas nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado de Coisas. Sintetizamos, com um quadro, as possíveis localizações de tais valores modais:

Quadro 3 – Relação entre as camadas da GDF e as modalidades deôntica e epistêmica

Subtipo modal / unidades	Conteúdo Proposicional (p)	Estado de Coisas (e)	Propriedade Configuracional (f)
Modalidade epistêmica	X	X	-
Modalidade facultativa	-	X	X
Modalidade deôntica	-	X	X
Modalidade volitiva	-	X	X

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O intuito deste critério de análise é mapear as unidades do NR que estão dentro do escopo desses dois subtipos da modalidade: Indivíduo, no caso da modalidade orientada para o participante (22), Estado de Coisas, no caso da modalidade orientada para o evento (23) ou Conteúdo Proposicional, no caso da modalidade orientada para a proposição (24):

- (22) Gracias a ella y a través de ella, eres **capaz de** elevar la sensibilidad de la sensación a las proporciones estéticas de la espiritualidad y la trascendencia. (LMI, 2011, p. 95)
 ‘Graças a ela e através dela, você é **capaz de** elevar a sensibilidade da sensação às proporções estéticas da espiritualidade e da transcendência.’
- (23) Como hemos dicho, **es** absolutamente imprescindible y **necesario** que cada una nos pongamos las escafandras y nos decidamos a bucear en nuestro subconsciente, listas y comprometidas con nosotras mismas (...). (AMA, 2016, p. 75)
 ‘Como dissemos, é absolutamente imprescindível e **necessário** que cada uma coloquemos os trajes de mergulho e decidamos mergulhar em nosso subconsciente, prontas e comprometidas com nós mesmas (...).’
- (24) **Por supuesto** que ellos también tienen miedo a ser abandonados y/o rechazados, y desde luego es verdad que para ellos el oprobio de «llevar cuernos» es casi más humillante que para nosotras, ya que, aunque por supuesto a ninguna nos guste llevarlos, y nos duelan lo mismo que a ellos (...). (AMA, 2016, p. 23)
 ‘**Com certeza** eles também têm medo de ser abandonados e/ou recusados, e é certo que para eles a desgraça de ‘levar chifres’ é quase mais humilhante que para nós, embora com certeza nenhuma de nós goste de levá-los, e nos doam o mesmo que a eles (...).’

Em (22), observa-se um caso de modalidade facultativa localizada na camada do Indivíduo; em (23), um caso de modalidade deôntica localizada na camada do Estado de Coisas; e em (24), um caso de modalidade epistêmica localizada na camada do Conteúdo Proposicional.

Hipotetizamos, em razão do tipo de *corpus* adotado na pesquisa, que a modalidade epistêmica terá mais ocorrências na camada do Conteúdo Proposicional (p), enquanto as modalidades facultativa, deôntica e volitiva terão mais incidência na camada da Propriedade

Configuracional (f), que está relacionada ao participante (ordens, capacidades e desejos).

3.2.5 A coocorrência de modalizadores

Pretendemos analisar a coocorrência de modalizadores a fim de observar de que maneira isso pode contribuir para a qualificação ou desqualificação do saber e do dever do falante. Para isso, definimos a presença de coocorrência de diferentes elementos modais dentro de um parágrafo. A delimitação desse recorte de texto é baseada na definição de *move*, proposta na GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 51): “A completude de um Move na linguagem escrita normalmente será refletida na divisão estratégica do texto reconhecida como o parágrafo.”¹⁸

De acordo com Gasparini e Brunelli (2019), a coocorrência de determinados subtipos modais pode contribuir para o reforço ou a atenuação de um valor semântico, como se pode ver no exemplo a seguir:

- (25) (...) la siguiente pregunta es: ¿pero de verdad estaré más feliz?, porque en este caso parece que entonces una porción importante de mi felicidad dependerá de dictámenes de mi mente, o de dictámenes externos a mi, dictámenes, que yo **en verdad** nunca podré llegar **de verdad** a controlar (...). (AMA, 2016, p. 28)
 ‘(...) a pergunta seguinte é: mas de verdade estarei mais feliz?, porque neste caso parece que então uma porção importante da minha felicidade dependerá de opiniões da minha mente, ou de opiniões externas a mim, opiniões, que eu **na verdade** nunca poderei chegar **de verdade** a controlar (...).’

No exemplo, a coocorrência dos modais epistêmicos *en verdad* e *de verdad* reforça a convicção e o conhecimento do falante, assim como o seu comprometimento com o que enuncia.

Assim sendo, pretendemos analisar os casos de coocorrência entre modalizadores de tipos iguais ou diferentes dentro das dimensões de um mesmo parágrafo e de que modo esses casos interferem nos efeitos de sentido resultantes.

3.2.6 Ethos discursivo e cenas de enunciação

¹⁸ No texto original: *The completeness of a Move in the written language will typically be reflected in the strategic division of the text recognized as the paragraph.*

Como explicado no capítulo anterior, optamos por incluir na análise os conceitos de *ethos discursivo* e de *cenas da enunciação*, empregados especialmente na Análise do Discurso, com o propósito de ampliar o escopo de análise e enriquecer os resultados da investigação, visto que as modalidades podem ser estudadas sob diferentes perspectivas teóricas.

Com relação ao *ethos discursivo*, o emprego de modalizadores está relacionado ao *ethos* que o falante/escritor cria para persuadir os seus interlocutores e essa escolha acaba por influenciar na seleção de um determinado tipo modal. Assim, os modalizadores epistêmicos podem ser comumente associados a um tom de convicção, enquanto os modalizadores deônticos costumam revelar um tom autoritário. O tom de otimismo é comumente associado aos modalizadores facultativos.

O emprego de modalizadores também é refletido nas cenas enunciativas, pois, a depender da imagem que o falante deseja passar de si mesmo a seu ouvinte, a escolha de um determinado tipo modal é fundamental para alcançar aquilo que deseja, ou seja, persuadir o seu ouvinte e, assim, legitimar o seu discurso.

Hipotetizamos que as obras aqui analisadas apresentem falantes/escritoras que expressam sua convicção pelo emprego de modalizadores epistêmicos indicadores de certeza e falantes/escritoras otimistas, que acreditam firmemente que suas leitoras são capazes de alcançar seus objetivos ao colocar em prática seus conselhos e ensinamentos.

Uma vez apresentados os critérios que guiarão a análise, apresentamos, no capítulo seguinte, as formas de expressão do saber e do dever do falante por meio de construções modalizadoras.

4 A EXPRESSÃO DO SABER E DO DEVER DO FALANTE

Apresentamos, neste capítulo, os dados analisados de acordo com os quatro subtipos modais propostos inicialmente, seguindo a ordem de maior frequência dos valores modais que foram identificados no *corpus* (modalidade epistêmica, modalidade facultativa, modalidade deôntica, modalidade volitiva) e como tais valores podem servir à expressão do saber e do dever do falante. Os valores da modalidade epistêmica (4.1) são apresentados inicialmente, seguidos dos valores da modalidade facultativa (4.2), deôntica (4.3) e volitiva (4.4), em conformidade com os critérios de análise propostos. A seção 4.5 está destinada à análise dos casos de coocorrência de diferentes valores modais e como tais ocorrências podem interferir no grau de comprometimento do falante ou de sua autoridade, e a seção 4.6 é destinada à análise do ethos e da cena da enunciação, de modo a complementar a análise dos modalizadores com conceitos que fogem ao escopo da gramática.

Os elementos modalizadores identificados no *corpus* podem ser verificados na tabela a seguir:

Tabela 1 – Número de modalizadores identificados no *corpus*

TIPO DE MODALIDADE	OBRA				TOTAL	% TOTAL
	LMI ¹⁹	%	AMA ²⁰	%		
Epistêmica	80	23,9	272	45,9	352	37,9
Facultativa	125	37,6	133	22,4	259	27,9
Deôntica	87	26,3	69	11,5	156	16,7
Volitiva	27	8,3	107	18,2	134	14,5
Epistêmicos/facultativos (ambíguos)	15	4,49	10	1,6	25	2,7
Deônticos/facultativos (ambíguos)	-	-	2	0,4	2	0,3
TOTAL	594	100	334	100	928	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Os resultados confirmam a alta frequência de elementos modalizadores nas duas obras de autoajuda analisadas. Observamos que todos os subtipos modais previstos foram

¹⁹A sigla se refere a uma abreviação do título da obra “La mujer interior: ¿eres consciente del poder que tienes?” aqui analisada.

²⁰A sigla se refere a uma abreviação do título da obra “A mi amada” aqui analisada.

identificados, havendo, inclusive, alguns casos de ambiguidade, em que nem mesmo o contexto e as informações extra contextuais foram suficientes para elucidar as dúvidas de interpretação dos valores modais identificados.

A análise da expressão do saber e do dever do falante será feita seguindo a ordem de maior frequência dos valores modais identificados no *corpus*: modalidade epistêmica, modalidade facultativa, modalidade deôntica e modalidade volitiva. Para cada valor modal, serão aplicados os critérios de análise estabelecidos.

Na análise de cada critério previsto, verificaremos, primeiramente, a frequência total de modalizadores em ambas as obras, e, logo em seguida, faremos uma análise de cada obra separadamente, com o intuito de mostrar as diferentes estratégias comunicativas empregadas por meio da expressão dos valores modais e de que modo essas estratégias contribuem para determinar o tom do discurso, conceito vinculado à noção de ethos discursivo que incorporamos à análise.

4.1 Modalidade epistêmica

A modalidade epistêmica foi identificada em 352 ocorrências (37,9% do total) no *corpus* analisado. Uma maior ocorrência de modalizadores epistêmicos já era esperada em razão do texto de autoajuda estar quase sempre baseado na expressão da certeza e da convicção do falante com o intuito de convencer o ouvinte a conquistar o que precisa para ser ter sucesso ou felicidade. Além disso, a modalidade epistêmica tem várias formas de expressão em língua espanhola nas três classes gramaticais que selecionamos para análise: verbos (auxiliares e plenos), adjetivos e advérbios/locuções adverbiais. Em nossos dados, encontramos as seguintes formas de expressão da modalidade epistêmica:

- a) **verbos auxiliares:** *poder, suponer.*
- b) **verbos plenos:** *pensar, creer, segurar, asegurar, saber.*
- c) **adjetivos em posição predicativa:** *es posible que, es imposible que, es cierto que, es verdad que, es evidente que.*
- d) **advérbios e locuções adverbiais:** *realmente, verdaderamente, efectivamente, probablemente, posiblemente, quizá(s), de verdad, en verdad, de hecho, en realidad, por supuesto, sin duda, sin ninguna duda, sin la más mínima duda, tal vez.*

A partir dos dados, observa-se que todas as classes gramaticais previstas para a análise dos modalizadores epistêmicos (verbos, adjetivos em posição predicativa, advérbios/locuções adverbiais) foram identificadas, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Modalizadores epistêmicos e classes gramaticais

CLASSE GRAMATICAL	OBRA				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Verbo	46	57,5	63	22,8	109	30,9
Adjetivo em posição predicativa	4	5	8	2,9	12	3,3
Advérbios/locuções adverbiais	30	37,5	202	74,3	232	65,8
TOTAL	80	100	272	100	352	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Como podemos observar na Tabela 2, a hipótese inicial de que a modalidade epistêmica seria mais frequentemente expressa por elementos adverbiais ou locuções adverbiais não pode ser totalmente comprovada. O número total de epistêmicos expressos por advérbios e locuções adverbiais presentes nas duas obras de autoajuda, os quais totalizam 232 ocorrências (65,8%), comprovaria a hipótese inicial, porém, ao observarmos os números presentes em cada obra, verificamos uma diferença significativa entre elas. Em *LMI*, as ocorrências expressas por advérbios e locuções adverbiais representam apenas 37,5% do total de epistêmicos encontrados na obra (30 ocorrências), enquanto os verbos totalizam 57,5% desse mesmo total de epistêmicos (46 ocorrências), ou seja, mais do que a metade. Diferentemente desse cenário, em *AMA*, os advérbios e locuções adverbiais representam quase a totalidade dos elementos modalizadores epistêmicos, 74,3% do total de ocorrências epistêmicas (202 ocorrências), enquanto os verbos representam apenas 22,8% do total de ocorrências (62 ocorrências). Em relação aos adjetivos em posição predicativa, esses não tiveram uma grande representatividade, tanto em *LMI* (5% – 4 ocorrências) quanto em *AMA* (2,9% – 8 ocorrências). Seguem exemplos das classes gramaticais encontradas no *corpus*:

- (1) ¿Qué puede significar, asumir todo mi poder?, pues muy **probablemente** tendrá mucho que ver con ser capaz de materializar lo que «deseo», mi profundo anhelo interior, sabiendo que el poder para hacer esto está sola y exclusivamente en mis manos y no en las de nadie más; yo tengo la llave del tesoro, de mi tesoro, la cuestión

es saber encontrar esa llave y lograr meterla en la cerradura adecuada. (AMA, 2016, p. 58-59)

‘O que pode significar assumir todo meu poder?, pois muito **provavelmente** terá relação com ser capaz de materializar o que ‘desejo’, meu profundo laço interior, sabendo que o poder para fazer isto está única e exclusivamente em minhas mãos e não nas de ninguém mais; eu tenho a chave do tesouro, do meu tesouro, a questão é saber encontrar essa chave e colocá-la na fechadura adequada.’

- (2) ¿De qué trata todo este mundo? Me dicen que tengo que ser de esta forma o de esta otra. Me dicen cómo hacer esto y aquello. Incluso me dicen qué soy o qué necesito ser. **Creo que** soy de una manera y luego me doy cuenta de que soy de otra. (LMI, 2011, p. 27)

‘Do que se trata esse mundo inteiro? Eles me dizem que eu tenho que ser deste ou daquele jeito. Eles me dizem como fazer isso e aquilo. Eles até me dizem o que sou ou o que preciso ser. **Acho que** sou de um jeito e então percebo que sou de outro.’

- (3) Deja a un lado los juicios que **puedas** tener y observa la forma y las distintas texturas de esa mano, ese pie... Acuérdate de que es la forma de la Madre y que en ella trabajan fuerzas espirituales y sagradas..(LMI, 2011, p. 107)

‘Deixe de lado os julgamentos que você **possa** ter e observe o formato e as diferentes texturas dessa mão, desse pé... Lembre-se que é o formato da Mãe e que nele atuam forças espirituais e sagradas.

- (4) Tenemos por ejemplo El Mantenedor/Cuidador, que como su propio nombre indica, es el tipo de hombre con el que sentirme segura, que me cuide, que esté pendiente de mí, y además si **es posible** que me mantenga. (AMA, 2016, p. 43)

‘Temos, por exemplo, o Mantenedor/Cuidador, que como o próprio nome indica, é o tipo de homem com quem me sinto segura, que cuida de mim, que esteja atento a mim e, além disso, se **é possível** que me mantenha.

Nos exemplos anteriores, a modalidade epistêmica é expressa pelo advérbio *probablemente* em (1), que serve à expressão da dúvida; pelo verbo pleno *creer* em (2), que expressa a opinião do falante com relação ao conteúdo proposicional; pelo verbo auxiliar *poder* em (3), que se relaciona aos possíveis julgamentos do ouvinte; e pelo adjetivo *posible* em (4), que coloca como possível a existência de um homem que mantenha a mulher.

O número significativo de verbos modais epistêmicos que expressam dúvida presentes em *LMI* nos leva a pensar na estratégia comunicativa utilizada pela falante/escritora: o seu descomprometimento. Nas ocorrências em que são empregados, os verbos epistêmicos que expressam dúvida relativizam a responsabilidade do falante com relação ao que enuncia. Vejamos o exemplo (5):

- (5) Estamos hablando de emociones, de los niveles y movimientos del Amor. Dependiendo de cómo las manejemos, las emociones **pueden** ser a la vez un tesoro y una maldición. (LMI, 2011, p. 40)

‘Estamos falando de emoções, dos níveis e movimentos do amor. Dependendo de como as gerenciamos, as emoções **podem** ser ao mesmo tempo um tesouro e uma maldição.’

A modalidade epistêmica expressa pelo verbo *poder*, no exemplo (5), diz respeito a um Estado de Coisas possível de acontecer levando em consideração aquilo que já se sabe sobre as emoções do ser humano, que podem ser boas ou más, dependendo da maneira como são trabalhadas. O mesmo pode ser verificado em outra ocorrência:

- (6) La flor **puede** ser frágil en su existencia pasajera, pero se reproduce, se esparce y persiste en el tiempo, a su propio ritmo, siendo siempre ella. (LMI, 2011, p. 90)

‘A flor **pode** ser frágil na sua existência passageira, mas se reproduz, se espalha e persiste no tempo, ao seu ritmo, sendo sempre ela mesma.’

No exemplo (6), a falante, ao empregar o verbo *poder* como modal epistêmico, retira a sua responsabilidade ao falar sobre a possível fragilidade da flor.

Ao se estabelecer uma relação entre o tipo modal epistêmico e a pessoa gramatical empregada, foram verificados os seguintes resultados:

Tabela 3 – Relação entre domínio semântico epistêmico e pessoa gramatical do sujeito

PESS. GRAM.	REF.	OBRA				TOTAL	% TOTAL
		LMI	%	AMA	%		
1ª Pessoa	Específica	5	10,8	29	46	34	31,1
2ª Pessoa	Específica	2	4,4	0	0	2	1,9
3ª Pessoa	Específica	5	10,8	7	11,1	12	11
TOTAL (referência específica)		12	26	36	57,1	48	44
1ª Pessoa	Genérica	2	4,4	8	12,7	10	9,2
2ª Pessoa	Genérica	0	0	0	0	0	0
3ª Pessoa	Genérica	9	19,6	15	23,8	24	22
TOTAL (referência genérica)		11	24	23	36,5	34	31,2
Indeterminação		23	50	4	6,4	27	24,8

TOTAL	46	100	63	100	109	100
--------------	----	-----	----	-----	-----	-----

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Analisando os dados de uma maneira geral, verificamos que a especificidade foi a mais recorrente no *corpus* (44%), prevalecendo sobre a genericidade (31,2%), com diferença pouco significativa entre a 1ª pessoa específica (31,1%) e a 3ª pessoa genérica (22%). Entretanto, ao observar mais restritamente, vemos que o comportamento dos modalizadores epistêmicos varia de uma obra para outra, o que não permite a comprovação de nossa hipótese inicial de que a modalidade epistêmica estaria mais relacionada aos casos de sujeitos de 3ª pessoa e aos casos de referências genéricas.

Em *LMI*, não prevalece a referência específica e nem mesmo a genérica, mas sim a indeterminação, ou seja, o sujeito indeterminado, com 50% dos casos. De acordo com Neves (2000b) a indeterminação acontece quando não se consegue resgatar a pessoa do verbo, sendo possível, assim, ser qualquer pessoa gramatical. Geralmente, a indeterminação, ainda de acordo com a autora, faz-se a partir do pronome impessoal, como mostramos no exemplo abaixo, com o pronome *se*:

- (7) A veces, si la angustia es grande, justificas cualquier cosa que te proteja de esa intensidad. Esto también **se puede** aplicar a las sensaciones corporales. No hay forma de que te puedas saltar la experiencia humana del sentimiento, sería como querer detener un tsunami. (LMI, 2011, p. 86-87)
- ‘Às vezes, se a angústia é grande, você justifica qualquer coisa que te proteja dessa intensidade. Isso também **se pode** aplicar às sensações corporais. Não há como ignorar a experiência humana de sentir, seria como tentar impedir um tsunami.’

Em (7), temos um caso de indeterminação, um caso de modalidade epistêmica voltada para o evento (*aplicar a las sensaciones corporales*), colocando como possível sua ocorrência. No caso, em (7), o verbo está em sua forma impessoal, caracterizando o sujeito como indeterminado.

Em *AMA*, verificamos que a 1ª pessoa gramatical com referência específica apresentou maior frequência (46%). Observemos o exemplo:

- (8) Siempre me llamó mucho la atención la frase «la suerte de la fea, la guapa desea», **yo no creo que** esto sea una cuestión de suerte, sino que probablemente son inteligentes mujeres que se han trabajado internamente y aceptado tal y como son, y es esa aceptación y amor por sí mismas lo que reflejan sus parejas, sus amigos y familiares,

que las ven tan bellas y deseables como ellas se ven a sí mismas. (AMA, 2016, p. 37-38)

‘Sempre me chamou muito a atenção a frase “a sorte da feia, a bonita deseja”, **eu não acho que** isso seja uma questão de sorte, mas sim que provavelmente são mulheres inteligentes que se trabalharam internamente e se aceitaram tal como são, e é essa aceitação e amor por si mesmas que refletem seus companheiros, seus amigos e familiares, que às veem tão belas e desejáveis como elas se veem a si mesmas.’

O exemplo (8) apresenta sujeito de 1ª pessoa do singular e verbo *creer* concordando com o sujeito “yo” (*creo*). Pelo emprego do verbo na 1ª pessoa do singular, o falante expressa suas crenças e seus pensamentos. Nesse caso, o emprego da 1ª pessoa de referência específica está relacionado à intenção do falante de se aproximar de seu ouvinte.

Em relação à orientação da modalidade, a modalidade epistêmica pode ser orientada tanto para a proposição como para o evento. Nos dados, foram encontrados modalizadores epistêmicos orientados para a proposição, representados por advérbios/locuções adverbiais e verbos plenos, e para o evento, representados por adjetivos em posição predicativa e por verbos auxiliares. Na tabela a seguir, apresentamos os resultados desse critério de análise:

Tabela 4 – Modalidade epistêmica e alvo da avaliação modal

ORIENTAÇÃO	OBRAS				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Evento	44	55	42	15,4	86	24,4
Proposição	36	45	230	84,6	266	75,6
TOTAL	80	100	272	100	352	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A alta frequência de epistêmicos orientados para a proposição (75,6%), como apontado na terceira coluna da tabela acima, na junção das duas obras, já era esperada, especialmente porque os elementos adverbiais que tomam por escopo a proposição são mais variados em espanhol. Apesar dessa alta frequência, ao observarmos as obras separadamente é possível notar uma diferença significativa e importante entre elas, pois isso nos leva a diferentes intenções comunicativas das falantes/escritoras.

Em *LMI*, a modalidade epistêmica tem mais ocorrências quando orientada para o evento, totalizando 55% dos dados (44 ocorrências). O verbo auxiliar *poder* e o adjetivo *posible* exemplificam os dados de orientação para o evento encontrados em *LMI*:

- (9) Si no honras quien tú eres, por ley energética no vas a poder atraer ninguna persona o situación en la que tú puedas honrar y ser honrada. Toda carencia o dependencia del otro que tengas no va sino a reflejar las propias y, como bien sabes, la relación **se puede** volver un trueque. Esto no es lo que tú eres. (LMI, 2011, p. 53)

‘Se você não honra quem você é, por lei energética não vai poder atrair nenhuma pessoa ou situação que você possa honrar e ser honrada. Toda carência ou dependência do outro que você tenha vai refletir as suas próprias e, como você bem sabe, a relação **pode** se tornar uma negociação. Isto não é o que você é.’

- (10) Los sentimientos no son cosas sino movimientos que percibimos, que podemos usar y con los que podemos expresarnos como mejor nos parezca, y que decodificamos o interpretamos de distintas formas. Por supuesto, **es posible** hacer un mal uso de la energía que se genera en nuestro interior, por tanto, aprender a manejar esta fuerza emocional de forma constructiva es la ciencia más elevada del género femenino. (LMI, 2011, p. 43)

‘Os sentimentos não são coisas, mas sim movimentos que percebemos, que podemos usar e com os quais podemos nos expressar como acharmos melhor, e que decodificamos ou interpretamos de diferentes maneiras. **Com certeza, é possível** fazer mau uso da energia que é gerada dentro de nós, portanto, aprender a administrar essa força emocional de forma construtiva é a ciência mais elevada do gênero feminino.’

No exemplo (9), a forma verbal *se puede*, que exemplifica um caso de modalidade epistêmica orientada para o evento, mostra a possibilidade de que uma relação se deteriore, transformando-se numa espécie de negociação, se um determinado comportamento não for adotado. No exemplo (10), a forma adjetival *es posible*, que também exemplifica um caso de modalidade epistêmica orientada para o evento, mostra a possibilidade do mal uso da energia que é gerada no interior da mulher se não souber administrar a força emocional.

Já em relação à orientação para a proposição em *LMI*, podemos observar, a partir da Tabela 4, que houve uma menor ocorrência. A seguir, apresentamos os exemplos da modalidade epistêmica orientada para a proposição presente na obra *LMI*:

- (11) ¿De qué trata todo este mundo? Me dicen que tengo que ser de esta forma o de esta otra. Me dicen cómo hacer esto y aquello. Incluso me dicen qué soy o qué necesito ser. **Creo que** soy de una manera y luego me doy cuenta de que soy de otra. (LMI, 2011, p. 27)

‘Do que se trata esse mundo inteiro? Eles me dizem que eu tenho que ser deste ou daquele jeito. Eles me dizem como fazer isso e aquilo. Eles até me dizem o que sou ou o que preciso ser. **Acho que** sou de um jeito e então percebo que sou de outro.’

- (12) El amor es el motor de la vida y la creación. Me ha enseñado que «yo» soy, **de hecho**, la matriz que «Yo Soy», el espacio desde donde me transformo, y la Conciencia que habita esa forma emergente. (LMI, 2011, p. 22)

‘O amor é o motor da vida e da criação. Me ensinaram que “eu” sou, **de fato**, a matriz que “Eu Sou”, o espaço no qual eu me transformo, e a Consciência que habita essa forma emergente.’

Em (11), o verbo pleno *creer* conjugado na 1ª pessoa do singular, orientado para a proposição, expressa a opinião da falante, enquanto em (12), também um caso de orientação para a proposição, a locução adverbial *de hecho* (de fato), assevera o valor de verdade da proposição (*yo soy la matriz que yo soy*).

Tanto na orientação para o evento quanto na orientação para a proposição houve um predomínio de valor epistêmico de dúvida, o qual recaiu sobre eventos ou opiniões.

Ao realizar um outro recorte nos dados dos modalizadores epistêmicos de *LMI*, relacionando à orientação à expressão de dúvida e certeza, vemos que a falante emprega elementos relacionados à dúvida mais do que elementos relacionados à certeza, o que foge da caracterização geral do discurso de autoajuda, conforme previsto por Brunelli (2004). Vejamos a tabela:

Tabela 5 – Expressão de certeza e de dúvida em *LMI*

ORIENTAÇÃO	Certeza	%	Dúvida	%
Evento	0	0	29	36,3
Proposição	28	35	23	28,7
TOTAL	28	35	52	65

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Os modalizadores de certeza são os menos frequentes em *LMI*, totalizando apenas 35%, enquanto os modalizadores de dúvida apresentam maior ocorrência, totalizando 65%. Apesar dos modalizadores de incerteza serem a maioria, o que é incomum, é necessário que nos atentemos a sua orientação. Eles estão orientados para o evento, o que cria, como já mencionado, um distanciamento da falante/escritora, tornando-a menos comprometida com a verdade da informação.

Em várias ocorrências, a modalidade epistêmica de dúvida não apareceu associada aos contextos de aconselhamento, não colocando em dúvida as opiniões do falante, mas sim a situações hipotéticas, no relato de situações que podem se dar na vida de qualquer ser humano, como mostra o exemplo a seguir:

- (13) Tenemos una manera especial de comunicarnos que no se **puede** describir. Está llena de silencios, gestos, miradas, expresiones, suaves movimientos del alma y de los sentimientos: abismos internos de poder emergente y continuas oleadas de anhelos.

Sabemos que sabemos. También sabemos que no sabemos lo que sabemos. Esa es nuestra complicidad, algo que a los hombres les resulta un gran misterio. No pueden entendernos. (LMI, 2011, p. 19-20)

‘Temos uma forma especial de comunicação que não **pode** ser descrita. É repleto de silêncios, gestos, olhares, expressões, movimentos suaves da alma e sentimentos: abismos internos de potência emergente e ondas contínuas de saudade. Nós sabemos que sabemos. Também sabemos que não sabemos o que sabemos. Essa é a nossa cumplicidade, algo que é um grande mistério para os homens. Eles não conseguem nos entender.’

No exemplo, a forma verbal *se puede*, que exemplifica um caso de modalidade epistêmica orientada para o evento, mostra a impossibilidade de descrever a maneira como as mulheres se relacionam. A dúvida não está no conselho e não desqualifica o saber do falante, mas apenas apresenta uma situação hipotética que pode se dar em casos mais extremos nas relações amorosas.

A mesma situação pode ser vista nos casos de modalizadores epistêmicos de dúvida orientados para a proposição, como no exemplo a seguir, em que a construção *puede que* exemplifica um caso de modalizador epistêmico orientado para a proposição:

- (14) Descubrimos las leyes de ser, de existir y crear un mundo femenino, profundo, creativo, nutritivo y misterioso. **Puede que** veamos energías, ya que somos energía que condiciona y que es condicionada. (LMI, 2011, p. 20)
 ‘Descobrimos as leis de ser, de existir e de criar um mundo feminino, profundo, criativo, nutritivo e misterioso. **Pode ser que** vejamos energias, já que somos energia que condiciona e que é condicionada.’

Em (14), *puede que* não expressa a falta de conhecimento da falante, mas sim uma hipótese vinculada a um acontecimento futuro, que serve de ilustração ao que está sendo explicado. Ao mesmo tempo, o emprego da primeira pessoa do plural em *veamos* mostra uma tentativa de aproximação entre escritora (falante) e leitora (ouvinte).

Nas ocorrências identificadas na obra *AMA*, a modalidade epistêmica orientada para a proposição foi quase categórica nos dados (84,5% – 230 ocorrências), diferentemente do que ocorreu em *LMI*:

- (15) Sí, yo **creo que** esto es lo que nos hace absolutamente irresistibles, tanto a nuestros propios ojos, como a los ojos de alguien —que no sea de los que necesita una Barbie con fachada para calmar sus personales carencias y así olvidarse de ellas sino para alguien que posea la capacidad del auténtico «reconocedor de lo bello», porque es con este tipo de persona con quien en verdad merece la pena tener una relación. (AMA, 2016, p. 31)
 ‘Sim, eu **acho que** isto é o que nos faz absolutamente irresistíveis, tanto ao nossos próprios olhos, quanto aos olhos de alguém – não para alguém que precisa de de uma Barbie de

fachada para acalmar suas carências e assim se esquecer delas, mas sim para alguém que possua a capacidade do autêntico “reconhecedor do belo”, porque é com este tipo de pessoa com quem de verdade vale a pena ter uma relação.’

- (16) En nuestra mente surge la constante pregunta, ¿pero cómo pudo hacerme esto?. El dolor **quizá** intentemos procesarlo a través de la rabia y la ira que parece que nos hará sentir un poco mejor, pero este pasajero bienestar sólo sucede en esporádicos arrebatos que duran muy poco, porque lo cierto es que este no es antídoto eficaz. (AMA, 2016, p. 69)

‘Em nossa mente surge uma pergunta constante: mas como eu pude fazer isso comigo? **Talvez** tentemos processar a dor através da raiva e da ira, que parece que nos fará sentir um pouco melhor, mas este bem estar passageiro só acontece em explosões esporádicas que duram muito pouco, porque o certo é que este não é um antídoto eficaz.

Em (15), *creo*, que introduz um conteúdo proposicional, serve à expressão da modalidade epistêmica e expressa a opinião da falante/escritora sobre as características que tornam a mulher irresistível, tanto aos olhos dela mesma como aos olhos de outras pessoas. Em (16), o advérbio *quizá* coloca em dúvida toda a proposição (*intentemos procesarlo a través de la rabia*), descrevendo uma situação possível de ser vivida pela mulher. Observamos que nesses casos, a falante não expressa dúvida com relação a aconselhamentos, orientações ou condutas que a mulher deve seguir para conquistar seus objetivos. A dúvida está associada a situações hipotéticas que podem se dar na vida de qualquer pessoa e que se configuram como narrativas na obra. Assim, as ocorrências de modalizadores epistêmicos de dúvida não desqualificam o conhecimento de quem dá as orientações.

A orientação para o evento está presente em apenas 15,3% dos epistêmicos (42 ocorrências) da obra *AMA*. Vejamos os exemplos:

- (17) En este camino hacia el perdón, es decir hacia nuestra liberación que es de lo que se trata, es necesario que intentemos sin auto-engaños recopilar los fundamentos que nos lo faciliten, y que **podrían** ser algo así. (AMA, 2016, p. 103)

‘Neste caminho para o perdão, isto é, para a nossa libertação, que é disso que se trata, é necessário que tentemos, sem auto-enganho, compilar os fundamentos que nos facilitem fazer isso e que **poderiam** ser algo assim’

- (18) Por supuesto que ellos también tienen miedo a ser abandonados y/o rechazados, y desde luego **es verdad que** para ellos el oprobio de «llevar cuernos» es casi más humillante que para nosotras, ya que, aunque por supuesto a ninguna nos guste llevarlos, y nos duelan lo mismo que a ellos, quizá por la costumbre ancestral de llevarlos, a nosotras nos resultan un poco menos humillantes que a ellos [....]. (AMA, 2016, p. 23)

‘**Com certeza** eles também têm medo de ser abandonados e/ou rejeitados, é verdade que para eles a vergonha de “levar chifres” é quase mais humilhante do que para nós, pois, embora com certeza que nenhuma de nós goste de levar chifres, e dói em nós o mesmo que dói neles, talvez

pelo costume ancestral de levá-los nos parecem um pouco menos humilhantes do que para eles [....].’

Os dois exemplos retratam dois valores da modalidade epistêmica: dúvida/possibilidade e certeza. No exemplo (17), temos o verbo modal *poder* servindo à expressão da modalidade epistêmica orientada para o evento e indicando a possibilidade da ocorrência do evento (*ser algo así*). Em (18), a expressão *es verdad* indica a certeza de que os homens sofrem mais aos serem traídos do que as mulheres.

Os modalizadores epistêmicos orientados para a proposição também foram mais frequentes na obra *AMA*, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 6 – Expressão de certeza e de dúvida em *AMA*

ORIENTAÇÃO	Certeza	%	Dúvida	%
Evento	6	2,3	38	14
Proposição	163	59,9	71	26
TOTAL	169	62,2	109	40

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Como já discutido em trabalhos anteriores (Brunelli, 2004; Brunelli; Gasparini Bastos, 2011, 2012), o enunciador do discurso de autoajuda tem como objetivo levar seu ouvinte/leitor a alcançar suas metas e, para tanto, lança mão de estratégias comunicativas que reforcem sua certeza frente aos enunciados. A seguir, vemos exemplos da expressão de certeza presentes na obra *AMA*:

- (19) Cuando digo que no se inmiscuya la cabeza, no quiero decir que dejemos la inteligencia de lado, ni que dejemos de decidir, sino que no permitamos que nuestro diálogo interior deje de ser amoroso cuando más lo necesitamos, ni tampoco nos desvíe de lo principal, perdiéndonos en marañas de acusaciones al otro y en espirales de enfado y rabia, que solo nos alejan aún más de lo que **verdaderamente** deseamos y necesitamos, que es exactamente lo que nuestro dolor viene a contarnos. (AMA, 2016, p. 72)
- ‘Quando digo que a cabeça não deve interferir, não quero dizer para deixarmos a inteligência de lado, nem que deixemos de decidir, mas sim que não permitamos que nosso diálogo interior deixe de ser amoroso quando mais precisamos dele, nem mesmo nos desvie do principal, perdendo-nos em emaranhados de acusações ao outro e em espirais de braveza e de raiva, que só nos afastam ainda mais do que **verdadeiramente** desejamos e necessitamos, que é exatamente o que nossa dor vem nos contar.’

- (20) Averigua con todo tu amor, que es lo que tú verdaderamente deseas. Quizá una buena manera sería otra de nuestras famosas listas, en la que pongas las cualidades que necesitas para ser bella, y te **aseguro** que te sorprenderá descubrir que ya las tienes. (AMA, 2016, p. 88-89)

‘Averigue com todo o seu amor o que você verdadeiramente deseja. Talvez uma boa maneira seria outra de nossas famosas listas, nas quais você coloca as qualidades que você precisa para ser bela, e **asseguro** que você se surpreenderá ao descobrir que já as tem.’

Em (19) e em (20), o advérbio *verdaderamente* e o verbo *asegurar* expressam a certeza do falante, sua convicção e o seu comprometimento com relação ao conteúdo proposicional.

As locuções adverbiais que expressam certeza também estiveram presentes nos dados:

- (21) El amor es el motor de la vida y la creación. Me ha enseñado que «yo» soy, **de hecho**, la matriz que «Yo Soy», el espacio desde donde me transformo, y la Conciencia que habita esa forma emergente. (LMI, 2011, p. 22)

‘O amor é o motor da vida e da criação. Me ensinaram que “eu” sou, **de fato**, a matriz que “Eu Sou”, o espaço no qual eu me transformo, e a Consciência que habita essa forma emergente.’

- (22) [...] un médico amigo me explicaba, que en realidad lo que sucede es que el hombre cuando huele desencuentro y posible conflicto, como es un caballero, se tendría que preparar para la liza, pero claro, como eso solo lo puede hacer con otro caballero, pues la mejor solución «caballerosa» que encuentra es retirarse del combate, bueno..., yo no tengo nada clara esta explicación (que **por supuesto** proviene de un hombre), pero sea por caballerosidad o por ancestral tendencia escapista, lo cierto es que la mayoría suelen hacer missing por el foro [...]. (AMA, 2016, p. 16)

‘[...] um médico amigo me explicava, que na verdade o que acontece é que o homem quando prevê desencontro e possível conflito, como é um cavalheiro, teria que se preparar para o combate, mas claro, como isso só pode fazer com outro cavalheiro, a melhor solução “cavalheiresca” que encontra é se retirar do combate, bom..., eu não acho nada clara esta explicação (que **com certeza** provém de um homem), mas seja por cavalheirismo ou por ancestral tendência escapista, o certo é que a maioria costuma sair de cena [...].’

Em (21), a locução adverbial *de hecho* (de fato) assevera o valor de verdade da proposição (*yo soy la matriz que yo soy*), enquanto em (22), a locução *por supuesto* (com certeza) coloca como completamente certa a afirmação de que a explicação do desaparecimento dos homens quando há um conflito foi inventada por um homem.

Nas ocorrências de modalizadores epistêmicos indicadores de certeza, observa-se a expressão do saber do falante, que se mostra como alguém detentor do conhecimento e convicto de suas opiniões, estratégia bastante produtiva na tarefa de convencer o ouvinte

(leitor da obra de autoajuda) a seguir as orientações e alcançar seus objetivos na procura pelo sucesso pessoal ou profissional.

Apesar da alta frequência de modalizadores epistêmicos de certeza orientados para a proposição, foi observado, em *AMA*, um número significativo de modalizadores epistêmicos que expressam dúvida (26% do total), o que é menos esperado, uma vez que a expressão da incerteza não é algo típico das obras de autoajuda, pois um falante que tem o propósito de convencer os demais a acreditar, não pode ele mesmo mostrar insegurança. A partir desse pressuposto, as ocorrências de modalizadores epistêmicos de incerteza orientados para a proposição foram analisadas mais cuidadosamente, para verificar se os contextos desqualificavam o falante como alguém que não está seguro de suas opiniões.

Como aponta Verni (2019, p. 91), que analisou o discurso de autoajuda dirigido a mulheres, as ocorrências de modalidade epistêmica expressando dúvida podem funcionar como uma “estratégia discursiva por meio da qual a enunciatória abandona temporariamente o seu lugar de enunciação de saber e se aproxima de sua enunciatária, como se estivesse, de algum modo, falando de igual para igual com ela.” Acreditamos que situação semelhante pode ser observada nos nossos dados, como mostram os exemplos a seguir:

- (23) Sí, yo **creo que** esto es lo que nos hace absolutamente irresistibles, tanto a nuestros propios ojos, como a los ojos de alguien —que no sea de los que necesita una Barbie con fachada para calmar sus personales carencias y así olvidarse de ellas sino para alguien que posea la capacidad del auténtico «reconocedor de lo bello», porque es con este tipo de persona con quien en verdad merece la pena tener una relación. (*AMA*, 2016, p. 31)

‘Sim, eu **acho que** isto é o que nos faz absolutamente irresistíveis, tanto ao nossos próprios olhos, quanto aos olhos de alguém – não para alguém que precisa de de uma Barbie de fachada para acalmar suas carências e assim se esquecer delas, mas sim para alguém que possua a capacidade do autêntico “reconhecedor do belo”, porque é com este tipo de pessoa com quem de verdade vale a pena ter uma relação.’

- (24) (...) sin darnos cuenta que el dolor no se calma porque causemos a otros el justo dolor que **pensamos que** merecen, sino porque nosotras decretemos renunciar a él, poner fin a la situación que nos hace sufrir, y a fin de cuentas todo se resume un poco en aquel famoso aforismo de ¿Qué prefieres tener razón o ser feliz? (*AMA*, 2016, p. 100-101)

‘(...) sem nos dar conta de que a dor não se acalma porque causamos aos outros a justa dor que **pensamos que** merecem, mas sim porque nós decretamos renunciar a ela, colocar fim à situação que nos faz sofrer, e no fim das contas tudo se resume um pouco naquele famoso aforismo de você prefere ter razão ou ser feliz?.’

Em ambos os exemplos, os verbos *creer* e *pensar*, que introduzem um conteúdo proposicional, servem à expressão da modalidade epistêmica. Nos dois casos, não se trata de

colocar em dúvida o saber relacionado aos aconselhamentos para a obtenção do sucesso pessoal e profissional das mulheres que constituem o público-alvo da obra. São opiniões que aproximam o falante e o ouvinte muito mais do que desqualificam o conhecimento do falante. Ao se mostrar como alguém que também tem dúvidas frente a determinadas situações, a falante/escritora se coloca como alguém semelhante às mulheres a quem se dirige, o que é evidenciado, também, pela presença da primeira pessoa do plural.

A diferença entre a orientação da modalidade e o cruzamento da expressão da dúvida e da certeza observada, descrita e analisada nas duas obras mostra uma estratégia particular adotada por cada uma das falantes/escritoras.

Com relação às unidades do Nível Representacional que os modalizadores tomam por escopo, com base no modelo teórico da GDF, a modalidade epistêmica pode escopar tanto a camada do Conteúdo Proposicional como a camada do Estado de Coisas. Os dados são organizados na tabela a seguir:

Tabela 7 – Modalidade epistêmica e as unidades do Nível Representacional

ORIENTAÇÃO	OBRAS				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Estado de Coisas	44	55	42	15,4	86	24,4
Conteúdo Proposicional	36	45	230	84,6	266	75,6
TOTAL	80	100	272	100	352	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A camada do Conteúdo Proposicional, como vemos na terceira coluna, é a mais frequente nos dados – 266 ocorrências (75,6% do total) –, por estar relacionada a crenças, desejos e conhecimentos de mundo do falante, temas recorrentes em obras de autoajuda. Tal resultado está também relacionado ao fato de haver predomínio de elementos modalizadores adverbiais, que comumente tomam por escopo toda a proposição. Apesar de a camada do Conteúdo Proposicional ser mais frequente no *corpus*, ao olhar separadamente para as obras, observamos que o comportamento da modalidade epistêmica é diferente em cada uma.

A princípio, hipotetizamos que as duas obras investigadas teriam mais modalizadores epistêmicos na camada do Conteúdo Proposicional, o que por parte, não pode ser comprovado, pois em *LMI* é a camada do Estado de Coisas que apresenta mais ocorrências

dessa natureza (55% do total dos modalizadores epistêmicos encontrados na obra). De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a camada do Estado de Coisas abriga a modalidade epistêmica orientada para o evento, comumente expressa por verbos auxiliares e adjetivos em posição predicativa. A maior frequência de modalizadores na camada do Estado de Coisas em *LMI* mostra um maior distanciamento da falante/escritora, indicando a possibilidade lógica de um acontecimento no mundo sem envolver o julgamento da falante (Keizer, 2015), como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (25) Tu naturaleza se encuentra en la suavidad, pero esa suavidad también es dúctil. Es extremadamente fuerte precisamente porque **se puede** doblar y en la maleabilidad cobra fuerza. Recuerda la forma en que el sauce se dobla con el viento, el poder de ser vulnerable. (LMI, 2011, p. 90)

‘Sua natureza é encontrada na suavidade, mas essa suavidade também é flexível. É extremamente forte justamente porque **pode** ser dobrado e na maleabilidade ganha força. Lembre-se da maneira como o salgueiro se curva ao vento, do poder de ser vulnerável.’

- (26) La espiritualidad florece en el terreno de las relaciones. La soledad impuesta crea un desequilibrio; mientras que **es imposible** estar solo, es posible estar completo. (LMI, 2011, p. 70)

A espiritualidade floresce no terreno das relações. A solidão imposta cria um desequilíbrio; enquanto **é impossível** estar só, é possível estar completo.’

Em (25), o verbo auxiliar *poder* expressa a possibilidade de ocorrência de um evento, sem que o falante se comprometa com o que diz. Já no exemplo (26), o adjetivo em posição predicativa *es imposible* expressa incerteza, sem que a responsabilidade recaia sobre um participante específico.

Já na obra *AMA*, os modalizadores escopam praticamente a totalidade da camada do Conteúdo Proposicional (84,6% do total de epistêmicos). Por meio do Conteúdo Proposicional, o falante expressa a sua atitude, atitude essa que pode apresentar um grau de comprometimento maior ou menor do falante, a depender de sua intenção comunicativa (Hengeveld; Mackenzie, 2008). Os Conteúdos Proposicionais podem ser introduzidos por advérbios (27) e por verbos modais plenos (28):

- (27) No, yo no estoy aquí hablando de lo legal, ni de poner fin a la situación que sea necesario terminar, sino de «nuestro proceso interno», de nuestro mundo emocional, de no creernos víctimas impotentes, ni permitir que se nos haga daño, de sentirnos en paz, que es de lo que va este libro [...] ni tan siquiera de querer ser buenos y generosos, que sin duda también están implícitos, yo de lo que **verdaderamente** hablo es de mera supervivencia, de nuestro propio interés, de nuestra liberación [...] (AMA, 2016, p. 101-102)

‘Não, eu não estou aqui falando do legal, nem de pôr fim na situação que é preciso terminar, mas sim do ‘nosso processo interno’, do nosso mundo emocional, de não nos fazermos vítimas impotentes, nem permitir que nos machuquem, de nos sentirmos em paz, que é o que fala este livro [...] nem sequer de querer ser bons e generosos, que sem dúvida também estão implícitos, eu do que **verdadeiramente** falo é da mera sobrevivência, de nosso próprio interesse, de nossa libertação [...]’

- (28) Dos, «Ponerle lazos». Aquí **creo que** todas las chicas sabemos perfectamente de lo que hablamos, porque claro, una vez que he trazado el guión de cómo quiero que sea todo, además necesito que mi chico encaje con el patrón que tengo desde jovencita o desde mayorcita en mi mente (...). (AMA, 2016, p. 16-17)

‘Dois, «Colocar laços». Aqui **acho que** nós meninas sabemos perfeitamente do que falamos, porque claro, uma vez que eu tracei o guia de como quero que seja tudo, necessito também que meu menino se encaixe no padrão que tenho desde juvenzinha ou desde maiorzinha em minha mente (...)’

No exemplo (27), o advérbio *verdaderamente* toma por escopo o Conteúdo Proposicional (*lo que hablo es de mera supervivencia*). Conforme aponta Castilho (2000), ao empregar o advérbio *verdadeiramente*, o falante apresenta o seu ponto de vista como certo e atribui uma confiabilidade ao que foi dito. O mesmo se passa com o verbo *creer*, em (28), que toma por escopo o Conteúdo Proposicional (*todas las chicas sabemos perfectamente de lo que hablamos*).

Nos exemplos, enquanto o advérbio *verdadeiramente* expressa convicção, o verbo *creer* expressa dúvida. Entretanto, a dúvida não desqualifica a convicção da falante/escritora, uma vez que na sequência ela lança mão de outro verbo que expressa conhecimento (*saber*) empregado na primeira pessoa do plural, incluindo-se no grupo a que faz referência (“nós meninas sabemos perfeitamente do que falamos”). A expressão da dúvida é, então, substituída pela expressão de um conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte (“nós sabemos”).

Os dois valores modais epistêmicos (certeza e dúvida) podem coocorrer em uma mesma sentença.²¹ Ao contrário do que se possa pensar, a existência de dois tipos modais em uma mesma sentença não contribui para uma anomalia semântica, pois cada modalidade atua em camadas diferentes, como já previsto por Dik (1997a; 1997b) e pela GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2015). Pode-se observar um caso de coocorrência em (29):

- (29) Los sentimientos no son cosas sino movimientos que percibimos, que podemos usar y con los que podemos expresarnos como mejor nos parezca, y que decodificamos o interpretamos de distintas formas. **Por supuesto, es posible** hacer un mal uso de la energía que se genera en nuestro interior, por tanto, aprender a

²¹ Casos de ocorrência modal serão descritos com mais detalhes no item 3.5.

manejar esta fuerza emocional de forma constructiva es la ciencia más elevada del género femenino. (LMI, 2011, p. 43)

‘Os sentimentos não são coisas, mas sim movimentos que percebemos, que podemos usar e com os quais podemos nos expressar como acharmos melhor, e que decodificamos ou interpretamos de diferentes maneiras. **Com certeza é possível** fazer mau uso da energia que é gerada dentro de nós, portanto, aprender a administrar essa força emocional de forma construtiva é a ciência mais elevada do gênero feminino.’

No exemplo (29), o modalizador epistêmico *por supuesto* atua na camada do Conteúdo Proposicional, expressando certeza, e o modalizador epistêmico *es posible* atua na camada do Estado de Coisas, expressando a possibilidade de ocorrência de um evento. *Por supuesto* tem sua orientação para a proposição, pois diz respeito a uma atitude comunicativa do falante, enquanto *es posible* tem sua orientação para o evento, pois diz respeito à possível realização do evento.

4.2 Modalidade facultativa

O domínio semântico facultativo foi o segundo domínio mais recorrente no *corpus* de análise, com 258 ocorrências (27,9% do total dos modalizadores identificados nos dados). Consideramos que a alta frequência de modalizadores facultativos encontrados está relacionada ao gênero da autoajuda. Como já mencionado anteriormente, os textos de autoajuda têm como propósito incentivar o leitor a conquistar aquilo que deseja. Para que o leitor acredite em seu potencial, tais textos lançam mão de modalizadores facultativos, que estão relacionados a capacidades e habilidades, sejam elas intrínsecas ou intelectuais, manifestando, como apontado por Brunelli (2004), um tom de otimismo e convicção, construindo, assim, a imagem do “homem seguro, autoconfiante e autocentrado, que está voltado para os seus objetivos e que age em busca de seu próprio bem” (BRUNELLI, 2004, p. 141). A modalidade facultativa foi expressa pelos seguintes modalizadores:

- a) **verbos auxiliares:** *poder, saber, conseguir, tener que, permitir, necesitar.*
- b) **verbos plenos:** *necesitar.*
- c) **adjetivos em posição predicativa:** *ser capaz de, ser incapaz de.*

Entre as duas classes gramaticais previstas e identificadas no *corpus*, observa-se que a modalidade facultativa foi mais frequentemente expressa por verbos do que por adjetivos em

posição predicativa, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 8 – Modalizadores facultativos e classes gramaticais

CLASSE GRAMATICAL	OBRA				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Verbo	113	90,4	115	86,5	228	88,4
Adjetivo em posição predicativa	12	9,6	18	13,5	30	11,6
TOTAL	125	100	133	100	258	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Como se pode observar na Tabela 8, os verbos representam quase a totalidade de facultativos identificados no *corpus* de análise, 228 ocorrências (88,4% do total). Uma razão para essa frequência está relacionada à quantidade de elementos para a expressão da modalidade facultativa. Há uma maior possibilidade de emprego de verbos facultativos do que de adjetivos facultativos. A seguir, exemplificamos as classes gramaticais que servem como expressão da modalidade facultativa:

- (30) Sin embargo, son escasas las fuentes que te darán lo que yo te puedo dar. Muy pocas te llevarán a lo que tú eres y te harán despertar ante ti misma como una mujer real, algo que ya eres en los niveles internos. Solo esto te va a **permitir** vincular lo que sientes con sus posibles expresiones, lo que sabes con lo que es probable. (LMI, 2011, p. 33)
 ‘No entanto, são poucas as fontes que te darão o que eu posso dar. Muitas poucas te levarão ao que você é e te farão despertar diante de você mesma como uma mulher real, algo que você já é nos níveis internos. Só isso vai te **permitir** vincular o que sente às suas possíveis expressões, o que você sabe com o que é provável.’
- (31) [...] ¿eres **capaz de** permitir que tanto el dolor como el gozo te penetre por entero sin necesidad de guardarte las espaldas?, ¿sabes llorar con dignidad cuando toca, y reír con toda el alma a la menor oportunidad? y sobre todo reírte de ti misma y la seriedad de la vida? [...]. (AMA, 2016, p. 187)
 ‘[...] você é **capaz de** permitir que tanto a dor como o prazer te penetre por inteiro sem a necessidade de se preocupar?, você sabe chorar com dignidade quando tem vontade, e sorrir com toda a alma a uma menor oportunidade? e principalmente rir de si mesma e da seriedade da vida? [...].’

Em (30), observamos a presença do modalizador *permitir*, com o sentido de ‘capacitar’, servindo à expressão da modalidade facultativa, enquanto em (31), a expressão da capacidade é marcada pelo emprego do adjetivo *capaz*.

Quanto à pessoa gramatical do sujeito, a modalidade facultativa apresentou as três pessoas gramaticais (1ª, 2ª, 3ª), bem como a referência específica e genérica, além da indeterminação do sujeito, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 9 – Relação entre domínio semântico facultativo e pessoa gramatical do sujeito

PESS. GRAM.	REF.	OBRA				TOTAL	% TOTAL
		LMI	%	AMA	%		
1ª Pessoa	Específica	17	15,2	47	40,5	64	28,1
2ª Pessoa	Específica	32	28,6	16	13,8	48	21,1
3ª Pessoa	Específica	1	0,8	0	0	1	0,4
TOTAL (referência específica)		50	44,6	63	54,3	113	49,6
1ª Pessoa	Genérica	15	13,4	29	25	44	19,2
2ª Pessoa	Genérica	3	2,7	4	3,4	7	3,1
3ª Pessoa	Genérica	40	35,8	17	14,7	57	25
TOTAL (referência genérica)		58	51,9	50	43,1	108	47,3
Indeterminação		4	3,5	3	2,6	7	3,1
TOTAL		112	100	116	100	228	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Ao observar os dados, notamos que a especificação do sujeito apresentou mais ocorrências, 49,6% do total de casos, mesmo que com pouca diferença da generalização, que totalizou 47,3% dos casos. Na referência específica, a 1ª pessoa gramatical teve maior incidência (28,1%), enquanto na referência genérica, a 3ª pessoa gramatical teve maior frequência (25%). Entretanto, ao observarmos as obras separadamente, vemos que o comportamento dos modalizadores facultativos variou de uma obra para outra, acabando por não comprovar a nossa hipótese inicial de que a modalidade facultativa estaria mais vinculada aos casos de 2ª pessoa gramatical específica.

Em *LMI*, a 3ª pessoa gramatical de referência genérica prevalece, com 35,8% dos casos, como no exemplo a seguir:

- (32) Hay que cualificar y ofrecer amor mediante actos que se adapten a las circunstancias en la medida y forma adecuadas. Mucha gente solo **puede** aceptar en muy pequeñas cantidades, y esto es algo que hay que admitir con todo respeto. (*LMI*, p. 46)
 “É necessário qualificar e oferecer amor por meio de atos que se adaptem às circunstâncias na medida e forma adequadas. Muitas pessoas só **podem** aceitar [amor] em quantias muito pequenas, e isso é algo que é necessário admitir com todo respeito.”

Em (32), o verbo *poder* faz referência a um grupo de pessoas genéricas (*mucha gente*) que só consegue aceitar amor em pequenas quantidades.

Em *AMA*, a 1ª pessoa gramatical específica apresentou mais ocorrência, 40,5% dos casos. Nesses casos, houve uma frequência de ocorrências com verbos na 1ª pessoa gramatical com referência específica (*nosotras*), como exemplificado em (33):

- (33) (...) y así hacer honor a «nuestra misión de género», que es proteger la vida, el amor, la caricia, la compasión y la suavidad, ardua tarea, que sólo puede nacer desde el primer paso necesario de aprender a amarnos primero a nosotras mismas, y así en verdad **podremos** ser los canales que estamos destinadas a ser, realizando nuestra obra desde la firme suavidad y la suave firmeza, lo cual requiere grandes dosis de fuerza y de dulzura, de firmeza con compasión, de amor sin debilidad, para así transmitir al hombre todo el gozo que sólo por nuestro conducto puede alcanzar, para que codo a codo, junto al hombre también «renacido», podamos sembrar el mundo de hijos del amor [...] (*AMA*, 2016, p. 46-47)
 ‘(...) e assim honrar nossa missão de gênero, que é proteger a vida, o amor, a carícia, a compaixão e a suavidade, tarefa árdua, que solo pode nascer a partir do primeiro passo necessário de aprender a amar primeiramente a nós mesmas e assim, de verdade, poderemos ser os canais que estamos destinadas a ser (...)’

No exemplo (33), o emprego de *podremos* refere-se à capacidade das mulheres de serem o canal que estão destinadas a ser, sendo que amar a si mesmas é o primeiro passo para essa conquista. Nesses casos, a capacidade expressa pela modalidade facultativa inclui falante (escritor) e ouvinte (leitor), mostrando novamente uma estratégia comunicativa que aproxima os dois participantes da interação pelo emprego da primeira pessoa do plural, o que aumenta a credibilidade do falante e diminui as chances de que seja questionado.

A orientação da modalidade facultativa pode ser para o participante ou para o evento (Hengeveld, 2004). A tabela a seguir sintetiza os alvos de avaliação da modalidade facultativa identificados no *corpus*:

Tabela 10 – Modalidade facultativa e alvo da avaliação modal

ORIENTAÇÃO	OBRAS				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Participante	67	54	77	57,5	144	55,8
Evento	57	46	57	42,5	114	44,2
TOTAL	124	100	134	100	258	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A modalidade facultativa teve maior incidência sobre participantes específicos, com 144 ocorrências (55,8% do total de facultativos). A modalidade facultativa com orientação para o evento, com 114 ocorrências (44,2% dos casos identificados), retratou grupos de uma maneira genérica, com sujeitos inanimados e indeterminados. Como hipótese inicial, prevíamos que o alvo da avaliação estaria mais vinculado ao participante, o que foi confirmado nos dados:

- (34) Bueno, lo primero es constatar que tu físico y tu atractivo sabes mostrarlo con todo su magnetismo, la siguiente pregunta es, si **sabes** hacer lo mismo con tus valores, ¿crees en ellos?, ¿los conoces bien?. (AMA, 2016, p. 85)

‘Bom, o primeiro é constatar que você sabe mostrar seu físico e seu atrativo com todo o seu magnetismo; a pergunta seguinte é se você **sabe** fazer a mesma coisa com seus valores, você acredita nisso? você os conhece bem?’

- (35) Se trata de reconocer, sentir y admitir el dolor de la herida abiertamente, no se trata de enterrarlo, maquillarlo olvidarlo, ni alienarse con lo que sea con tal de no sentirlo es necesario asumirlo, pero sentirlo no significa reaccionar compulsivamente ni actuar ciegamente manejadas por él, significa, darle nombre y tomar consciencia de ese dolor porque sino, nos boicoteará desde dentro, como decía Johnny Depp, «podemos cerrar los ojos a lo que no queremos ver, pero **no podemos** dejar de sentir lo que sentimos». (AMA, 2016, p. 104)

‘Trata-se de reconhecer, sentir e admitir a dor da ferida abertamente, não se trata de enterrar, maquiar ou esquecer essa dor, nem alienar-se com o que quer que seja para não senti-la, é necessário assumi-la, mas sentir não significa reagir compulsivamente nem agir cegamente gerenciadas pela dor, significa dar nome e tomar consciência dessa dor porque se não, ela vai nos boicotar por dentro, como dizia Johnny Depp, “podemos fechar os olhos para o que não queremos ver, mas não **podemos** deixar de sentir o que sentimos”’.

A modalidade facultativa em (34) é expressa pelo modalizador *sabes* e orientada para um participante específico (no caso, *tú*). De acordo com Kapp-Barbosa (2017), o verbo *saber*

tem múltiplas funcionalidades. Para que seja considerado um verbo facultativo, deve ser seguido de um sintagma verbal, ou seja, deve ser um verbo auxiliar, como em (34). Em (35), o modalizador *podemos* está orientado para o evento, pois não diz respeito a capacidades e habilidades de um sujeito específico, mas sim de um grupo no geral, no caso, os humanos como um todo.

A orientação da modalidade facultativa para o participante, como já mencionado, é bastante motivada pelos textos de autoajuda, visto que o ouvinte/leitor é frequentemente lembrado por sua capacidade de mudar as coisas e conquistar o que deseja.

Brunelli e Gasparini Bastos (2008, 2011, 2012), na análise do verbo *poder* tanto em português como em espanhol, identificaram um número significativo de modalizadores facultativos nas obras analisadas. Segundo as autoras, o emprego desse tipo de modalizador está diretamente relacionado à expressão da capacidade, uma vez que o leitor de obras de autoajuda precisa acreditar que tem capacidade/condições de conseguir o que almeja. Com base nessa explicação, as autoras propõem uma reinterpretação dos valores ambíguos, passíveis de serem interpretados como epistêmicos ou facultativos, como tipos modais representativos da modalidade facultativa.

Nos dados investigados, verificamos algumas ocorrências que parecem oscilar entre um valor facultativo e um valor epistêmico, mais precisamente 25 ocorrências, representadas pelo exemplo a seguir:

- (36) Yo sé muy bien que esto no es nada fácil, ni es algo que se **puede** hacer de un día al otro, hablo simplemente de tomar la decisión de hacerlo, luego ya buscaremos los medios de llevarlo a cabo [...]. (AMA, 2016, p. 111)
 ‘Eu sei muito bem que isso não é nada fácil, nem é algo que se **pode** fazer de um dia para o outro, falo simplesmente de tomar a decisão de fazê-lo, em seguida procuraremos os meios de concluir.’

Esse exemplo tanto pode favorecer uma leitura epistêmica de possibilidade como uma leitura facultativa, já que o contexto não é suficiente para resolver a ambiguidade e as duas interpretações são possíveis, como mostram as paráfrases:

- (36a) não é algo **possível** de ser feito de um dia para o outro.
 (36b) não **se consegue** fazer isso de um dia para o outro.

Entretanto, considerando o contexto da autoajuda, a interpretação de Brunelli e Gasparini-Bastos (2012), que defendem que é pouco provável que o enunciador desse tipo de

discurso apresente dúvidas sobre seu conhecimento, (36b) seria a paráfrase mais adequada, descartando, assim, a interpretação epistêmica. Assim, propomos que os casos ambíguos entre epistêmicos e facultativos sejam reinterpretados como facultativos. Desse modo, observamos que os modalizadores epistêmicos de certeza, bem como os facultativos que estão relacionados a capacidades contribuem para reforçar o saber do falante.

Quanto às unidades do Nível Representacional, no *corpus* analisado, a modalidade facultativa foi encontrada tomando por escopo tanto a camada da Propriedade Configuracional como a camada do Estado de Coisas. A tabela a seguir sintetiza os escopos da modalidade facultativa no Nível Representacional:

Tabela 11 – Modalidade facultativa e as unidades do Nível Representacional

UNIDADES DO NÍVEL REPRESENTACIONAL	OBRA				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Propriedade Configuracional	67	54	77	57,5	144	55,8
Estado de Coisas	57	46	57	42,5	114	44,2
TOTAL	124	100	134	100	258	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Como se observa, em ambas as obras, houve maior incidência de modalizadores facultativos na camada da Propriedade Configuracional, 144 ocorrências (55,8% do total), ou seja, quando há um alvo específico, o que permitiu a comprovação da hipótese inicial, conforme mostra o exemplo a seguir:

- (37) Muchas veces **no puedo** distinguirme del otro. ¿Cómo puedo saber qué es lo que verdaderamente soy y qué lo que no soy? ¿Cómo puedo expresar y luego comunicar qué soy? (LMI, 2011, p. 27)
 ‘Muitas vezes não **posso** me diferenciar do outro. Como posso saber o que verdadeiramente sou e o que não sou? Como posso expressar e logo comunicar o que sou?’

O modalizador *puedo*, em (37), está localizado na camada da Propriedade Configuracional da GDF por se tratar de um verbo que modifica um núcleo verbal, no caso um participante específico de primeira pessoa do singular (*yo*).

4.3 Modalidade deôntica

O domínio semântico deôntico foi o terceiro domínio mais recorrente no *corpus* de análise, com 156 ocorrências identificadas (16,7% do total), as quais foram expressas pelos seguintes modalizadores:

- a) **verbos auxiliares:** *deber, poder, tener que/de, haber que/de, necesitar, requerer.*
- b) **verbos plenos:** *obligar, permitir.*
- c) **adjetivos em posição predicativa:** *es necesario (que), obligada a, es obligatorio, es imprescindible.*
- d) **advérbios:** *necesariamente, innecesariamente.*

A modalidade deôntica pode ser expressa pelas três classes gramaticais previstas (verbos, adjetivos em posição predicativa, advérbios). A tabela a seguir sintetiza as classes gramaticais da modalidade deôntica identificadas no *corpus*:

Tabela 12 – A modalidade deôntica e as classes gramaticais

CLASSE GRAMATICAL	OBRA				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Verbo	70	91,9	59	85,5	139	89,2
Adjetivo em posição predicativa	5	5,8	8	11,6	13	8,3
Advérbio	2	2,3	2	2,9	4	2,5
TOTAL	87	100	69	100	156	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Como observado na tabela, o emprego de verbos modais deônticos apresenta a maior frequência no *corpus*, totalizando 139 ocorrências (89,2% do total). Em segundo lugar, os adjetivos em posição predicativa aparecem com 13 ocorrências (8,3%). Os advérbios ocupam o terceiro lugar com apenas 4 ocorrências (2,5%). A partir dos números apresentados, a hipótese inicial, segundo a qual a modalidade deôntica estaria associada mais a verbos modais, foi comprovada. Isso se deve, também, ao fato de a modalidade deôntica não ter tantas formas de expressão entre os elementos adverbiais, sendo mais frequentemente representada por verbos auxiliares modais (*poder* e *dever*). A seguir, apresentamos exemplos

da modalidade deôntica e das classes gramaticais presentes no *corpus*:

- (38) Los deseos, recuerdos y expectativas son pensamientos que han sido vitalizados con fuerza emocional. Para reducirlos necesitas trabajar en dos frentes: el de la mente y el de las emociones. Resistir tus impulsos no quiere decir que **debas** negar esos impulsos, sino que **debes** mantener un estado vigilante y sensible. (LMI, 2011, p. 49-50)

‘Os desejos, lembranças e expectativas são pensamentos que foram revitalizados com força emocional. Para reduzi-los você necessita trabalhar em duas frentes: a da mente e a das emoções. Resistir aos seus impulsos não quer dizer que você **deva** negar esses impulsos, mas sim que **deve** manter um estado vigilante e sensível.’

- (39) Para conseguir desentrañar las influencias del subconsciente profundo de la psique que dominan nuestro género **es necesario** rescatar las fuerzas invertidas en las cualificaciones egoístas y siniestras de la personalidad, así como aprender a usar el poder emocional con la maestría de la Luz. La segunda y la tercera parte del libro te pueden ayudar a hacerlo. (LMI, 2011, p. 105)

‘Para conseguir desentranhar as influências do subconsciente profundo da psiquê que dominam nosso gênero **é necessário** resgatar as forças investidas nas qualificações egoístas e sinistras da personalidade, assim como aprender a usar o poder emocional com a maestria da Luz. A segunda e a terceira partes do livro podem te ajudar a fazer isso.’

- (40) Como todos vemos a nuestro alrededor, y contrariamente a la creencia reinante mundialmente aceptada, lo que hace irresistible a una mujer no es su físico, este es sin duda también un complemento que en algunos casos ayuda pero **no necesariamente**, todos conocemos casos de mujeres guapísimas y espectaculares que no parecen haber sido demasiado felices (...) (AMA, 2016, p. 49)

‘Como todos vemos ao nosso redor, e contrariamente à crença dominante mundialmente aceita, o que torna uma mulher irresistível não é seu físico, este é sem dúvida também um complemento que em alguns casos ajuda, mas não **necessariamente**; todos conhecemos casos de mulheres lindíssimas e espetaculares que não parecem ter sido muito felizes (...)’

Em (38), a modalidade deôntica está representada pelo auxiliar modal *deber*; em (39), está representada pelo adjetivo *necesario*; e em (40), pelo advérbio *necesariamente*. Em todos os casos, há expressão da necessidade de que alguma orientação seja seguida para que os objetivos sejam alcançados: em (38), destaca-se a necessidade de ser vigilante e tranquilo; em (39), destaca-se a necessidade de resgatar as forças investidas nas qualificações egoístas e sinistras da personalidade; em (40), nega-se que um físico atraente necessariamente ajude.

Embora os casos de modalidade deôntica não tenham sido tão numerosos como os casos de modalidade epistêmica e os de modalidade facultativa, os dados mostram um número considerável de ocorrências, o que permite pensar que a expressão do dever do falante nas obras analisadas se faz acompanhar também da expressão da autoridade.

De acordo com Palmer (1986), para que uma modalização deôntica aconteça, é necessário assumir a existência de uma hierarquia entre o falante e o ouvinte, que diz respeito às condições de poder entre ambos. Para Lyons (1977), quando um indivíduo aceita a ordem que recebe, assume que alguém tem o poder de obrigá-lo a fazer algo, ou ainda de permitir que ele faça algo, o que relaciona a modalidade deôntica à autoridade que o falante tem sobre o seu ouvinte.

Em seu estudo com base em obras de autoajuda voltadas para a terceira idade em língua portuguesa, Ueda (2014) identificou uma alta frequência de modalizadores deônticos, os quais estão relacionados a ordens, permissões e proibições. Junto a eles, a autora verificou um grande número de verbos no modo imperativo, que contribuíram para o reforço de obrigações/proibições impostos pelo falante, aumentando, também, a autoridade.

No presente estudo, também identificamos casos de verbos no modo imperativo associados às ocorrências de modalizadores deônticos, o que contribuiu para reforçar a autoridade do falante, como se observa nos exemplos a seguir:

- (41) De hecho, no hay nada en ti que se pueda definir. **Debes** comprender estas dos reacciones y traspasarlas. Aprende a decir sí y a decir no con fuerza y convicción. (LMI, 2011, p. 51)

‘De fato, não há nada em você que se possa definir. Você **deve** compreender estas duas reações e ultrapassá-las. Aprenda a dizer sim e a dizer não com força e convicção.’

- (42) Por favor, haz esta lista no sólo preguntando a tu mente sino a lo más profundo de tu corazón, como decíamos antes, sobre todo no olvides preguntar a la niña que soñaba con ser feliz, ella sabe muy bien lo que le falta. Yo te aseguro que si lo haces así, si te comprometes contigo misma a llegar hasta donde **haya que** llegar, te esperan cosas increíbles, te espera la persona más importante de tu vida que eres tu misma, te espera «tu amada», que te explicará sin palabras, y haciéndote entender sin la más mínima duda, que eres una increíble mujer, digna de amor y del néctar que la vida ha preparado especialmente para ti. (AMA, 2016, p. 91-92)

‘Por favor, faça essa lista perguntando não só para a sua mente, mas sim ao mais profundo do seu coração, como dizíamos antes, sobretudo, não se esqueça de perguntar à menina que sonhava em ser feliz, ela sabe muito bem o que lhe falta. Eu te asseguro que se você fizer isso, se você se comprometer consigo mesma a chegar aonde **tenha que** chegar, te esperam coisas incríveis, te espera a pessoa mais importante da sua vida, que é você mesma, te espera “sua amada”, que te explicará sem palavras, e te fazendo entender sem nenhuma dúvida, que você é uma mulher incrível, digna de amor e do néctar que a vida preparou especialmente para você.’

No exemplo (41), observamos que a ocorrência do verbo no modo imperativo (*aprende*) com o modalizador deôntico (*debes*) contribui para reforçar a expressão da ordem e da autoridade do falante, que está em uma posição superior ao ouvinte, já que cabe a ele dar

orientações e aconselhamentos que serão seguidos. Em (42), o verbo no imperativo afirmativo *haz* e o verbo no imperativo negativo *no olvides*, presentes no mesmo parágrafo em que está a construção modal deôntica *tenha que*, reforçam a orientação da falante/escritora para que o ouvinte não se esqueça de perguntar para o seu “eu” criança o que era ser feliz para ela. Especialmente em (42), observamos que a expressão do saber e do dever do falante está marcada por outros elementos modais epistêmicos que expressam convicção e certeza, como *yo te aseguro* e *sin la más mínima duda*.

Todos os exemplos de modalizadores deônticos citados anteriormente necessitam de um sujeito humano como fonte de avaliação ou de alguma instituição que remeta aos atos humanos e que tenha a autoridade para que a modalidade deôntica se concretize.

Relacionando a autoridade do falante com a pessoa gramatical do sujeito, Neves (2021) afirma que a modalidade deôntica tende a ser encontrada frequentemente com sujeitos gramaticais de 1ª e de 2ª pessoa, tanto no singular como no plural, e, assim, ser distinguida, na maioria dos casos, da modalidade epistêmica. A seguir, apresenta-se a relação entre a modalidade deôntica e a pessoa gramatical do verbo dentro no *corpus* de análise:

Tabela 13 – Relação entre domínio semântico deôntico e pessoa gramatical do sujeito

PESS. GRAM.	REF.	OBRA				TOTAL	% TOTAL
		LMI	%	AMA	%		
1ª Pessoa	Específica	7	8,8	26	45,6	33	23,8
2ª Pessoa	Específica	34	42,5	0	0	34	24,5
3ª Pessoa	Específica	0	0	1	1,8	1	0,7
TOTAL (referência específica)		41	51,3	27	47,4	68	49
1ª Pessoa	Genérica	6	7,5	4	7	10	7
2ª Pessoa	Genérica	0	0	0	0	0	0
3ª Pessoa	Genérica	25	31,2	15	26,3	40	28,3
TOTAL (referência genérica)		31	38,7	17	29,8	48	35,3
Indeterminação		8	10	13	22,8	21	15,7
TOTAL		80	100	57	100	139	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Ao observarmos a tabela, verificamos que não foi possível comprovar a hipótese inicial, segundo a qual a modalidade deôntica estaria relacionada à 2ª pessoa gramatical específica em razão do gênero textual, pois, apesar de observarmos que a especificidade é mais frequente nas duas obras quando somadas as ocorrências (49% do total geral), ao voltarmos os olhos para cada obra separadamente, notamos que ocorrências de pessoas gramaticais específicas são diferentes. Em *LMI*, por exemplo, predomina o uso da 2ª pessoa gramatical específica, como hipotetizado; porém em *AMA*, predomina o uso da 1ª pessoa gramatical específica, o que contraria a hipótese.

Os diferentes empregos de pessoas gramaticais criam distintas estratégias comunicativas. O emprego da 2ª pessoa gramatical específica contribui para um reforço da obrigação e um aumento da autoridade, criando um maior distanciamento entre falante e ouvinte e aumentando, também, o nível hierárquico entre ambos, no qual o falante se encontra em uma posição superior à do ouvinte (cf. (43) e (44)), enquanto a 1ª pessoa gramatical específica no plural, por exemplo, proporciona a divisão de responsabilidades (cf. (45) e (46)):

- (43) Los deseos, recuerdos y expectativas son pensamientos que han sido vitalizados con fuerza emocional. Para reducirlos **necesitas** trabajar en dos frentes: el de la mente y el de las emociones. Resistir tus impulsos no quiere decir que debas negar esos impulsos, sino que debes mantener un estado vigilante y sensible. (*LMI*, 2011, p. 49-50)
 ‘Os desejos, lembranças e expectativas são pensamentos que foram revitalizados com força emocional. Para reduzi-los você **precisa** trabalhar em duas frentes: a da mente e a das emoções. Resistir aos seus impulsos não quer dizer que você deva negar esses impulsos, mas sim que deve manter um estado vigilante e sensível.’
- (44) **Debes** desarrollar tu percepción, ya de por sí intuitiva, entrenándola en observación, discriminación y paciencia. (*LMI*, 2011, p. 48)
 ‘Você **deve** desenvolver sua percepção, por si mesmo intuitiva, treinando-a para observação, discriminação e paciência.’
- (45) Bien, y una vez que hemos hecho la lista más difícil, ahora pongámonos con la otra lista que **necesitamos** hacer, que es la de las cosas buenas y agradables que hemos vivido en nuestras relaciones. (*AMA*, 2016, p. 92)
 ‘Bem, uma vez que fizemos a lista mais difícil, agora nos dedicamos à outra lista que **precisamos** fazer, que é a das coisas boas e agradáveis que vivemos nas nossas relações.’
- (46) Bien, antes de entrar en materia y como primera medida hay dos cosas fundamentales que todas **debemos** saber y tener en cuenta. (*AMA*, 2016, p. 70)
 ‘Bem, antes de entrar no tema e como primeira medida há duas coisas fundamentais que todas **devemos** saber e ter em conta.’

Em (43), há a obrigação, expressa pelo verbo *necesitar*, direcionada a um participante específico que precisa trabalhar em duas frentes para reduzir os pensamentos que são causados pela força emocional. Em (44), o mesmo valor tem o modalizador *deber*, que é direcionado a um participante específico (*tú*), que precisa desenvolver sua percepção. Já em (45) e em (46), os verbos modalizadores *necesitar* e *deber*, respectivamente, conjugados na 1ª pessoa do plural (*nosotros*), expressam uma divisão de responsabilidades entre falante e ouvinte, no caso entre escritor e leitor. Em (45), *necesitamos* diz respeito à necessidade deôntica de se fazer uma lista que apresente pontos agradáveis e desagradáveis. Em (46), *debemos* está relacionado a uma obrigação que escritora e leitora devem saber antes de continuar com o processo do entendimento do que é “ser mulher”.

Dall’Aglio-Hattner (2009) afirma que a 1ª pessoa do plural é usada para a atenuação da ordem de um falante, quando o mesmo se inclui na ordem dada. Além disso, de acordo com Casimiro (2007), ao se fazer uso da 1ª pessoa do plural, o enunciador se descompromete com a qualificação deôntica e divide a responsabilidade com o seu ouvinte, o que se configura como uma estratégia comunicativa. Foi exatamente o que ocorreu nos dados em *AMA* analisados aqui: a falante tenta se incluir na ordem para diluir sua autoridade, aproximando-se do público-alvo, a mulher leitora, tentando mostrar que também é mulher e, assim como sua leitora, deve realizar o mesmo para alcançar seus objetivos.

Nos casos de referência genérica, o falante disserta sobre um grupo de pessoas ou até mesmo sobre seres inanimados que não fazem referência a nenhuma pessoa específica, como ocorre com os elementos modalizadores *debemos* e *tienen que* nos exemplos abaixo:

- (47) [...] Cuando desperté, no era necesario ser un lince para darme cuenta de que el lobo representaba mis miedos y todo aquello de mi misma que no quería mirar, pensando al principio que eran los otros los que los tenían que controlar, cuando nuestras fieras son sólo nuestra responsabilidad, y nosotros somos los únicos que **debemos** y podemos controlarlas [...]. (LMI, 2-11, P1-51)
 ‘[...] Quando acordei, não era necessário ser um lince para me dar conta de que o lobo representava meus medos e tudo aquilo de mim mesma que eu não queria olhar, pensando no princípio que eram os lobos que os tinham que controlar, quando nossas feras são apenas responsabilidade nossa e nós somos os únicos que **devemos** e podemos controlá-las.’
- (48) Te pertenece Todo lo que se refiere a la vida y al fluir de ésta. Si nuestros hombres **tienen que** dirigir el mundo e iluminarlo con la luz del Padre expresada a través de ellos, tendrán que hacerlo sobre el terreno que tú hayas preparado y sustentado para ellos. (LMI, 2011, p. 94)
 ‘Tudo o que se refere à vida e ao fluir dela pertence a você. Se nossos homens **têm que** dirigir o mundo e iluminá-lo com a luz do Pai expressa através deles, terão que fazer isso sobre o terreno que você preparou e sustentou para eles.’

Nos exemplos, há duas pessoas gramaticais: 1ª e 3ª pessoa, respectivamente. Ao usar a 1ª pessoa do plural, a referência não se dirige apenas à falante/escritora e ao seu público, as mulheres, mas sim à sociedade em geral. Em (47), a responsabilidade de controlar as feras interiores dirige-se a todos os seres humanos e, inclusive, à falante. Em (48), a falante faz referência a um grupo de pessoas entre as quais não se inclui. Nas duas obras analisadas, a 3ª pessoa de referência genérica foi mais significativa (28,3%) do que a 1ª pessoa gramatical de referência genérica (7%).

Em relação à 2ª pessoa gramatical de referência genérica, não foram identificadas ocorrências no *corpus*, o que já era esperado, pois as obras de autoajuda costumam ser direcionadas a sujeitos específicos (leitor), que em nossos dados são mulheres.

A indeterminação do sujeito foi também bastante significativa. Quando relacionada à modalidade deôntica, também contribui para criar um distanciamento, pois a ordem expressa não se direciona a ninguém em específico, mas sim a um grupo de pessoas, o que acaba por proteger a face da falante/escritora, como em (49):

(49) No importa que sepamos algo si no somos capaces de vivirlo. Primero **hay que** incorporar el conocimiento y luego **hay que** sustentarlo, algo especialmente difícil, puesto que exige una enorme flexibilidad aprendida bajo las condiciones más improbables. (LMI, 2011, p. 106)

‘Não importa que saibamos algo se não somos capazes de vivenciá-lo. Primeiro, **há que** se incorporar o conhecimento e depois **há que** sustentá-lo, algo especialmente difícil, pois exige uma enorme flexibilidade aprendida nas condições mais improváveis.’

A perífrase verbal *hay que* não apresenta sujeito identificável pelo contexto, fazendo com que a ordem de *incorporar o conhecimento e sustentá-lo* seja entendida como genérica.

No que diz respeito ao alvo da avaliação modal, a modalidade deôntica pode ser orientada para o participante ou para o evento, como mostram os dados:

Tabela 14 – Modalidade deôntica e alvo da avaliação modal

ORIENTAÇÃO	OBRAS				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Participante	43	49,5	28	40,6	71	45,5
Evento	44	50,5	41	59,4	85	54,5
TOTAL	87	100	69	100	156	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A hipótese inicial de que a modalidade deôntica, tendo como alvo da avaliação o participante, teria maior ocorrência não pode ser comprovada, pois, como se observa na tabela, a modalidade deôntica incide em maior parte sobre o evento, com 85 ocorrências (54,5% do total), sendo que a diferença entre as obras é pouco significativa.

A modalidade deôntica orientada para o evento foi expressa por verbos auxiliares, adjetivos em posição predicativa e advérbios, como exemplificado a seguir:

- (50) Cuando **se permite** que se desarrolle naturalmente, cada respiración de la mujer es un experimento extático de deleite emocional y sensorial. (LMI, p. 66)
 ‘Quando **se permite** que se desenvolva naturalmente, cada respiração da mulher é um experimento extasiante de deleite emocional e sensorial.’
- (51) Y, sin embargo, son muchas las mujeres que se han visto **obligadas** a desarrollar insensibilidad y que responden más a conceptos que a la experiencia directa de la vida. (LMI, p. 40)
 ‘E, entretanto, são muitas as mulheres que se viram **obrigadas** a desenvolver insensibilidade e que respondem mais a conceitos do que à experiência direta da vida.’
- (52) El dolor, es algo que a nadie nos gusta, pero es algo, con lo que en mayor o en menor medida, nos topamos **necesariamente** todos en la vida. (AMA, 2016, p. 65)
 ‘A dor é algo de que ninguém gosta, mas é algo com o que todos lidamos **necessariamente** na vida, em maior ou menor grau.’

Nos exemplos, a forma verbal *permite*, o adjetivo *obligadas* e o advérbio *necesariamente* correspondem a formas de expressão da modalidade deôntica orientada para o evento, pois a permissão *para que a respiração se desenvolva naturalmente*, a obrigação de *desenvolver insensibilidade* e a necessidade de *lidar com a dor no decorrer da vida* não fazem referência a nenhuma participante específico, mas sim a eventos.

Do mesmo modo, as ocorrências de modalidade deôntica orientadas para o participante foram bastante significativas (45,5% do total), com pouca diferença da orientação para o evento. Observemos os exemplos:

- (53) A diferencia de tu hermano, que se centra en una sola cosa, para ti es fácil distraerte, razón por la cual **debes** aprender a llevar a término tus decisiones y así equilibrar tu flexibilidad natural, lo cual no quiere decir que debas volverte rígida. (LMI, 2011, p. 52)
 ‘Diferentemente do seu irmão, que se concentra numa coisa só, para você é fácil se distrair, razão pela qual você **deve** aprender a levar a termo suas decisões e assim equilibrar sua flexibilidade natural, o que não quer dizer que você deva tornar-se rígida.’

- (54) Para conseguir desentrañar las influencias del subconsciente profundo de la psique que dominan nuestro género **es necesario** rescatar las fuerzas Invertidas en las cualificaciones egoístas y siniestras de la personalidad, así como aprender a usar el poder emocional con la maestría de la Luz. (LMI, 2011, p. 105)
 ‘Para conseguir desentranhar as influências do subconsciente profundo da psiquê que dominam nosso gênero **é necessário** resgatar as forças investidas nas qualificações egoístas e sinistras da personalidade, assim como aprender a usar o poder emocional com a maestria da Luz. A segunda e a terceira partes do livro podem te ajudar a fazer isso.’

Em (53), tem-se a modalidade deôntica orientada para o participante, expressa pelo verbo modal *deber*, manifestando a imposição de uma obrigação à figura da mulher leitora (representada pela segunda pessoa do plural). Em (54), a modalidade deôntica orientada para o evento expressa-se por meio do adjetivo em posição predicativa *es necesario*, que marca a necessidade da realização do evento *rescatar las fuerzas*. A impessoalização, conforme Neves (2002), é uma das formas de minimizar a participação do enunciador no enunciado, retirando a responsabilidade de um indivíduo único.

A modalidade deôntica orientada para o participante também foi expressa por verbos modais conjugados na primeira pessoa do plural, como é possível ver no exemplo seguinte:

- (55) (...) la pregunta que cada una **debemos** hacernos, y que necesitaremos un tiempo para contestar es, ¿para qué me busco siempre hombres que me engañen?, ¿qué mensaje me quiero mandar a mi misma con esto?, ¿me considero merecedora de ser amada?. (AMA, 2016, p. 81)
 ‘(...) a pergunta que cada uma de nós **devemos** nos fazer, e que precisaremos de um tempo para responder é, para que procuro sempre homem que me enganam? Que mensagem quero mandar para mim mesma com isso? Me considero merecedora de ser amada?’

No exemplo (55), tem-se o verbo modal *deber* cujo emprego na forma plural se configura como uma estratégia utilizada pela falante para se descomprometer com a qualificação deôntica, já que a responsabilidade é dividida entre vários interlocutores, mais precisamente entre a escritora e seu público, conforme discutido por Casimiro (2007).

Em relação à modalidade deôntica e o escopo dos modalizadores no Nível Representacional da Gramática Discursivo-Funcional, foram encontrados modalizadores na camada da Propriedade Configuracional e do Estado de Coisas, como apresentado na tabela abaixo:

Tabela 15 – Modalidade deôntica e as unidades do Nível Representacional

UNIDADE DO NÍVEL REPRESENTACIONAL	OBRAS				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Propriedade Configuracional	43	49,5	28	40,6	71	45,5
Estado de Coisas	44	50,5	41	59,4	85	54,5
TOTAL	87	100	69	100	156	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A modalidade deôntica teve uma maior incidência na camada do Estado de Coisas (54,5% dos casos). Esse número não era esperado tendo em vista o *corpus* adotado. A princípio hipotetizamos que as ordens, permissões e proibições das falantes se dirigiriam a indivíduos específicos, no caso as leitoras mulheres. Além disso, a expressão da modalidade deôntica em espanhol por meio dos verbos modais *deber* e *poder* com participante específico é bastante significativa, como mostram os trabalhos de Rinaldi (2015) e de Durigon (2015). A seguir, vemos, respectivamente, exemplos de modalizadores representativos de orientação para o participante e de orientação para o evento:

- (56) Mientras te duchas o te bañas, o justo al acabar, dedica un tiempo a tocar y sentir tu cuerpo. **Puedes** empezar simplemente mirando y tocando una mano, un pie [...]. (LMI, 2011, p. 107)
 ‘Enquanto você toma banho ou assim que acaba, dedique um tempo para tocar e sentir seu corpo. Você **pode** começar simplesmente olhando e tocando uma mão, um pé [...].’
- (57) Todos los recursos de la Vida obedecen las Órdenes de la mujer así en la Tierra como en el cielo, desde el centro mismo de la creación. Cuando la vida llama a sus hijos a la Tierra, tiene que hacerlo como la Madre. Cuando los viste, debe hacerlo con la textura del cuerpo de la Madre. **Es obligatorio** emplear la naturaleza de sentimiento de la Madre y acoger todo en su corazón (LMI, 2011, p. 93)
 ‘Todos os recursos da vida obedecem às ordens da mulher assim na terra como no céu, do centro mesmo da criação. Quando a vida chama os seus filhos para a terra, tem que fazer isso como a mãe. Quando os veste, deve fazer isso com a textura do corpo da mãe. **É obrigatório** empregar a natureza de sentimento de mãe e acolher tudo em seu coração.’

Quando localizada na camada da Propriedade Configuracional, como em (56), a obrigação, permissão ou proibição recai sobre um participante específico, contribuindo para a expressão de autoridade do falante (você pode/você tem permissão). Já quando localizada na camada do Estado de Coisas, a modalidade deôntica não tem como alvo da avaliação um participante específico, mas sim um alvo genérico, manifestando a necessidade da ocorrência

do evento, como exemplificado em (57).

4.4 Modalidade volitiva

De todos os valores semânticos previstos na pesquisa, o valor volitivo foi o menos frequente. Foram encontradas 134 ocorrências de modalizadores volitivos (14,5% do total), os quais são apresentados abaixo:

- a) **verbos auxiliares:** *ansiar, aspirar, deber, desear, esperar, gustar, necesitar, preferir, querer.*
- b) **verbos plenos:** *necesitar, querer, esperar.*

A modalidade volitiva foi expressa apenas por meio de verbos modais auxiliares e plenos, como apresentado na seguinte tabela:

Tabela 16 – Modalizadores volitivos e classes gramaticais

CLASSE GRAMATICAL	OBRA				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Verbo auxiliar	15	55,5	46	43	61	45,5
Verbo pleno	12	44,5	61	57	73	54,5
TOTAL	27	100	107	100	134	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Como esperado e hipotetizado, a modalidade volitiva foi expressa apenas por verbos, pois a variedade de modalizadores é menor do que os outros valores semânticos. Entre os verbos, como podemos observar na tabela anterior, os plenos apresentam uma maior frequência, 54,5% do total de volitivos (73 ocorrências). Ao olhar mais restritamente para cada obra de autoajuda, observamos que em *LMI* o emprego de verbos auxiliares, mesmo que com pouca diferença, é mais frequente (15 ocorrências - 55%), enquanto em *AMA* a maior frequência é de verbos plenos (61 ocorrências- 57%). Vejamos os exemplos:

(58) No necesitas nada ni a nadie. Los hombres nos necesitan más que nosotras a ellos. Si no estás en una relación pregúntate si realmente **quieres** tener una. Aprende

paciencia y discriminación y entonces sé lo que quieres atraer. Atraerás aquello que eres. (LMI, 2011, p. 69)

‘Você não precisa de nada nem de ninguém. Os homens necessitam de nós mais do que nós deles. Se você não está em uma relação, pergunte-se se realmente **quer** ter uma. Aprenda paciência e discriminação e então sei o que você quer atrair. Você atrairá aquilo que você é.’

- (59) ¿Qué puede significar, asumir todo mi poder?, pues muy probablemente tendrá mucho que ver con ser capaz de materializar lo que «**deseo**», mi profundo anhelo interior, sabiendo que el poder para hacer esto está sola y exclusivamente en mis manos y no en las de nadie más; yo tengo la llave del tesoro, de mi tesoro, la cuestión es saber encontrar esa llave y lograr meterla en la cerradura adecuada. (AMA, 2016, p. 58-59)

‘O que pode significar assumir todo meu poder?, pois muito provavelmente terá relação com ser capaz de materializar o que ‘**desejo**’, meu profundo laço interior, sabendo que o poder para fazer isto está única e exclusivamente em minhas mãos e não nas de ninguém mais; eu tenho a chave do tesouro, do meu tesouro, a questão é saber encontrar essa chave e colocá-la na fechadura adequada.’

No exemplo (58), observa-se uma ocorrência de modalidade volitiva expressa pelo verbo modal *querer*, na condição de auxiliar, que diz respeito ao desejo da falante de querer ter, realmente, uma relação. Já em (59), a modalidade volitiva é expressa pelo verbo modal *desejar*, como verbo pleno, que diz respeito à vontade do participante de materializar seu desejo.

Quanto à modalidade volitiva e a pessoa gramatical, apresenta-se a tabela abaixo com os dados do *corpus*:

Tabela 17 – Relação entre domínio semântico volitivo e pessoa gramatical do sujeito

PESS. GRAM.	REF.	OBRA				TOTAL	% TOTAL
		LMI	%	AMA	%		
1ª Pessoa	Específica	8	29,6	50	46,8	58	43,3
2ª Pessoa	Específica	14	51,8	7	6,5	21	15,7
3ª Pessoa	Específica	1	3,7	1	1	2	1,5
TOTAL (referência específica)		23	85,1	58	54,3	81	60,5
1ª Pessoa	Genérica	1	3,8	29	27	30	22,3
2ª Pessoa	Genérica	0	0	3	2,8	3	2,2
3ª Pessoa	Genérica	3	11,1	10	9,3	13	9,8
TOTAL (referência genérica)		4	14,9	42	39,2	46	34,3

Indeterminação	0	0	7	6,5	7	5,2
TOTAL	27	100	107	100	134	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A relação entre modalidade volitiva e a pessoa gramatical do sujeito apresenta o que foi hipotetizado. Como se pode ver, a modalidade volitiva teve maior frequência com sujeito de referência específica (58 ocorrências - 54,3%) do que com sujeito de referência genérica (42 ocorrências - 39,2%) em ambas as obras.

Em relação à especificidade, observamos que, em *LMI*, predomina o emprego de verbos na 2ª pessoa, enquanto em *AMA*, predominam os verbos em 1ª pessoa. Vejamos um exemplo de cada obra:

- (60) Sentir plenamente el ciclo de dolor sin que interfiera la mente → Descubrir que es lo que verdaderamente nos falta y buscar su cualidad opuesta, pues esto es lo que verdaderamente **deseamos** y necesitamos → Buscar los medios para integrarlo en nuestra vida. (AMA, 2016, p. 73)

‘Sentir plenamente o ciclo de dor sem que a mente interfira. Descobrir o que verdadeiramente nos falta e buscar sua qualidade oposta, pois isso é o que verdadeiramente **desejamos** e necessitamos. Buscar os meios para integrar isso em nossa vida.’

- (61) ¿Son estos el tipo de pensamientos que **quieres** tener? Distingue los que te resultan cómodos de los que te resultan incómodos. (LMI, 2001, p. 114)

‘São estes os tipos de pensamentos que você **quer** ter? Distinga os que são confortáveis para você dos que são desconfortáveis.’

Deseamos, em (60), expressa a modalidade volitiva na 1ª pessoa gramatical específica do plural, pois se trata dos desejos da falante e da ouvinte de descobrir o que realmente falta em suas vidas. O verbo *querer* expressa, em (61), a modalidade volitiva na 2ª pessoa gramatical específica do singular, ou seja, faz referência a um participante específico, no caso, a ouvinte/leitora, indagada pela escritora sobre quais os tipos de pensamentos que quer ter.

Em relação ao alvo da avaliação modal e a modalidade volitiva, apresentamos os resultados abaixo:

Tabela 18 – Modalidade volitiva e alvo da avaliação modal

ORIENTAÇÃO	OBRAS				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Participante	23	85,1	56	52,4	79	59
Evento	4	14,9	51	47,6	55	41
TOTAL	27	100	107	100	134	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A hipótese inicial prevista para o valor volitivo e sua relação com o alvo da avaliação modal foi comprovada. A suposição era de que a modalidade volitiva seria predominantemente voltada para o participante, considerando-se o *corpus* analisado, que trata de desejos de participantes específicos. Como demonstra a tabela anterior, o número de volitivos orientados para o participante foi realmente o mais frequente nas duas obras analisadas. Vejamos os exemplos:

- (62) Puede que no **quieras** ser el personaje principal, pero eres un pilar siempre necesario en el templo de la Ley Divina tanto en política como en finanzas. La economía real y el uso correcto de los recursos son una consecuencia natural de tu gratitud hacia todas las cosas vivientes. (LMI, 2011, p. 95)

‘Pode ser que você não **queira** ser a personagem principal, mas você é um pilar sempre necessário no templo da Lei Divina, tanto na política como nas finanças. A economia real e o uso correto dos recursos são uma consequência natural de sua gratidão em relação a todas as coisas viventes.’

- (63) Las relaciones son vida. Vivir como un ser humano en un cuerpo humano supone aprender a vivir, trabajar, Incorporar, manejar y abrazar las diferencias, y esto solo lo podemos aprender cuando contemplamos, confrontamos, resistimos y, en general, cuando interactuamos con aquello que **deseamos** conocer, experimentando sus partes complementarias y opuestas. (LMI, 2011, p. 71)

‘As relações são vida. Viver como um ser humano em um corpo humano pressupõe aprender a viver, trabalhar, incorporar, gerenciar e abraçar diferenças, e isto só podemos aprender quando contemplamos, confrontamos, resistimos e, no geral, quando interagimos com aquilo que **desejamos** conhecer, experimentando suas partes complementares e opostas.’

A modalidade volitiva expressa pelo modalizador *quieras* em (62) está orientada para um participante (*tú*), ou seja, o leitor; o modalizador *deseamos*, em (63), está orientado para o evento, fazendo referência às pessoas em geral.

Em relação à modalidade volitiva e o escopo dos modalizadores, são identificados modalizadores na camada da Propriedade Configuracional e do Estado de Coisas, como é

possível observar na tabela seguinte:

Tabela 19 – Modalidade volitiva e as unidades do Nível Representacional

UNIDADES DO NÍVEL REPRESENTACIONAL	OBRA				TOTAL	% TOTAL
	LMI	%	AMA	%		
Propriedade Configuracional	23	85,1	56	52,4	79	59
Estado de Coisas	4	14,9	51	47,6	55	41
TOTAL	27	100	107	100	134	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Os números mostram que a modalidade volitiva na camada da Propriedade Configuracional do Nível Representacional é mais frequente (709 ocorrências, representando 59% do total), como o esperado. Observemos os exemplos de ambas as camadas:

- (64) Date cuenta de todo aquello en lo te **quieras** apoyar para definirte a ti misma, como puede ser la imagen que otra persona tenga de ti, circunstancias especiales, mirarte en el espejo... y trata de no usar ninguna de estas cosas. (LMI, 2011, p. 108)
 ‘Esteja ciente de tudo aquilo em que você **quer** se apoiar para definir a si mesma, como pode ser a imagem que outra pessoa tenha de você, circunstâncias especiais, olhar-se no espelho... e trate de não usar nenhuma dessas coisas.’
- (65) Bueno, sin pensar en ponernos muy transcendentalistas, con el famoso «Conócete a ti mismo», que ya nos contaron hace muchos siglos, parece que desde luego el paso previo y necesario es CONOCERME, pero conocerme de verdad [...] y conocer toda nuestra luz y también toda nuestra sombra, nuestros lados ciegos, que quizás deberíamos llamarlos, «lo que no le gusta a nuestra mente», a quien yo llamo La Rodolfa, o mi ego, o como **quiera** llamarla cada uno [...] (AMA, 2016, p. 50)
 ‘Bom, sem pensar em sermos muito transcendentais, com o famoso “Conhece-te a ti mesmo”, que já nos contaram faz muitos séculos, parece que realmente o passo anterior e necessário é conhecer-me, mas conhecer-me de verdade [...] e conhecer toda nossa luz e também toda nossa sombra, nossos lados cegos, que talvez deveríamos chamar de “o que nossa mente não gosta”, a quem eu chamo Rodolfa, ou meu ego, ou como cada um **queira** chamar’.

O participante específico em (64) (*tú*) faz com que o escopo da modalidade volitiva seja a camada da Propriedade Configuracional. Já o participante genérico, “*cada uno*”, no exemplo dado em (65), faz com que o valor modal volitivo recaia sobre a camada do Estado de Coisas.

4.5 A coocorrência de modalizadores

No *corpus*, é possível identificar coocorrências de elementos modais de um mesmo subtipo e de elementos modais de subtipos diferentes. Como a pesquisa aqui proposta tem por objetivo a análise da autoridade e do conhecimento do falante, são analisadas ocorrências com a presença de modalizadores coocorrendo entre si e com outros subtipos modais.

No que diz respeito às coocorrências de modalizadores epistêmicos, foram encontradas coocorrência de indicadores de certeza e coocorrência de indicadores de dúvida, como se pode ver, respectivamente, nos exemplos seguintes:

- (66) Sentir plenamente el ciclo de dolor sin que interfiera la mente → Descubrir que es lo que **verdaderamente** nos falta y buscar su cualidad opuesta, pues esto es lo que **verdaderamente** deseamos y necesitamos → Buscar los medios para integrarlo en nuestra vida. (AMA, 2016, p. 73)

‘Sentir plenamente o ciclo de dor sem que a mente interfira. Descobrir o que **verdadeiramente** nos falta e buscar sua qualidade oposta, pois isso é o que **verdadeiramente** desejamos e precisamos. Buscar os meios para integrar isso em nossa vida.’

- (67) Para cada mujer es una historia totalmente distinta. **Puede que** se ponga a prueba nuestra paciencia si el patrón de nuestro egoísmo ha sido la impulsividad. **Puede que** necesitemos aprender a ceder y aceptar si hemos sido tercas y rígidas, o a confiar si hemos sido muy independientes. **Tal vez** el reto sea la espontaneidad si hemos sido calculadoras, la expresión física si la hemos reprimido... o cualquier combinación de todo ello. (LMI, 2011, p. 105-106)

‘Para cada mulher é uma história totalmente distinta. **Pode ser que** nossa paciência seja colocada à prova se o padrão de nosso egoísmo foi a impulsividade. **Pode ser que** precisemos aprender a ceder e a aceitar se fomos teimosas e rígidas, ou a confiar se fomos muito independentes. **Talvez** a meta seja a espontaneidade se fomos calculistas, a expressão física se a reprimimos... ou qualquer combinação de tudo isso.’

O exemplo (66) mostra a repetição do advérbio modalizador *verdaderamente* orientado para a proposição, apresentando a atitude subjetiva do falante, ou seja, seu comprometimento com o que diz. A presença do advérbio *verdaderamente* duas vezes em um mesmo parágrafo reforça a convicção da falante e, conseqüentemente, gera mais segurança para o ouvinte nos aconselhamentos que recebe. Todas as ocorrências de elementos modalizadores de certeza encontradas indicam, além da certeza, um maior comprometimento e uma maior convicção do falante, comprovando que a expressão da convicção nas obras de autoajuda é uma característica comum, conforme já apontado por Brunelli (2004).

Assim como ocorreu com os modalizadores epistêmicos de certeza, também houve coocorrência de elementos modalizadores epistêmicos que expressam dúvida, como se vê no exemplo (67), com os modalizadores *puede que* e *tal vez*. A presença desses elementos mostra

o descomprometimento do falante com o seu enunciado, à medida que coloca em dúvida a informação. No texto de autoajuda, a utilização de elementos modalizadores que expressam dúvida do falante não é o esperado, em razão da convicção esperada nesse tipo de texto.

Também foram encontrados casos de coocorrência de modalizadores deônticos, como os apresentados nos exemplos seguintes:

- (68) Tu poder para atraer lo que necesitas en el mundo aumenta según la capacidad que tengas de amar de manera no egoísta. Esto supone que **debes** adquirir poder de sustentación y que **debes** ser capaz de acumular los recursos del amor como harías con el dinero en un banco: si lo gastas según lo recibes nunca vas a tener mucho y nunca vas a poder permitirte cosas mayores y mejores; pero cuando sabes que ya tienes y confías en tu poder de sustentación, entonces conocerás el sentimiento de la abundancia en todos sus niveles. (LMI, 2011, p. 46)

‘Seu poder de atrair o que você precisa no mundo aumenta de acordo com sua capacidade de amar desinteressadamente. Isto significa que você **deve** adquirir poder de sustentação e que **deve** ser capaz de acumular os recursos do amor como faria com o dinheiro em um banco: se você gastar o quanto recebe, nunca terá muito e nunca poderá pagar coisas maiores e melhores; mas quando você sabe que já tem e confia no seu poder de sustentação, então você conhecerá a sensação de abundância em todos os níveis.’

- (69) La mala, es por supuesto, que «**hay que** hacerlo», que hay que currárselo, que **hay que** llevarlo a buen puerto, que es un proceso, en el que quizá podamos recibir ayuda pero que nadie lo puede hacer por nosotras, con lo cual tenemos dos posibles opciones: (AMA, 2016, p. 74)

‘O ruim é, com certeza, que **há que** ser feito, que **há que** ser trabalhado, que **há que** ser feito com sucesso, que é um processo no qual talvez possamos receber ajuda, mas que ninguém pode fazê-lo por nós, o que nos dá duas opções possíveis.’

A ocorrência de modalizadores deônticos em um mesmo parágrafo contribui para o reforço da autoridade do falante, colocando-o em um patamar mais alto do que o ouvinte, pois a imposição de obrigações ou proibições pressupõe a existência de alguém que dê as orientações e de alguém que esteja preparado para executá-las. No exemplo (68), tem-se o verbo auxiliar *deber*, que direciona a obrigação ao ouvinte, ou seja, às mulheres leitoras. Em (69), tem-se o verbo *haber* em sua forma impessoal (*hay que*) orientado para o evento, situação em que a obrigação não recai sobre um participante específico, mas sim sobre um grupo genérico.

Outros tipos de coocorrência envolvendo os modalizadores deônticos e os epistêmicos foram encontrados no *corpus*, como os modalizadores epistêmicos de certeza e os modalizadores facultativos, conforme exemplificado a seguir:

- (70) Luego, una vez que hayamos pasado este necesario duelo empoderador, del que **sin ninguna duda** saldremos más fuertes, **podremos** ya dejar que la mente **pueda** ayudarnos a encontrar lo que necesitamos. (AMA, 2016, p. 72-73)
 ‘Então, uma vez que tenhamos passado por esse necessário duelo de empoderamento, do qual **sem dúvida alguma** sairemos mais fortes, **podemos** deixar que a mente **possa** nos ajudar a encontrar o que precisamos.’

No exemplo anterior, tem-se o modalizador epistêmico de certeza *sin ninguna duda* e o modalizador facultativo *podremos*. O uso da locução adverbial *sin ninguna duda*, que indica convicção por parte do falante, ao se juntar com o verbo modal *podremos*, que indica capacidade, cria uma situação de certeza, de confiança naquilo que é dito pela falante, contribuindo para o aumento da confiança por parte do ouvinte.

Também foram identificados casos de coocorrência de modalizadores epistêmicos de certeza com modalizadores deônticos, como no exemplo (71):

- (71) A esta pregunta, **por supuesto no podemos** contestar desde el intelecto, porque aunque esto es siempre importante, sinceramente no creo que en este caso sea nuestra mente quien nos pueda dar la respuesta a esta peliaguda pregunta (AMA, 2016, p. 73)
 ‘**Com certeza não podemos** responder a essa pergunta a partir do intelecto, porque embora isso seja sempre importante, sinceramente não acredito que neste caso seja a nossa mente quem nos possa dar a resposta a esta pergunta perigosa [...]’

A locução adverbial modalizadora epistêmica *por supuesto*, que expressa convicção, incide sobre *podemos*, modalizador deôntico que expressa a proibição de não poder responder a uma pergunta a partir apenas do aspecto do conhecimento.

Os modalizadores deônticos e modalizadores facultativos também coocorrem, como no exemplo (72):

- (72) Cuando desperté, no era necesario ser un lince para darme cuenta de que el lobo representaba mis miedos y todo aquello de mi misma que no quería mirar, pensando al principio que eran los otros los que los tenían que controlar, cuando nuestras fieras son sólo nuestra responsabilidad, y nosotros somos los únicos que **debemos y podemos** controlarlas [...]. (AMA, 2016, p. 51-52)
 ‘[...] Quando acordei, não era necessário ser um lince para me dar conta de que o lobo representava meus medos e tudo aquilo de mim mesma que eu não queria olhar, pensando no princípio que eram os lobos que os tinham que controlar, quando nossas feras são apenas responsabilidade nossa e nós somos os únicos que **devemos e podemos** controlá-las.’

Em (72), o modalizador deôntico *debemos*, associado ao facultativo *podemos*, faz com que a obrigação seja associada à expressão de capacidade.

Por fim, foram identificados, também, casos de coocorrência de modalizadores deônticos e de modalizadores volitivos, como em (67):

- (73) Si **queremos** ser amadas, **debemos** aprender a amarnos, si **queremos** a un hombre fuerte y amoroso a nuestro lado, **necesitamos** nosotras ser fuertes y amarnos [...]. (AMA, 2016, p. 91)
 ‘Se **queremos** ser amadas, **devemos** aprender a nos amar; se **queremos** um homem forte e amoroso ao nosso lado, **precisamos** ser fortes e nos amar.’

O emprego de modalizadores volitivos e deônticos conjuntamente permite a associação de um desejo a uma necessidade. Além disso, como se pode ver no exemplo (73), há uma oração condicional que pode trazer uma suposta ameaça, de modo a inferir que alguma coisa só será alcançada se uma determinada tarefa for cumprida, ou seja, que para alcançar Y – o seu desejo – é preciso fazer X – cumprir uma obrigação.

Em (73), o falante diz que se as mulheres querem ser amadas, terão que aprender a amar a si mesmas, e assim deixa claro que a condição precisa ser seguida para que os objetivos sejam alcançados. Ainda nesse exemplo, os volitivos estão conjugados na primeira pessoa do plural, o que contribui para a aproximação entre falante e ouvinte, diminuindo o tom de ameaça criado pelas orações condicionais.

4.6 Ethos discursivo e cenas de enunciação

A análise do ethos discursivo e das cenas da enunciação presentes nas duas obras que compõem o nosso *corpus* será feita de modo separado, pois foi possível observar uma diferença entre os dois livros no que se refere às estratégias adotadas pela falante/escritora para tentar convencer sua ouvinte/leitora. Assim, buscamos explicar a relação entre esses dois elementos discursivos e o emprego dos elementos modalizadores e de que modo eles contribuem para construir a imagem da falante.

A imagem construída pela falante (fiadora, para a Análise do Discurso) em *LMI* fica clara desde as primeiras páginas do livro:

- (74) Al igual que en las primeras sociedades conocidas, en este libro se considera a la divinidad como la Madre Universal que contiene en su interior los dos principios, el masculino y el femenino. (LMI, 2011, p. 23)
 ‘Igual às primeiras sociedades conhecidas, neste livro se considera a divindade como a Mãe Universal que contém em seu interior os dois princípios, o masculino e o feminino.’

(75) *¡HIJA!*

*Pequeña mía llena de pureza e inocencia,
hija de la noche y de la luz de las estrellas,
mi apasionada niña de lágrimas y alegría.
¿Siempre he estado aquí!
Siempre te he querido y te he acompañado.
Pero mis palabras son suavidad y mi cuerpo es tu cuerpo.
¡Tus sentimientos son mis acciones
y tu sangre es mi vida!
He estado esperando tu llamada. (LMI, 2011, p. 29)
'FILHA!
Minha pequena cheia de pureza e inocência,
filha da noite e da luz das estrelas,
minha menina apaixonada por lágrimas e alegria.
Eu sempre estive aqui!
Sempre te amei e te acompanhei.
Mas minhas palavras são suavidade e meu corpo é seu corpo.
Seus sentimentos são minhas ações
e seu sangue é minha vida!
Estive esperando sua chamada.'*

A falante/escritora da obra em questão se expressa por meio da *Mãe do Universo*, uma personagem criada por ela, que é detentora dos saberes do universo e leva consigo a essência feminina e masculina, como apresentado no exemplo (74). Ao criar esse ambiente, a falante se aproxima de sua ouvinte por meio da cenografia de mãe e filha, conforme o poema apresentado em (75), e, com isso, pode ter a liberdade de aconselhar, incentivar e dar ordens como se fosse a mãe da leitora. Automaticamente, ela se coloca como detentora do seu conhecimento, pois traz consigo os acontecimentos e sentimentos da humanidade, os quais presenciou. A assunção de seu papel como mãe ajuda a explicar o emprego de determinados subtipos modais.

Diferente da pesquisa realizada por Verni (2019), que estudou obras de autoajuda para mulheres voltadas ao mundo dos negócios, as obras deste trabalho são guias de como alcançar a evolução interior, ou seja, são obras ligadas aos sentimentos, ao interior feminino. *LMI*, por exemplo, é uma obra que traz pontos relacionados à psicologia, o que contribui para reforçar a convicção da falante, que tenta buscar apoio na ciência:

(76) Estamos hablando de emociones, de los infinitos niveles y movimientos del Amor. Dependiendo de cómo las manejamos, las emociones pueden ser a la vez un tesoro y una maldición. (LMI, 2011, p. 40)
'Estamos falando de emoções, dos níveis e movimentos do amor. Dependendo de como as gerenciamos, as emoções podem ser ao mesmo tempo um tesouro e uma maldição.'

A falante de *LMI* apresenta otimismo e entusiasmo, o que representa a ideia geral das obras de autoajuda, de que a leitora tem o poder de desenvolver e mudar sua forma de pensar e agir:

- (77) Es importante que explores la vida como solo tú **puedes** hacer: a través de tu femineidad. Ser mujer es un estado muy especial de ser y saber. El Principio Femenino es lo que se encuentra detrás de toda apariencia como la unidad de la vida. Llegarás a la inteligencia intuitiva del corazón a través de la comprensión que sientes instintivamente. (LMI, 2011, p. 35)
 ‘É importante que você explore a vida como só você **pode** fazer: através da sua feminilidade. Ser mulher é um estado muito especial de ser e de saber. O Princípio Fminino é o que se encontra detrás de toda aparência como a unidade da vida. Você chegará à inteligência intuitiva do coração por meio da compreensão que você sente instintivamente.’
- (78) Tu voluntad, como poder subconsciente que se activa indirectamente, fue la fuerza de la que abusaron las brujas negras en el pasado. **Puedes** sustentar las intensidades del deseo tan bien, que eres capaz de hacer que las personas y situaciones encarnen tu proyección. (LMI, 2011, p. 49)
 ‘Sua vontade, como poder subconsciente que se ativa indiretamente, foi a força da que abusaram as bruxas negras no passado. Você **pode** sustentar as intensidades do desejo tão bem, que é capaz de fazer com que as pessoas e situações incorporem sua projeção.’

Em ambos os exemplos, a falante/escritora incentiva a ouvinte/leitora por meio de sua capacidade única de explorar a vida e de sua capacidade de sustentar muito bem as intensidades trazidas pelo desejo. A presença da incapacidade e da dependência também é trazida pela falante na obra, mas, de uma maneira geral, está relacionada ao sexo masculino, como exemplificamos abaixo:

- (79) Los hombres dependen de esta fuerza de la mujer para poder cumplir con su papel natural de evocar, sustentar e implementar la Conciencia en el mundo con efectividad. (LMI, 2011, p. 49)
 ‘Os homens dependem desta força da mulher para poder cumprir com seu papel natural de evocar, sustentar e implementar a Consciência no mundo com efetividade.’
- (80) Los hombres, con su capacidad para utilizar sustancia mental, se ven limitados por su insistencia sobre la forma. (LMI, 2011, p. 52)
 ‘Os homens, com a sua capacidade de utilizar substância mental, se veem limitados por sua insistência sobre a forma.’

A falante/escritora diz que a energia masculina e a feminina se complementam, o que está relacionado com a incapacidade da realização de determinadas coisas por ambos os

sexos. Porém, a capacidade da mulher, diferente da do homem, se relaciona ao sentimento, à percepção, à energia interior, enquanto os homens são os líderes e construtores do mundo.

A convicção também é um ponto importante para a criação do ethos da falante. Sua convicção foi expressa através de modalizadores epistêmicos de certeza, como também pelo apagamento de modalizadores, o que traz ao seu discurso uma grande credibilidade:

- (81) Intercambiamos corrientes de energía y formamos lazos kármicos. A través de los acuerdos creados de esta forma, proyectamos y absorbemos distintas cualidades. A medida que crecemos en conciencia y llegamos a comprender al otro y a abrazarnos con amor inteligente, nosotros mismos adoptamos o absorbemos estas características. En esto es en lo que consisten la comprensión y la compasión. (LMI, 2011, p. 71)
 ‘Trocamos correntes de energia e formamos laços cármicos. Através dos acordos criados desta forma, projetamos e absorvemos diferentes qualidades. À medida que crescemos com consciência e chegamos a compreender o outro e a nos abraçar com um amor inteligente, nós mesmos adotamos ou absorvemos essas características. É nisto que consistem a compreensão e a compaixão.’
- (82) El estado de «Ser Amor» es bastante distinto del acto o del pensamiento de amar; es un estado que afecta a las energías del ser humano y que, **de hecho**, produce una sustancia sutil que regenera, cura y hace otras muchas cosas en distintos niveles, afectando incluso a la mente, a las personas y a las cosas que te rodean. (LMI, 2011, p. 43)
 ‘O Estado de ‘Ser Amor’ é bem distinto do ato ou do pensamento de amar, é um estado que afeta as energias do ser humano e que, **de fato**, produz uma substância sutil que regenera, cura e faz muitas outras coisas em diferentes níveis, afetando inclusive a mente, as pessoas e as coisas que te rodeiam.’

Em (81), não há a presença de elemento modalizador de qualquer subtipo modal, fazendo com que a credibilidade do falante frente ao que foi dito seja maior. Já em (82), há a presença do modalizador *de hecho* que aumenta a credibilidade da falante, comprometendo-a com o julgamento final.

A expressão da dúvida também foi marcada, porém não serviu para desacreditar a falante, pois se relaciona a cenas hipotéticas ou a situações do mundo possível, sobre as quais não há controle:

- (83) **Puede que** creas que eres abierta y generosa, pero ¿tienes la suficiente energía como para respaldar tu intento? La mayoría de las veces quieres algo y, automáticamente, cobras a los demás en especie. (LMI, 2011, p. 45-46)
 ‘Pode ser que você acredite que é aberta e generosa, mas você tem a energia suficiente para respaldar sua tentativa? A maioria das vezes que você quer algo e, automaticamente, cobra os demais em espécie.’

No exemplo, *puede que* não coloca em dúvida o conhecimento da falante. O que ocorre é uma hipótese de como a falante/escritora acredita que seja. Isso ocorre porque a falante não conhece a vida e os sentimentos exatos da ouvinte/leitora, então hipotetiza o que ela acredita ser.

O tom autoritário não se apresentou como o mais frequente, porém, quando proferido, na maioria das ocorrências, nos permitiu notar a divisão hierárquica entre falante/escritora e ouvinte/leitora. A cenografia de mãe e filha aumenta a autoridade da escritora diante de sua leitora, e assim a legítima:

- (84) No confundas pureza con ingenuidad. Crees que por sentir los sentimientos de los otros ellos también sienten los tuyos y no es así! Cuando sientes su angustia, por supuesto que te gustaría poder evitársela. Pero **debes** entender la superficie engañosa de los sentimientos y concentrarte en la facultad que te permite sentir, que es lo que te permitirá ver de verdad. Saber es suficiente. No necesitas probarlo o que te sea probado. No necesitas actuar. (LMI, 2011, p. 86)

‘Não confunda pureza com ingenuidade. Você acredita que por sentir os sentimentos dos outros eles também sentem os seus e não é assim! Quando você sente a angústia deles com certeza você gostaria de poder evitá-la. Mas você **deve** entender a superfície enganosa dos sentimentos e se concentrar na faculdade que te permite sentir, que é o que te permitirá ver de verdade. Saber é suficiente. Você não necessita provar ou que te seja provado. Não necessita atuar.’

- (85) **Debes** comprender que luchar no va en contra de tu naturaleza, sino que es la expresión de tu amor y rectitud esencial. El coraje y la fuerza del corazón son tuyos, pero no te degrades luchando por cosas triviales, y sobre todo, no respondas a la agresión con agresión, porque seguro que pierdes. (LMI, 2011, p. 92)

‘Você **deve** compreender que lutar não vai contra a sua natureza, mas que é a expressão de seu amor e retidão essencial. A coragem e a força do coração são seus, mas não se destrua lutando por coisas triviais, e principalmente, não responda à agressão com agressão, por é certeza que você perde.’

Em ambos os exemplos, há a autoridade da falante que, no caso, é expressa pelo verbo *deber* conjugado na 2ª pessoa do singular (*debes*), tendo um participante específico, a própria leitora (*filha*).

Outro ponto importante que constitui a imagem da falante/escritora é o diálogo que ela cria simulando a conversa com sua ouvinte/leitora, como em (86):

- (86) ¡Madre, abrázame, envuélveme, moldéame de nuevo... lléname con tu dulzura, tu paciencia y tu Luz! Enséñame tu cara para que **pueda** conocerte y, al hacerlo, pueda encontrar mi reflejo. (LMI, 2011, p. 27)

‘Mãe, abrace-me, envolva-me, modele-me de novo... encha-me com sua doçura, sua paciência e sua Luz! Mostre-me seu rosto para que eu **possa** te conhecer e, ao fazer isso, eu possa encontrar meu reflexo.’

- (87) *¿Qué es lo que me hace distinta de un hombre? ¿Cómo siente, piensa y vive la vida? ¿Cómo **puedo** entenderlo como él se entiende? Cómo puede llegar él a entenderme a mí, cómo soy y siento? Cómo puede comprender estas fuerzas que producen y manifiestan absorben e irradian, que van infinitamente hacia dentro e infinitamente hacia fuera?* (LMI, 2011, p. 27-28)

‘O que é que me faz diferente de um homem? Como ele sente, pensa e vive a vida? Como **posso** entendê-lo como ele se entende? Como ele pode chegar a me entender, como sou e me sinto? Como pode compreender estas forças que produzem e manifestam, absorvem e irradian, que vão infinitamente para dentro e infinitamente para fora?.’

O diálogo construído pela falante a aproxima de seu público e ajuda a criar a sensação de uma relação real entre mãe e filha.

Com base nos elementos destacados, podemos concluir que a falante/escritora de *LMI* é otimista, convicta, segura daquilo que diz e, por conta de seu personagem, traz a sua autoridade para o texto.

Diferente da falante/escritora de *LMI*, em *AMA*, a falante se apresenta como amiga da leitora, e, por conta disso, lança mão de um vocabulário mais simples, descontraído, com vários ditados populares, trazendo, em muitos casos, um humor para a obra, o que justifica a utilização de determinados subtipos modais mais do que outros:

- (88) [...] pero el guión, sin ninguna duda más común, es el de «Continuidad y Compromiso» conscientemente calculado desde el principio aunque tampoco le digamos absolutamente nada. Este guión, los hombre no suelen captarlo al principio, sino solo tras unas cuantas noches románticas (o no tan románticas, pero desde luego bastante apasionadas), cuando empiezan a oír sofisticadas insinuaciones que ya empiezan a sonar un poco a la terrible bicha llamada «compromiso», que como todas sabemos, es un terrible monstruo [...] (AMA, 2016, p. 15-16)

[...] mas o roteiro, sem dúvida nenhuma, é o de “Continuidade e Compromisso” conscientemente calculado desde o princípio, embora também não lhe digamos absolutamente nada. Este guia, os homens não costumam captá-lo ao princípio, mas sim só depois de várias noites românticas (ou não tão românticas, mas bastante apaixonadas), quando começam a ouvir insinuações sofisticadas que ya começam a soar um pouco como o terrível erro chamado ‘compromisso’, que como todas sabemos, é um monstro terrível [...].’

- (89) [...] y qué decir del famosísimo “Una mancha con otra se quita”, en lo que pretendemos saltar de una relación en la siguiente sin haber aún procesado la anterior [...] (AMA, 2016, p. 45)

‘[...] e o que dizer do famosíssimo “Uma mancha com outra se tira”, em que tentamos pular de uma relação para a seguinte sem ainda ter processado a anterior [...].’

- (90) [...] cuando empiezan a oír sofisticadas insinuaciones que ya empiezan a sonar un poco a la terrible bicha llamada “compromiso”, que como todas sabemos, es un

terrible monstruo, que por un increíble y misterioso proceso mágico les provoca un terrible enfermedad, que irremediavelmente suele desembocar en el conocido “Síndrome de peter Pan” [...] (AMA, 2016, p. 15-16)

‘[...] quando começam a ouvir insinuações sofisticadas que já começam a soar um pouco como a terrível ameaça chamada ‘compromisso’, que como todas sabemos, é um monstro terrível, que por um incrível e misterioso processo mágico provoca uma terrível doença, que irremediavelmente costuma resultar na conhecida ‘Síndrome de Peter Pan’ [...]’

A imagem de um sujeito convicto também faz parte do discurso da falante, que utiliza, para isso, modalizadores epistêmicos que expressam sua certeza e convicção, como no caso de *por supuesto* em (91):

- (91) Guión, que **por supuesto** nos callamos como putas, y además, **por supuesto** nos cabreadremos muchísimo con él si no lo capta y lo sigue. Pero bueno, esa es otra historia, volvamos al presente, que estábamos con los tipos de guiones que creamos, en lo que **por supuesto** hay infinidad de variaciones y permutaciones (...) (AMA, 2016, p. 15)

‘Roteiro, que **com certeza** nos calamos como putas, e além disso, **com certeza** nos irritamos muitíssimo com ele se não o captar e o seguir. Bom, essa é outra história, voltemos ao presente, que estávamos com os tipos de roteiros que criamos, no que **com certeza** há infinidad de variações e permutações (...)’

Na obra, também é possível verificar a expressão da dúvida da falante, porém os modalizadores empregados não servem para desqualificar seu saber: funcionam, muitas vezes, como uma estratégia de aproximação entre escritor e leitor, principalmente quando se trata do emprego de verbos na primeira pessoa do singular:

- (92) [...] porque yo no **creo que** aquello que se dice del famoso “con agua y jabón todo se va”, no y un rotundo no. Por supuesto que es nuestra decisión y nuestro libre albedrío y el de nadie más, pero también necesitamos comprender que todo tiene sus consecuencias, porque cuando tenemos relaciones sexuales, aparte de lo físico, se intercambia mucho más energéticamente de lo que creemos. (AMA, 2016, p. 29)

[...] porque eu **não acho que** aquilo que se fala sobre o famoso ‘tudo se limpa com água e sabão’, não é um retumbante não. Com certeza é nossa decisão e nosso livre arbítrio e o de ninguém mais, mas também precisamos compreender que tudo tem suas consequências, porque quando temos relações sexuais, além do físico, troca-se muito mais energeticamente do que achamos.’

O verbo *creer*, que está conjugado na 1ª pessoa do singular (*creo*), traz uma opinião pessoal sobre o ditado popular “com água e sabão tudo se limpa”, com o qual a falante/escritora não concorda. A partir daí, ela explica sua opinião e consegue, assim, mais credibilidade em razão do diálogo que realiza com sua leitora.

A falante/escritora, apesar de ser a autoridade da obra, coloca-se no mesmo nível do seu público, como podemos observar nos muitos empregos da 1ª pessoa do plural, como ilustra o exemplo (93) a seguir:

- (93) Si, esto nos guste o no nos guste, es lo que hay, nos hemos independizado económicamente, hemos estudiado, desempeñamos trabajos importantes, somos mujeres del siglo XXI, pero esas creencias ancestrales siguen actuando y manipulándonos [...]. (AMA, 2016, p. 18)
 ‘Se a gente gosta ou não gosta, é o que tem; nos tornamos independentes economicamente, estudamos, desempenhamos trabalhos importantes, somos mulheres do século XXI, mas essas crenças ancestrais continuam agindo e nos manipulando [...]’.

Além disso, ela traz situações que ocorrem em sua própria vida, na tentativa de se aproximar da leitora, como ilustra (94):

- (94) Recuerdo muy bien, el desagradable cosquilleo que sentí muchas veces sin prestarle atención, para posteriormente darme cuenta que aparecía siempre cuando se presentaban situaciones en las que no debiera haber entrado, o esa especie de rechazo que sentía en el estómago cuando empecé una relación con un hombre del que en realidad no estaba enamorada, solo quería creérmelo para que encajara en el rol que le adjudiqué inconscientemente [...] (AMA, 2016, p. 31)
 ‘Recordo muito bem, o desagradável formigamento que senti muitas vezes sem prestar atenção, para posteriormente me dar conta de que aparecia sempre quando havia situações que não deveriam ter acontecido, ou essa espécie de repulsa que sentia no estômago quando comecei uma relação com um homem por quem não estava realmente apaixonada, só queria acreditar nele para que se encaixasse no papel que eu lhe atribui inconscientemente [...]’

Até mesmo as ordens, permissões e proibições dadas são compartilhadas, criando um ambiente menos autoritário e amigável, como nos trechos abaixo, nos quais a falante lança mãos de elementos modais deônticos conjugados na 1ª pessoa do plural:

- (95) [...] yendo de chulitas, metidas en el papel de heroína ofendida, con actitud de «cuidado conmigo que atizo», lo cual no tiene que ver con el auténtico poder del que hablábamos antes. Todo esto es natural y humano, y está bien por un tiempo, pero también es necesario que llegue el momento en que **debemos** mirarlo a los ojos. (AMA, 2016, p. 103-104)
 ‘[...] enlouquecendo, fazendo o papel de heroína ofendida, com atitude de ‘cuidado comigo, que eu explodo’, o que não tem a ver com o autêntico poder de que falamos antes. Tudo isto é natural e humano, e está bem por um tempo, mas também é necessário que chegue o momento em que **devemos** olhá-lo nos olhos.’
- (96) A esta pregunta, por supuesto **no podemos** contestar desde el intelecto, porque aunque esto es siempre importante, sinceramente no creo que en este caso sea nuestra mente quien nos pueda dar la respuesta a esta peliaguda pregunta, [...] (AMA, 2016, p. 73)

‘Certamente **não podemos** responder essa pergunta a partir do intelecto, porque embora isso seja sempre importante, sinceramente não acredito que neste caso seja a nossa mente quem nos possa dar a resposta a esta pergunta perigosa [...].’

O desejo também está muito presente no livro. Ao almejar situações, a 1ª pessoa do plural é utilizada pela falante, criando um desejo que é compartilhado com a leitora e que fortalece a relação de cumplicidade entre elas:

(97) Cuando digo que no se inmiscuya la cabeza, no quiero decir que dejemos la inteligencia de lado, ni que dejemos de decidir, sino que no permitamos que nuestro diálogo interior deje de ser amoroso cuando más lo necesitamos, ni tampoco nos desvíe de lo principal, perdiéndonos en marañas de acusaciones al otro y en espirales de enfado y rabia, que solo nos alejan aún más de lo que verdaderamente **deseamos** y necesitamos, que es exactamente lo que nuestro dolor viene a contarnos. (AMA, 2016, p. 72)

‘Quando digo que a cabeça não deve interferir, não quero dizer para deixarmos a inteligência de lado, nem que deixemos de decidir, mas sim que não permitamos que nosso diálogo interior deixe de ser amoroso quando mais precisamos dele, nem mesmo nos desvie do principal, perdendo-nos em emaranhados de acusações ao outro e em espirais de braveza e de raiva, que só nos afastam ainda mais do que verdadeiramente **desejamos** e necessitamos, que é exatamente o que nossa dor vem nos contar.’

No parágrafo, o verbo na 1ª pessoa do plural *deseamos* transforma o desejo da falante em um desejo compartilhado entre falante e ouvinte.

Com base nos elementos destacados, podemos concluir que a falante/escritora de *AMA* é é convicta daquilo que enuncia, otimista, descontraída e, além disso, cria um ambiente amigável ao compartilhar momentos de sua vida e ao dividir a responsabilidade de ordens e desejos entre ela e suas leitoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a modalidade como uma forma de expressão da subjetividade identificada nas línguas naturais, este trabalho teve por objetivo descrever e analisar as ocorrências de modalizadores (verbos, adjetivos em posição predicativa e advérbios/locuções adverbiais) em duas obras de autoajuda escritas em língua espanhola, a partir da classificação de modalidades proposta por Hengeveld (2004), posteriormente integrada à Gramática Discursivo Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), a fim de verificar de que maneira o usuário da língua faz uso de elementos modalizadores para formular seus aconselhamentos destinados ao ouvinte (leitor), e como esses elementos modalizadores contribuem para a expressão do saber e do dever do falante.

Entre os objetivos específicos da pesquisa estavam:

- a) verificar como os modalizadores epistêmicos indicadores de certeza contribuem para a expressão do saber e da convicção do falante;
- b) verificar de que maneira os modalizadores deônticos contribuem para a expressão do dever e para a construção da autoridade do falante;
- c) verificar como a orientação da modalidade (para o participante, para o evento ou para a proposição) pode interferir no (des)comprometimento do falante com relação ao conteúdo por ele veiculado;
- d) verificar os efeitos de sentido provocados pela coocorrência de elementos modalizadores de domínios semânticos iguais ou diferentes.

Para tanto, foi organizado um *corpus* composto por duas obras de autoajuda escritas em língua espanhola e dirigidas ao público feminino. Os dados foram analisados de acordo com os seguintes critérios: i) classes gramaticais dos modalizadores; ii) pessoa gramatical e referência do sujeito (no caso dos verbos modais); iii) o alvo da avaliação modal; iv) as unidades do Nível Representacional que a modalidade toma por escopo; v) a coocorrência de modalizadores; e vi) o ethos e a cena de enunciação.

Entre os quatro subtipos modais que foram analisados nesta pesquisa, os resultados mostram, de uma maneira geral, que a modalidade epistêmica foi a mais frequente, seguida das modalidades facultativa, deôntica e volitiva. Porém, ao observar os resultados obtidos na análise individual de cada obra, verificamos que houve uma variação de frequência dos subtipos modais, o que mostrou diferentes intenções comunicativas em cada uma das obras.

Para valorizar as diferenças, além de realizarmos uma análise geral dos dados, foi feita também uma análise individual.

A modalidade epistêmica, no que diz respeito à classe gramatical dos modalizadores, foi expressa, no geral, por advérbios/locuções adverbiais, porém, ao olharmos as ocorrências das classes gramaticais previstas separadamente em cada obra, observamos que em *LMI*, a modalidade epistêmica se expressa por verbos, enquanto em *AMA*, por advérbios/locuções adverbiais. Com isso, a hipótese inicial de que os advérbios/locuções adverbiais seriam os mais recorrentes junto à modalidade epistêmica não pode ser totalmente comprovada.

A hipótese da modalidade epistêmica relacionada às pessoas gramaticais e à referencialidade também não pode ser comprovada. No início, hipotetizamos que a modalidade epistêmica estaria relacionada aos casos de sujeito de 3ª pessoa e à referência genérica, porém, os casos de referência específica foram mais frequentes, mesmo com pouquíssima diferença em relação à referência genérica. Analisando as obras separadamente, em *LMI* a indeterminação foi predominante, enquanto em *AMA* a referência específica de 1ª pessoa foi a mais recorrente. Essa alternância comprova que em cada obra as estratégias comunicativas usadas pelo falante/escritor são diferentes.

Em relação à modalidade epistêmica e o seu alvo de avaliação, no geral, os dados mostram que o alvo da modalidade epistêmica teve sua orientação para a proposição, porém na análise individual de cada obra vemos que há uma diferença, o que nos impediu comprovar a hipótese inicial de que o alvo mais frequente seria a proposição. Em *LMI*, a orientação para o evento foi a mais frequente, enquanto em *AMA*, a orientação para a proposição foi a mais frequente, o que determinou, também, as unidades do Nível Representacional que a modalidade toma por escopo. Em *LMI*, houve predomínio da camada do Estado de Coisas (em que se alojam os eventos), enquanto em *AMA* houve predomínio da camada do Conteúdo Proposicional (unidades mais altas segundo a hierarquia do modelo). A orientação para o evento mostra uma tentativa de distanciamento daquilo que é dito, enquanto a orientação para a proposição apresenta um certo comprometimento do falante com seu enunciado, pois se trata dos julgamentos do próprio falante.

A modalidade facultativa teve uma maior ocorrência com verbos que expressam a capacidade/habilidade de um participante, seja ela intelectual ou intrínseca, comprovando a nossa hipótese inicial de que ela seria mais frequente com verbos modais.

A hipótese de que os modalizadores facultativos estariam relacionados à 2ª pessoa específica não pode ser comprovada, pois há uma diferença de usos, tanto da pessoa quanto da referencialidade, nas duas obras que integram o *corpus*. Em *LMI*, a 3ª pessoa gramatical de

referência genérica prevaleceu, enquanto em *AMA* foi a 1ª pessoa gramatical de referência específica que apresentou maior frequência.

Em relação ao alvo da avaliação modal, os modalizadores facultativos tiveram como escopo, em maior frequência, um participante. Isso já era esperado, pois, a autoajuda tem como objetivo principal aconselhar, de uma maneira otimista, o seu leitor. O mesmo ocorreu com as unidades do Nível Representacional: a camada da Propriedade Configuracional foi a mais frequente em ambas as obras, o que já era esperado, pois os modalizadores que tomam por escopo tal camada têm um participante específico como alvo.

Em relação à modalidade deôntica, comprovou-se, como hipotetizado, que os verbos modais são a classe gramatical mais frequente por serem mais produtivos na língua do que os advérbios e adjetivos em posição predicativa.

Já em relação à pessoa gramatical e à referência do sujeito, o hipotetizado inicialmente não se pode comprovar, pelo menos parcialmente. A hipótese inicial defendida era de que os modalizadores deônticos teriam uma maior frequência junto à 2ª pessoa gramatical específica. Em *LMI*, a 2ª pessoa gramatical específica foi mais recorrente, como o previsto, mas em *AMA*, o emprego da 1ª pessoa gramatical no plural foi o mais frequente. Observamos que o emprego da 2ª pessoa específica distancia o falante de seu ouvinte. Já o emprego da 1ª pessoa específica no plural aproxima o falante do ouvinte, colocando-os numa mesma posição hierárquica, estratégia que contribui para atenuar as ordens dadas.

No que diz respeito ao alvo de avaliação modal, a modalidade deôntica teve uma maior incidência sobre o evento, contrariando o que foi hipotetizado. Consideramos que a orientação para o evento contribui para proteger a face do falante, visto que a expressão da obrigação fica diluída no contexto na maioria das vezes, não sendo dirigida todo o tempo a um participante específico, o que poderia soar como agressivo.

Quanto às unidades do Nível Representacional, a modalidade deôntica teve uma maior incidência na camada do Estado de Coisas, o que não era esperado, visto que no contexto da autoajuda as orientações costumam ser dirigidas a participantes específicos, o que no modelo se representaria pela camada da Propriedade Configuracional.

A modalidade volitiva foi a menos frequente no *corpus*, sendo expressa apenas por verbos modais (auxiliares e plenos), comprovando nossa hipótese inicial. No caso da pessoa gramatical, as ocorrências de sujeito de referência específica foram as mais frequentes para esse tipo modal. Em *LMI*, a 2ª pessoa de referência específica foi mais recorrente, enquanto em *AMA* a preferência foi pela 1ª pessoa do plural, de referência específica. Aqui também

diferentes estratégias comunicativas permitiram o distanciamento dos desejos (como em *LMI*) e a aproximação entre falante e ouvinte (*AMA*).

A hipótese referente ao alvo da avaliação da modalidade volitiva também pode ser comprovada. Ambas as obras apresentaram modalizadores orientados para o participante, o que fatalmente determina uma maior frequência da camada da Propriedade Configuracional como alvo da avaliação modal.

Em relação à coocorrência de modalizadores de um mesmo subtipo modal, observou-se que os modalizadores epistêmicos de certeza reforçam a convicção da falante, servindo a um aumento da certeza e da confiança nos aconselhamentos, enquanto a coocorrência de modalizadores epistêmicos de dúvida foi frequente em situações de narrativas hipotéticas, apresentadas como possíveis problemas a serem enfrentados. Já a coocorrência de modalizadores deônticos reforçou a autoridade da falante e mostrou que por vezes há uma relação hierárquica entre falante e ouvinte.

Na coocorrência de elementos modais de subtipos diferentes, observou-se que o emprego de modalizadores epistêmicos e deônticos contribui para o reforço da autoridade do falante, assim como a ocorrências de deônticos com facultativos e de deônticos com volitivos. Já a coocorrência de epistêmicos e facultativos contribui para construir a convicção da falante em seu papel de destacar a capacidade do ouvinte, suas leitoras, incentivando-as a conquistar seus objetivos e realizar seus sonhos.

Para a análise da imagem da falante/escritora, foram tomados da Análise do Discurso os conceitos de ethos discursivo e de cenas da enunciação, com o intuito de complementar nossa análise referente à expressão do saber e do dever nas obras analisadas. Com relação a esses critérios, as obras foram descritas separadamente.

A partir da análise desses elementos, podemos comprovar que as duas obras apresentam um tom otimista, respaldadas em falantes/escritoras convictas e seguras daquilo que aconselham aos seus ouvintes/leitores. Entretanto, a cenografia de cada obra é diferente, o que influenciou na escolha das expressões modalizadoras empregadas. Em *LMI*, a falante se coloca como uma “mãe”, trazendo um tom de autoridade para o texto, enquanto em *AMA*, a falante se coloca como “amiga” de sua ouvinte e por vezes se apresenta como uma mulher que sofre assim como suas leitoras. Isso torna o texto descontraído, amigável e mostra a divisão da responsabilidade na busca pelo sucesso por meio do emprego de modalizadores orientados para o evento e da primeira pessoa do plural, com relativa frequência.

Tendo em vista a discussão aqui realizada sobre o saber e o dever do falante nas obras de autoajuda analisadas, esperamos ter contribuído com os estudos funcionalistas sobre

modalidade em língua espanhola, além de promover uma associação entre duas correntes teóricas bem distintas: o Funcionalismo de linha holandesa, por meio da Gramática Discursivo-Funcional, e a Análise do Discurso, por meio dos conceitos de ethos discursivo e cenas da enunciação.

Como possíveis desdobramentos deste trabalho, é possível pensar no desenvolvimento da análise de modalizadores em textos de autoajuda de mulheres para mulheres em língua espanhola voltados para outras temáticas, como questões financeiras e mercado de trabalho, com o intuito de verificar como o emprego de construções modalizadoras influencia na qualificação do saber e do dever do falante.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A categoria da modalidade. *Uniletras*, Ponta Grossa, n.10, p.10-24,1988.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 133p.
- BRADBURY, R. *Fahrenheit 451*: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. 3. ed. São Paulo: Globo, 2020.
- BRUNELLI, A. F. *O sucesso está em suas mãos*: análise do discurso de autoajuda. 2004. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Os valores do verbo modal *poder* em português: da língua ao discurso. In: *XV Congresso Internacional de ALFAL*, 2008, Montevideo-Uruguai. Actas. Montevideo-Uruguai: ALFAL, 2008.
- BRUNELLI, A. F.; DALL’GLIO-HATTNER, M. M. As qualificações do saber, do dever e do poder: uma análise linguística do discurso de autoajuda. In: BARONAS, R. L; MIOTELLO, V. (org.). *Análise do discurso*: teorizações e métodos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. p. 13-32.
- BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. O comportamento do verbo modal poder no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. *Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 1, p. 61-70, 2011.
- BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. A manifestação das diferentes modalidades no emprego do verbo auxiliar poder em português e em espanhol: análise do discurso de autoajuda. *Signo & Seña*, v. 22, p. 165-180, 2012.
- BRUNELLI, A. F. Estereótipos e desigualdades sociais: contribuições da psicologia social à análise do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 58, n. 1, p. 25–43, 2016. DOI: 10.20396/cel.v58i1.8646152. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646152>. Acesso em: 14 jun. 2024.
- CARRASCOSSI, C. N. de S. *Interpretação dos verbos modais poder e dever na língua portuguesa*. 2003. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. *O achar no português do Brasil*: um caso de gramaticalização. 1999. 167f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1587218>. Acesso em: 2 fev. 2025.
- CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. 2007. 108 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2007.

CASTILHO, A. T. de. O modalizador “realmente” no português falado. *Alfa*, v. 44, p. 147-169, 2000.

CASTILHO, A. T.; ILARI, R.; NEVES, M. H. M.; BASSO, R. M. O advérbio. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, v. 3: Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014. p. 267-344.

CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: EDUC; Campinas: Pontes, 1991.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. 1995. 163f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Uma análise funcional da modalidade epistêmica. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 40, p. 151-173, 1996.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. *Gragoatá*, v. 14, n. 27, p. 155-168, 2009.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part 1: The Structure of the Clause. 2.ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997a.[1989]

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part 2: Complex and Derived Constructions. 2.ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b.

DURIGON, V. Q. *Uma investigação funcional do verbo modal deber no espanhol falado peninsular*. 2015. 149 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2015.

FERRARI, L. D. Verbos modales: grados de gramaticalización. *Anales del Instituto de lingüística*. v.30-31, p. 103-121, 2008-2009.

GASPARINI BASTOS, S. D; BRUNELLI, A. F. A coocorrência de elementos modais em obras de autoajuda dirigidas a mulheres. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 48, n. 1, p. 262–275, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i1.2280. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2280>. Acesso em: 05 jun. 2022.

GONÇALVES, T. J. A modalização deontica em artigo de opinião. In: BERNARDO, S.; AUGUSTO, M. R. A.; VASCONCELLOS, Z. (org.). *Linguagem: teoria, análise e aplicações*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. p. 441-452.

HEINE, B. Agent oriented vs. epistemic modality: Some observations on German modals. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 17-53.

- HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds.). *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. Tradução por Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-86.
- HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 580-594.
- HENGEVELD, K.; HATTNER, M. M D. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. v. 2: Classes de palavras e processos de construção.
- KAPP-BARBOZA, A. M. M. *Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro*. 2017. 165f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciência Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2017.
- KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1993.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 2, 1977.
- MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAINGUENEAU, D. A cena enunciativa. In: MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas, SP: Pontes/ Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997. p. 29-52.
- MAINGUENEAU, D. O ethos. In: MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Editora Cortez, 2000. p. 95-103.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo, Contexto, 2008. p. 11-29.

- NAGAMURA, G. H. *Análise funcional dos evidenciais e modalizadores no discurso da autoajuda da saúde*. 2011. 89f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.
- NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado 6: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 163-195.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambiguidades. *Alfa*, v. 44, p. 115-145, 2000a.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000b. p. 25-65.
- NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado 6: Desenvolvimentos*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002. p.163-200.
- NEVES, M. H. M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. In: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021. p. 152-221.
- NOGUEIRA, A. L. F. *Uma investigação diacrônica da construção modal "tener que" no espanhol peninsular sob perspectiva da gramaticalização*. 2019. 194f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.
- NUYTS, J. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. *Linguistics*, v. 31, p.933-69, 1993.
- NUYTS, J. Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions. *Journal of pragmatics*, Amsterdam, v. 33, p. 383-400, 2001.
- OLBERTZ, H. Periphrastic Expressions of Non-epistemic Modal Necessity in Spanish – a Semantic Description. In: GARACHANA, M.; MONTSERRAT, S.; PUSCH, C. (eds.). *From Composite Predicates to Verbal Periphrases in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 1-25.
- OLBERTZ, H.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Objective and subjective deontic modal necessity in FDG – evidence from Spanish auxiliary expressions. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (eds.) *Casebook in Functional Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 277-300.
- OLBERTZ, H.; DALL’AGLIO-HATTNER, M. M. On objective and subjective epistemic modality again: evidence from Portuguese and Spanish modal auxiliaries. In: KEIZER, E.; OLBERTZ, H. (org.). *Recent developments in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 132-168.

OLIVEIRA, A. S. Modalidade volitiva e construção argumentativa nos discursos de Donald Trump em língua espanhola. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 1, n. 20, p. 51-80, 2020.

OLIVEIRA, A. S.; NOGUEIRA, M. T.; PRATA, N. P. P. A modalidade volitiva em língua espanhola: uma análise funcionalista em discursos de investidura. *In: PRATA, N. P. P.; PEREIRA, G. C.; PONTES, V. O.; ADERALDO, M. F. Espanhol em Pauta: perspectivas teórico-analíticas*. Curitiba: Editora Appris, p. 153-168, 2017.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PARREIRA, A. C. de L. Gramaticalização de orações avaliativas completivas do verbo achar. 2014. 162 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

PARRET, H. *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlim: De Gruyter, 1976.

PERKINS, M. R. *Modal expressions in english*. Londres: Frances Pinter (publishers), 1983.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

PRATA, N. P. P.; NOGUEIRA, M. T. Modalidade deôntica e discurso midiático. *Domínios de Linguagem*, v. 11, n. 3, p. 627-657, 2017.

RAMÍREZ, Patricia. *Entrénate para la vida*. Espanha: Editorial Espasa, 2012.

REYO, Z. *La mujer interior: ¿eres consciente del poder que tienes?* Barcelona: Ediciones Luciérnaga, 2011. 203p.

RINALDI, N. *Um estudo sobre os diferentes valores modais do verbo 'poder' em entrevistas jornalísticas do espanhol*. 2015. 125 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2015.

RÜDIGER, F. *Literatura de autoajuda e individualismo: contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massas*. 2.ed. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.

SILVA-CORVALÁN, C. Contextual conditions for the interpretation of poder and deber in Spanish. *In: BYBEE, J., FLEISCHMAN, S. (eds.). Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 67-106.

SEARLE, J. R.. Indirect Speech Act. *In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (org.). Syntax and Semantics*. V. 3: Speech Acts. Orlando: Academic Press, 1975.

UEDA, M. C. B. *O ethos das obras de autoajuda para terceira idade*. 2014. 104 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

VÁZQUEZ, M. M. *A mi amada*. Madrid: Equipo Difusor del Libro, 2016. 247p.

VERNI, R. P. *Mulheres boazinhas não enriquecem*: ethos e estereótipos no discurso de autoajuda para mulheres. 2019. 135f. Dissertação (Mestrado) – Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2019.

VERNI, R. P.; BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Modalidade, ethos e estereótipos nos aconselhamentos sobre finanças para mulheres. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 61, 2019. p. 1-19.